



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - UFSC

CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - CFH

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

ANTONIETA DE BARROS: UMA HISTÓRIA

KARLA LEONORA DAHSE NUNES

ORIENTADOR:

PROF. DR. ÉLIO CANTALÍCIO SERPA

FLORIANÓPOLIS, INVERNO DE 2.001.

O presente Trabalho é dedicado à Sofia e à Laura,
filhas abençoadas que souberam entender este tempo de
“ausência”, amando-me incondicionalmente...

SUM, RIO

Resumo	04
Agradecimentos	06
Introdução	09
Capítulo I – A Década de Trinta nas Crônicas de Antonieta de Barros	24
Capítulo II – Magistério: Sonhos e Desencantos	61
Capítulo III – Antonieta: A Novidade Feminina na Política Catarinense	96
1. A Segunda Legislatura de Antonieta de Barros...	122
Considerações Finais	142
Referências Bibliográficas	144
Fontes	151
Anexos (figuras)	153

RESUMO

Antonieta de Barros é uma personagem feminina que inaugura o cenário político catarinense por ter sido eleita a primeira deputada na Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina em um tempo (1934) e um espaço (um Estado onde não foram observados substanciais movimentos pró-sufrágio feminino) onde tal fato ainda estava muito distante da maioria das mulheres negras de nossa terra. Por ter representado, ainda que não intencionalmente, a quebra de estereótipos relacionados à etnia, classe social e gênero, acredito que sua trajetória tenha sido um marco na luta dos que se interessam em promover em nosso país uma democracia de fato, onde à todos, seja possível exercer os direitos da cidadania plena.

Através da leitura de suas crônicas, propus-me observar os movimentos sociais, políticos, econômicos e culturais acontecidos no Brasil, sobretudo na década de trinta e sua repercussão em Florianópolis tentando manter o olhar da historiadora. Assim, este trabalho apresenta apenas *uma* parte da história de vida de Antonieta de Barros. Apresenta apenas *uma*, entre as tantas histórias possíveis de serem contadas.

ABSTRACT

Antonieta de Barros was a female personage that inaugurates the politic scenario catarinense because she was elected the first deputy in the Legislative Assembly of Santa Catarina state, in a time (1934) and a place (in a state where we couldn't observed essentials female movements pro-suffrage) where this fact was very far from the black women in this country. To have represented, even so it wasn't intentionality, the break of stereotype related with ethnic, social class and genus, I believe that her trajectory had been a mark on the fight of those who want to promote a democracy in our country, where everybody can exercise the justice of complete citizenship.

Reading her chronicles, I proposed myself to observe the social, politic, economic and cultural movements that had happened in Brazil ,specially on the thirties decade and it repercussion in Florianópolis, trying to keep the historian view. In this way, this work represent only *one* part of Antonieta de Barros life. Represents only *one*, among the many histories that is possible to tell.

AGRADECIMENTOS...

Mesmo que numerosas páginas sejam escritas com os nomes de todos aqueles que estiveram direta ou indiretamente presentes neste trabalho fossem editadas, faltaria sempre algum nome que, despercebido, possivelmente se ressentiria. A estes peço, humildemente, que me desculpem, gostaria de abraçar um a um em agradecimento, em reconhecimento, mas como sempre, o tempo me vence as intenções e as letras são escassas quando queremos expressar sentimentos.

Alguns nomes, no entanto, merecem muito mais do que referências e, uma vez impressos, norteiam meu desejo para que sejam 'imortais'. Faz-se mister, não só agradecer, mas reverenciar pessoas como as Professoras Maria Teresa Santos Cunha e Maria Bernardete Ramos Flores, por terem acreditado na viabilidade da escrita desta Pesquisa dentro daquilo que se propõe a História.

Maria Teresa, a professora amiga e orientadora no sentido original da palavra, onde a magnânima indicação das leituras conduziu-me ao resultado final. Guia com palavras sempre afáveis... Pela sua calma, paciência, atenção, carinho, competência e inteligência, sinto que lhe devo muito mais que um simples *muito obrigada*, mas quando os sentimentos têm que ser expressos por palavras, talvez essa seja a que melhor o sintetize.

Professora Maria Bernardete Ramos Flores que com tanto carinho e atenção em suas leituras, soube corrigir e orientar-me no percurso da arte de escrever sem as tentações dos devaneios que conduzem a caminhos às vezes, alheio a História.

Ao Professor Élio Cantalício Serpa que por ocasião da aposentadoria da Professora Maria Teresa aceitou prosseguir a orientação desta Pesquisa. Com sua atenção e disponibilidade, possibilitou-me a tranquilidade na continuidade da escrita.

Ao amigo Rogério Rosa Rodrigues por ter me *apresentado* a personagem tema desta Dissertação.

Meu reconhecimento à Universidade Federal de Santa Catarina nas pessoas dos professores do Curso de Pós Graduação em História.

A Nazaré, nosso socorro em assuntos administrativos e, às vezes, aos assuntos que extrapolam a estes. Ouvidos atentos às minhas solicitações, não houve sequer uma vez que de lá tenha saído sem o solicitado.

Ao CNPq pelo auxílio financeiro neste segundo ano de Curso que foi muito importante, pois, sem o ‘financeiro’ pouco conseguimos no Universo das Pesquisas.

Aos amigos Wayne e Simoni pela solicitude em emprestar-me, várias vezes não só o computador, mas seus ouvidos e paciência.

Ao Setor de Obras Raras da Biblioteca Pública, especialmente à Dona Mercedes por tentar, não raro, o impossível ao disponibilizar obras tidas como ‘inacessíveis’.

Ao Arquivo Permanente Da Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, especialmente à Maria Helena.

A Ivanir pelo “segurar as pontas” nas inúmeras vezes em que tive de ausentar-me para dar prosseguimento à pesquisa.

A Lucimary pela revisão ortográfica e aos amigos Rafael e Giselli que gentilmente fizeram a tradução para o inglês.

À Secretaria Estadual de Educação e Desporto do Estado de Santa Catarina.

Ao Gabinete da Deputada Ideli Salvatti que, ao alavancar as comemorações ao centenário de nascimento de Antonieta de Barros, disponibilizou-me material iconográfico e diversos nomes de pessoas que estiveram relacionadas à personagem desta Dissertação e que serviram como fontes orais a enriquecer nossos conhecimentos.

Ao Grupo de Mulheres Negras “Antonieta de Barros” pelo intercâmbio de informações.

Ao Vereador Márcio de Souza por ter cedido tão gentilmente a letra do samba enredo que homenageou Antonieta de Barros.

À minha mãe e ao meu querido César, “meus portos seguros” a quem, certamente devo além de agradecimentos, também pedidos de desculpas...

Enfim, aos amigos que foram se agregando neste caminhar sempre tão cheio de percalços, trazendo-me a alegria e aliviando-me os pesares... Muitos, muitos obrigadas a todos!

INTRODUÇÃO

Durante a Graduação, muitos pensamentos me inquietavam no concernente às construções dos papéis femininos e masculinos, sobretudo na política. Instigava-me o apoliticismo feminino, a aparente não atuação das mulheres neste campo. Em meu olhar simplista, quase ingênuo, não vislumbrava o além do que os olhos e ouvidos podiam registrar como *verdades*. Para mim pareciam ser *verdades* que as mulheres estavam acomodadas em suas mais diversas funções, que não tinham interesse no público de um modo geral, e na política especificamente. Queria, no entanto, entender o porquê disso. Não percebia ainda de maneira clara a singularidade desta mística, do quanto os espaços políticos em nossa história estiveram absolutamente cerradas ao gênero feminino.

As mulheres lutaram e continuam lutando para adentrar neste campo tão restrito que é a política, aqui entendida como a atividade exercida na disputa dos cargos ao governo, mas essa luta, curiosamente, só parece ser possível vislumbrar quando nos propomos à estudos mais sistemáticos. Do contrário, pelo olhar à volta, o fato está dado como algo que não é lícito à natureza feminina, “política é coisa para homem”, e as poucas mulheres que lá estão surpreendem pelo inusitado, encontram-se “deslocadas”, ou seja, parecem estar fora de seu lugar *natural*.

Meu amigo, Rogério Rosa Rodrigues, que desenvolvia uma pesquisa sobre Movimentos Anti Racistas em Florianópolis na década de setenta, chegara, casualmente, ao nome de Antonieta de Barros porque ouvira em entrevistas várias referências ao inédito desta personagem negra ter adentrado no difícil, quase inacessível, campo político numa época em que as oligarquias catarinenses revezavam-se no poder. Assim, um de seus entrevistados, hoje vereador Márcio de Souza, indicara que o Grêmio Recreativo e Cultural Escola de Samba Acadêmicos do Samba

homenageou Antonieta fazendo de sua história tema carnavalesco do referido bloco em 1987. Em pesquisas posteriores, verifiquei que o Enredo foi *„Um Carnaval Para Professora Antonieta De Barros%φ* cujo samba-enredo teve como título *„De letra em Letra Se Constroem Vidas%φ* ficando assim composto por Nazareno e Mato Grosso:

*„De letra em letra, seu legado é a lição,
Vidas se constroem com amor e união!
Vida coroada de glória,
O jornal, a oratória, mestra exemplar!
Escritora de estilo, da política ao asilo,
Mas nunca se deixou entregar.
Guiada pela mão do Criador,
Na luta por um ideal,
Com perseverança e humildade,
Em busca de igualdade, liberdade e justiça social!
Antonieta de Barros, „a negrinha%φé tema de
Nosso carnaval!%φ*

No momento em que pesquisou sobre os Movimentos Anti Racistas, Rogério observou que curiosamente pouco, quase nada, sabia-se sobre a personagem além do fato de ter sido Deputada ainda na década de trinta, professora e cronista. Encontravam-se, aparentemente parcas e dispersas notas biográficas em fontes que se repetiam nas mesmas informações. Pensou que esta curiosidade me intrigaria como de fato intrigou. Sabia de meu interesse em pesquisar “mulheres na política” e meu desafio passou a ser entender o porquê de Antonieta estar praticamente submersa na escrita da História em Santa Catarina, mesmo tendo vivido uma circunstância excepcional, ter tido um papel de destaque na sociedade o que, via de regra, a faria emergir e não o contrário como foi verificado.

Os questionamentos sobre os motivos do aparente “abandono” da história desta mulher são quase inevitáveis e sugerem seguir as supostas causas relacionando-as à questão gênero e/ou etnia.

Além de me interessar pela história das mulheres na política, estava exercendo uma monitoria na disciplina de História da América II, junto à Professora Marlene de Fáveri, entusiasta pesquisadora do “gênero na história” (não de uma história no 'feminino') que me indicou bibliografias específicas¹ as quais ajudaram-me a melhor elaborar minhas questões.

Motivada à pesquisa sobre Antonieta de Barros, analisei a produção historiográfica catarinense tida como *clássica* ou tradicional, quase sempre centrada nos estudos dos membros de uma elite em que são mais proeminentes os nomes masculinos.

Após tais leituras, envolvi-me ainda mais em questionamentos sobre a participação feminina na cena política na década de 30, sobretudo após o Decreto que permitiu o voto feminino no processo sufragista brasileiro. Reparei que o nome e o rosto de Antonieta pareciam estar apagando-se da memória histórico-catarinense. Era notória também nas entrevistas realizadas, a sofreguidão em resguardar nos recônditos insólitos da lembrança e da saudade dos mais velhos, resquícius de *um lembrar*, de *uma memória*.

Debrucei-me então na difícil tarefa de registrar a história de vida de Antonieta de Barros advertida pela leitura, principalmente de Bourdieu, que *„falar de história de vida é pelo menos pressupor · e isso não é pouco · que a vida é uma história...%”*². Inegavelmente um problema porque eu poderia recolher os fragmentos da vida de Antonieta de Barros, mas para preencher os espaços deixados em branco não poderia como faz, por exemplo, um literato, usar de artifícios que me distanciassem do

¹ Das muitas, destaco nesta fase as leituras de: MALUF, Marina. Ruídos da Memória. São Paulo: Ed. Siciliano, 1995. PEDRO, Joana Maria. Mulheres Honestas e Mulheres Faladas: Uma Questão de Classe. Florianópolis: Ed. UFSC, 1994; LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. Outra Face do Feminismo: Maria Lacerda de Moura. São Paulo: Ática, 1984.

² BOURDIEU, Pierre. A Ilusão Biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (org). Usos & Abusos da História Oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 183.

compromisso com o *mundo real* das fontes documentais porque as interpretações realizadas pelos historiadores, como escreve Benito Schmidt³, parodiando Thompson⁴, „*devem ser sempre julgadas pelo tribunal de apelação da história: o passado e seus vestígios*”⁵. O eterno dilema do historiador, deixar falar as fontes, sem “inventiones”. E eu, que desejo o status de historiadora, não pude me furtar de tais recomendações. Como Clarice Lispector bem traduziu em palavras: „*Meu enleio vem de que um tapete é feito de tantos fios que não posso me resignar a seguir um fio só; meu enredamento vem de que uma história é feita de muitas histórias. E nem todas posso contar.*”⁶

Disso, a escolha do título desta Dissertação: “Antonieta de Barros: Uma História”, porque outras *histórias*, além das já existentes ainda hão de vir sob outros enfoques, complementando, criticando, elucidando...

A biografia tornou-se um gênero, digamos, secundário da História a partir dos *Anales* porque havia um desejo de se contrapor à história tida como positivista, em que se costumava dar um enfoque de extrema valoração aos “heróis”, aos grandes vultos preterindo muitas vezes a análise pormenorizada, exaltando fatos, quase sempre grandiosos acerca destes supostos heróis e esquecendo-se ou omitindo os heróis anônimos que se forjam na dura labuta cotidiana.

Contudo, observa-se novamente um grande interesse, quer seja do público leitor, quer dos pesquisadores, quem sabe uns motivando outros, pelo *retorno* à biografia no âmbito da História, talvez como “*uma maneira da opinião pública da massa exercer alguma forma de poder sobre os ilustres e famosos que os esmagam com*

³ SCHMIDT, Benito Bisso. Luz e Papel, Realidade e Imaginação: As Biografias na História, no Jornalismo, Na Literatura e No Cinema. In: SCHMIDT, Benito (org.) O Biográfico: Perspectivas Interdisciplinares. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000. p. 68.

⁴ THOMPSON, E. P. Miseria de La Teoria. Barcelona: Grijalbo, 1981. p. 74.

seu brilho real ou aparente”, como justifica o conselho editorial da Revista Brasileira de História em apresentação ao *dossier „Biografia, Biografias*” editado em 1997⁵.

A biografia como trabalho de pesquisa de um historiador calcado nos pressupostos científicos da História teria assim, supostamente, o estatuto de “verdade” e isto a distanciaria, se é que se pode assim pensar, das demais obras igualmente biográficas realizadas por profissionais de outras áreas, obviamente não os eximindo de uma aproximação com a “verdade”, porém de uma forma esteticamente, quem sabe, mais livre.

Mas este *retorno* traz também, no mínimo um questionamento que impele a também no mínimo um desafio, que é:

*[...] de como es posible realizar hoy una biografía que no sea un simple relato apasionado, cronológico, de acontecimientos engrandecidos falsamente, de la historia y de la vida de un hombre, sino que, por el contrario, se afirme mas bien como una a recuperación compleja de la curva de un determinado destino individual, desde las perspectivas que la historia social desarrolló lenta y sistemáticamente durante las últimas quince décadas vividas[...]*⁶

Desafios, aliás, ao escrevermos, é com o que mais lidamos. Assim, ao escrever esta história de vida, tento ter como *pano de fundo* a(s) história(s) da cidade de Florianópolis na década de trinta, as histórias de vida das mulheres que se envolveram

⁵ Revista Brasileira de História. São Paulo: ANPUH, ed. UNIJUÌ, vol. 17, nº 33, 1997 (Apresentação)

⁶ ROJAS, Carlos Antonio Aguirre. La Biografía Como Género Historiográfico – Algunas Reflexiones Sobre Sus Posibilidades Actuales. In: SCHMIDT, op cit, p. 14 e 15.

explicitamente em lutas por melhorias na educação, pelo direito ao voto. Intrinsecamente também busco as histórias das mulheres que não se envolveram, quer com as questões políticas, quer com as educacionais. Tento fugir do “relato apaixonado” e da ilusão de poder tratar uma vida como se fosse “[...] *um conjunto coerente e orientado*”, como se fosse uma *história* que apresenta sistematicamente um começo, um meio e um fim. Tento perceber a personagem no contexto em que ela se forja, buscando em suas crônicas *um* relato da história. Entre tantas tentativas, é possível que muito me tenha escapado aos sentidos e às pretensões.

Assim, a dissertação é uma tentativa de evidenciar o que pesquisei e neste ínterim vale dizer que, sobre a personagem, encontrei dados que às vezes pareciam laudatórios, como por exemplo, os encontrados nos jornais da época, (não esquecendo que os mesmos eram espécies de "agremiações partidárias") e outros, pesquisados, sobretudo nos livros dos professores e historiadores Oswaldo Rodrigues Cabral⁸ (este inclusive contemporâneo à Antonieta tendo sido seu colega como Deputado em 1947) e Walter Piazza⁹, tão “econômicos” em referências que instigam sobre a sua aparente displicência em relação a este assunto específico, visto que em outros costumavam não ser tão “econômicos” e descrever detalhes, às vezes minúcias, que quase conseguem fazer *enxergar* as imagens descritas.

Nos jornais que me foram possíveis pesquisar, nos disponíveis por não estarem ou já terem passado por restauração na Biblioteca Pública Estadual, principalmente no primeiro semestre do ano 2000: **República, O Estado, Dia e Noite, A Pátria, Correio do Estado, A Gazeta**, e nos escritos de Antonieta reunidos e editados em um livro cujo

⁷ BOURDIEU, A Ilusão Biográfica, op cit., p. 184.

⁸ CABRAL, Oswaldo Rodrigues. História de Santa Catarina. Rio de Janeiro: Lunardelli, 1970.

⁹ PIAZZA, Walter Francisco. Dicionário Político Catarinense. Florianópolis: ALESC, 1985; Santa Catarina: História da Gente. Florianópolis: Lunardelli, 1987.

título usado foi o mesmo das epígrafes nos jornais, que era “Farrapos de Idéias”, consegui, o que considero suficiente material para dar prosseguimento ao estudo gerador desta Dissertação.

Farrapos de Idéias é o título do livro que Antonieta de Barros publicou em 1937 como uma coletânea de crônicas que, costumeiramente, eram escritas para os jornais de Florianópolis, destacando-se entre estes o jornal **República** e **O Estado**. Pode-se pensar que, ao fazê-lo, Antonieta estaria aspirando aos ideais burgueses, pois, *Associações de Caridade* eram criadas como entidades formadas, sobretudo, por mulheres de alto poder aquisitivo. Talvez esta fosse uma forma de se destacarem ou de circularem no espaço público então, ainda muito restrito para o elemento feminino. Joana Maria Pedro, através de suas pesquisas constatou que “[...] *no século XX as mulheres da elite passaram a exercer uma Ânissão irradiadora*” *De educadora dos filhos passaram, também, a serem transmissoras de cultura na sociedade. Além de mães carinhosas e dedicadas, passaram a figurar como Âneméritas* e protetoras dos pobres%¹⁰

Antonieta, aos jornais, assinava com o pseudônimo de *Maria da Ilha* e abordava temas que se revezavam entre a Educação de um modo geral, virtudes morais e cívicas, política e a falta de acuro das autoridades em relação especificamente à Educação feminina, bem como alguns comentários sobre as revoluções no país e no mundo nos tumultuados anos trinta e as campanhas antianalfabetismo.

Interessante observar que começou a escrever aos jornais como cronista no ano de 1929 (**Folha Acadêmica** e **República**). De 1934 à 1945, poucos escritos serão efetuados, possivelmente por estar envolvida com atividades Parlamentares e, depois

¹⁰ PEDRO, Joana Maria. Op. Cit., p. .89.

que foram fechadas as Assembléias Legislativas por Ato de Getúlio Vargas em 1937, ter assumido a Direção do Instituto Dias Velho. Porém, a partir de 1945, manterá certa regularidade na escrita, só encerrando em fevereiro de 1951 (**O Estado**), pouco antes de seu falecimento. Contudo, sua vida social-intelectual no ano de 1925 já era bastante intensa. Além de seu nome figurar no quadro dos sócios integrantes do *Centro Catharinense de Letras* (fundado em 4 de janeiro de 1925), também era a primeira secretária da *Liga do Magistério*, como observa o historiador e professor Carlos Humberto Corrêa¹¹.

Originariamente editado em 1937, o livro „*Farrapos de Idéias*” foi reeditado ainda em 1971 e 2001. Na primeira edição obedeceu ao objetivo de angariar fundos para a construção de uma Escola, chamada de “Preventório”, hoje Educandário Santa Catarina, que se destinaria a abrigar crianças, filhas de pais portadores de Hanseníase internados na então Colônia Santa Tereza. Antonieta, ao escrevê-lo, justificava-se dizendo não ter aspirações literárias. A obra parecia não estar obedecendo aos rigores estéticos literários da época. Era uma coletânea de crônicas sobre os mais diversos assuntos. Na introdução, a autora escreve: „*É simples, muito simples a razão de ser deste livro. Se não fora um instante de grande entusiasmo de fraternidade, em que o coração se coloca mais alto do que a cabeça, este livro não existiria. E não existiria, porque os meus Farrapos, eu os fiz para que tivessem a vida breve, diminuta, exígua e quase despercebida de cada número de jornal [...]*”¹¹ desculpendo-se, possivelmente, aos atentos e severos críticos.

Na segunda edição, em 1971, o livro teve a função de uma póstuma homenagem prestada por Leonor de Barros à irmã pelo que seria seu septuagésimo

¹¹ CORRÊA, Carlos Humberto P. História da Cultura Catarinense: O Estado e as Idéias. Volume I. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 1997, p. 169 e 172.

aniversário. Dona Leonor conservou a destinação de beneficência do livro e ofereceu os recursos arrecadados com a venda à direção da Campanha Nacional das Escolas da Comunidade em prol da construção da sede própria do Ginásio Antonieta de Barros, justificando na Introdução: „*Com este meu gesto, quero prestar a homenagem da minha saudade àquela que me foi a Irmã, a Amiga e a companheira de todas as horas [...]*”¹²

A terceira edição deu-se no recente julho de 2001, durante as comemorações alusivas ao centenário de nascimento de Antonieta de Barros. Os volumes desta terceira tiragem destinar-se-ão às bibliotecas e escolas públicas catarinenses e, nas palavras da comissão encarregada e responsável pelos eventos comemorativos do Centenário: “[...] *também será doada para estudantes, pesquisadores, historiadores e instituições governamentais e não governamentais afinados com as causas educacionais e culturais*”. Na apresentação lemos:

*Nesta terceira edição, coerentes com os objetivos e idéias da autora, a Comissão do Centenário de Antonieta de Barros, da Secretaria de Estado da Justiça e Cidadania, reedita a obra, em parceria com o Governo do Estado de Santa Catarina, a Fundação Catarinense de Cultura e a Secretaria de Educação e do Desporto, objetivando, um lucro incalculável, uma moeda que não tem preço a cultura e educação catarinense e brasileira [...]*¹³

Apesar de reunir um grande número de crônicas, há dezenas de outras, escritas para os mais diversos jornais de Florianópolis que não aparecem em nenhuma das três

¹² ILHA, Maria da. Farrapos de Idéias. Florianópolis: 1971, editora do Autor, 2ª edição.

¹³ ILHA, Maria Da. Farrapos de Idéias. Florianópolis: 2001, Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina, 3ª edição. Apresentação.

edições do livro. Muitas destas crônicas foram sistematicamente compiladas por Josefina da Silva¹⁴ na Dissertação de Mestrado em Teoria Literária cuja data de defesa acusa o ano de 1991. Seu trabalho foi de extrema importância, pois reuniu em um único volume centenas de páginas dos empoeirados e nem sempre, como mencionei acima, acessíveis jornais da época.

Minha pesquisa está sendo apresentada em três capítulos que originariamente foram pensados para tratar especificamente de temas relacionados aos títulos. Assim pensei em apresentar um capítulo discorrendo sobre Antonieta escritora, outro sobre Antonieta educadora e um terceiro sobre Antonieta política. Ao tentar tal feito, no entanto, observei que, por estarem intrinsecamente relacionados e imbricados, os temas não puderam ser trabalhados estaticamente como primeiramente eu havia pensado. Os capítulos, apesar de abordarem questões próprias, terão certa complementaridade.

No primeiro, procuro “visitar” os principais acontecimentos históricos, sobretudo da década de trinta, através da leitura das crônicas de Antonieta de Barros, tentando observar a maneira como foram captados pela personagem e o modo como os entendeu e registrou. Fatos como a “Revolução” de trinta, a Revolução Constitucionalista, as preparações para a Segunda Guerra Mundial, entre outros acontecimentos também são comentados. Também procurei analisar o seu aparente “silêncio” sobre a sua negritude.

Assim, como cronista nos jornais que circularam em Florianópolis, julguei interessante observá-la nesta atitude de professora/*escritora*, *testemunha da história*.

Antonieta começou sua escrita aos jornais, como me referi anteriormente e conforme foi registrado pela pesquisa, em 1929, mas talvez ainda antes deste ano tenha

¹⁴ SILVA, Josefina da. Antonieta de Barros – Maria da Ilha: Discurso e Catequese. Dissertação de Mestrado em Teoria Literária: UFSC, defendida em novembro de 1991.

escrito sem que pudéssemos ter acesso às fontes, principalmente porque os jornais deste período passam por demorada e nem sempre possível restauração, o que causa muita apreensão.

Em certo sentido, apropriou-se da ação metódica e disciplinarizadora que se quis (e que ainda se quer) com a palavra escrita. Creditou, pode-se pensar pela leitura da maioria de seus escritos, um poder transformador, talvez mesmo remodelador, às palavras. Antonieta queria uma sociedade atuante e muitas vezes provocou o público leitor a uma reação frente aos acontecimentos históricos, como, por exemplo, quando conclamou as mães a não se conformarem em ser „*fornecedoras de carne para os canhões*”. Na releitura de seus textos, intitulo este capítulo I de „**A Década de Trinta nas Crônicas de Antonieta de Barros**”.

Reconstituir a trajetória de Antonieta não é algo que se apresente como tarefa simples (Começo a desconfiar que não existe nada realmente *simples* neste mundo acadêmico). No momento em que escrevo esta Dissertação, preparam-se as comemorações oficiais ao centenário de seu nascimento sugeridas pela Deputada Ideli Salvatti. A idéia é muito interessante porque traz à tona uma história aparentemente *esquecida* e abre possibilidades para o debate e mesmo o resgate de materiais iconográficos entre outros e *histórias* que eventualmente podem estar no fundo de uma gaveta, seja de um velho móvel, seja em amadurecidos cérebros.

Vejo surgir a cada dia, a cada nova reunião, pessoas dispostas a uma exaltação, o que, ao meu ver, pode ser contagiante e perigoso no sentido de se estar promovendo, criando, mais um mito, um herói (?), neste caso heroína, que acabaria forjando um ser ideal, quase perfeito que se distanciaria de um ser real, não histórico talvez. Mas esta discussão é densa e, quem sabe, ficará para escritos posteriores. O que me interessa

discutir à luz deste centenário é o modo como Antonieta de Barros tem sido, através dos inúmeros depoimentos que tenho acompanhado, mais comumente lembrada e reverenciada, quer seja, na função de professora.

No segundo capítulo busco, então, além de extrair das crônicas a imagem de uma Antonieta educadora e a idéia de Antonieta sobre a Educação e sobre o ‘ser professora’, observar a importância que atribuiu à Formação dos “mestres”. Mestres que atuavam em salas de aula e mestres que atuavam individualmente, seres *melhorados* pela instrução, melhorando o mundo à sua volta. Também procurei observar as homenagens que lhe foram conferidas tanto por ocasião de seu falecimento em 1952, quanto as do Centenário de seu nascimento.

Neste afã tento observar a escrita de Antonieta como "*valor de mito e de rito*"¹⁵, verdadeiras "*palavras que andam*", andando, teoricamente forjam e forjaram condutas e, talvez *„ Uma credibilidade no discurso que é em primeiro lugar aquilo que faz os crentes se moverem[...]*" lembrando que esta credibilidade, seguindo Certeau, "*[...] produz praticantes*" portanto, nesta perspectiva, *„Fazer crer é fazer fazer[...]*"¹⁶ Tento evidenciar o que Antonieta estaria por suas palavras querendo fazer fazer. A este segundo capítulo intitulo **„Magistério: Sonhos e Desencantos**

“Antonieta de Barros: A Novidade Feminina na Política Catarinense” é o título do terceiro capítulo. Nele são abordados os elementos que propiciaram à personagem eleger-se como Deputada no ano de 1934 pelo Partido Liberal Catarinense, bem como uma breve narrativa da luta empreendida na conquista sufragista feminina no Brasil em geral e em Santa Catarina especificamente. Para tal, detive-me entre tantos

¹⁵ CERTEAU, Michel de. A Escrita da História. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982, p 21.

¹⁶ CERTEAU, Michel. A Invenção do Cotidiano. Petrópolis: Vozes, 1994, p 221.

autores, principalmente na obra de Branca Moreira Alves¹⁷ que analisa a atuação, o movimento das *feministas* na busca do direito ao voto no Brasil. Aquelas feministas parece-me, aproveitaram-se dos ideais liberais advindos dos precursores norte-americanos e europeus tidos como “modelos” a serem seguidos por todas as sociedades que se quisessem “modernistas”. Neste caso, o modernismo carregava consigo os ventos do tão desejado progresso e o rompimento definitivo com tudo o que significasse o “atraso” de nosso país. Imagino que conhecedoras da *aversão* que os adeptos do liberalismo demonstravam ter ao passado¹⁸, esforçaram-se as feministas brasileiras em incorporar aos seus discursos novas perspectivas para a sociedade, utilizando-se de exemplos *progressistas* de países que se antecederam na concessão ao voto às mulheres, principalmente latinos e norte-americanos numa possível estratégia de convencimento.

Antonieta foi a primeira mulher negra no estado de Santa Catarina e, me parece, no Brasil, que ascendeu a um cargo político e a um espaço – a Assembléia Legislativa - até então, eminentemente reduto masculino. Vale discorrer que até hoje mantém-se na peculiar condição de ter sido a única mulher negra a ter conquistado como Deputada, tal espaço. Se é que pretendemos “lições” com a História, o que este fato pode nos evidenciar?

Se não pretendemos “lições”, mas entendimentos, interpretações, como é possível elaborá-las a partir dos elementos que esta história de vida nos traz, sabedores que somos de que, em nossa sociedade, a representação política é organizada, ainda hoje, a partir de princípios corporativistas, apoiando-se na força de grupos socialmente já reconhecidos. Nesse sentido, Antonieta mulher, negra e professora, parece ter

¹⁷ ALVES, Branca Moreira. Ideologia e Feminismo. Petrópolis: Vozes, 1980.

¹⁸ Ver CAPELATO, Maria Helena. Os Arautos Do Liberalismo: Imprensa Paulista 1920 -1945.

conseguido *furar* a ordem instituída no meio político catarinense da década de trinta (ou não?).

No pleito de 1934, logo após a Constituição Federal Brasileira garantir o direito de voto às mulheres, Antonieta de Barros foi eleita Deputada pelo Partido Liberal Catarinense (PLC), mas haveria uma segunda vez em que eleições a conduziram a ocupar novamente o cargo, em 1947.

No escopo de analisar neste terceiro capítulo a ascensão de Antonieta, eleita por duas vezes ao cargo de Deputada, apresento o feito como uma conquista difícil, pois o direito de votar e ser eleita era uma *novidade* para o estado de Santa Catarina, assim como a outros Estados da Federação, à exceção de Rio Grande do Norte, que ainda em 1927 permitiu em sua Constituição a presença de mulheres na cena política.

Uma imensa quantidade de brasileiros parece ter se mantido abstêmios à discussão que mobilizava opiniões nas principais capitais pela necessidade de se ampliar os direitos políticos sufragistas ao elenco feminino, a exemplo de outros países, como me referi anteriormente, querendo adequar-se aos ares da modernização premente.

Assim, uma realidade duvidosa se descortinava na pacata capital catarinense trazendo à sociedade algo novo, quase sempre assustador pela peculiaridade do *novo* e gerador de desconfortos e inseguranças pois, se ainda hoje a idéia de que “*política é coisa para homem*”¹⁹ norteia o senso comum que, não raro, dá mostras que não só a política, mas a direção e administração do Estado são apanágios masculinos, como nos faz pensar Michelle Perrot¹⁹, o que dizer de Florianópolis no período aqui estudado?

Muitas vezes na tentativa de encontrarmos respostas para nossas questões, acabamos nos deparando com inúmeras incertezas e outros tantos questionamentos e

¹⁹PERROT, Michelle. Os Excluídos da História: Operários, Mulheres, Prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998, p. 186.

desafios. Depois de tantas buscas e pesquisas, certezas e dúvidas, apresento o trabalho que me foi possível realizar.

Capítulo I

A DÉCADA DE TRINTA NAS CRÔNICAS DE ANTONIETA DE BARROS

Para *lembrar* de um tempo que não vivi fisicamente e escrever relatos que estiveram cercados por minha curiosidade e, por isso mesmo, talvez, impregnados de *mim*, *visitei* a memória dos mais velhos e as bibliotecas oficiais (sim, as ditas oficiais porque em cada pessoa entrevistada observei uma biblioteca particular “extra-oficial”) busquei releituras nos jornais de época, procurando visualizar Florianópolis da década de trinta e um foco da vida de Antonieta de Barros. A parte que julguei possível entrever em linhas deixadas...

Florianópolis, principalmente a partir da década de trinta, tentou acompanhar os padrões de exigência estética que o desejo de *entrar* para a modernidade lhe suscitava, como a querer seguir os padrões dessa ânsia no Brasil de então. Dessa forma, é comum encontrar relatos, notícias nos jornais da época sobre as inovações tecnológicas e de saneamento básico que os membros da elite local procuravam apresentar aos olhos atentos e curiosos dos transeuntes como a persuadi-los ao ideal desenvolvimentista via aparência externa, tão ao gosto das classes médias que, na cidade, constituíam-se de comerciantes, funcionários públicos, bacharéis, pequenos proprietários.

Em todo o Brasil parece ter havido uma preocupação expressa em remodelar. Assim, tentava-se remodelar a política, contando-se com uma série de inovações trazidas, sobretudo, a partir da “Revolução” liderada por Getúlio Vargas em 1930; a

economia, através de incentivos para industrialização e a Educação, envolvendo todo um processo de nacionalização e controle do ensino e, por que não dizer, tentativas de controles de tudo mesmo. Gestos, olhares, lugares, sabores, comportamentos, padrões... Obviamente que seguidos de inúmeros mecanismos de resistência.

Nesse afã remodelador do comportamento social, envolveram-se intelectuais das mais diferentes áreas, fixando-se sobretudo nas artes, literatura e atividades jornalísticas. Na imprensa catarinense observa-se, então, os ditames desse ideal de modernização das elites que tinham, nos jornais, seus principais veículos e, parece-me, nas mulheres da elite e classes médias cultas, seus *preferidos* alvos.

„*A vulgarização da palavra escrita (imprensa) tendeu a colocar os escritores, críticos e jornalistas numa posição de orientadores da opinião pública*²⁰ e é justamente nessa *posição orientadora* que percebo Antonieta de Barros, remodelada ou remodelando-se pelos ideais modernizadores da classe média e alta que absorvera e internalizara pela convivência.

Antonieta, advinda de uma classe social menos privilegiada, nasceu em 1901, no dia 11 de julho, em Florianópolis. Sua mãe, D. Catarina de Barros, veio de Lages e mantinha-se, bem como a sua família, exercendo a função de lavadeira e, segundo consta, numa época posterior, quando Antonieta já estava na adolescência, foi também, paralela à atividade de lavadeira, proprietária de uma pensão para rapazes que vinham do interior com o intuito de estudar na capital. Do pai, pouco se sabe além do nome (Rodolfo de Barros) e do fato de não tê-la registrado oficialmente, razão suficiente para suscitar comentários sobre a “verdadeira” paternidade que estaria, no imaginário popular, supostamente ligada à família Ramos, membros de uma das mais tradicionais

²⁰ ARAÚJO, Hermetes Reis de. A Invenção do Litoral: Reformas Urbanas e Reajustamento Social em Florianópolis na Primeira República. Dissertação de Mestrado em História, PUC SP, 1989, p. 141.

oligarquias catarinenses. Segundo relatos, Dona Catarina teria trabalhado para a família Ramos na cidade de Lages e de lá, seu destino foi Florianópolis. Especulação?

O fato concreto é que no registro de batismo de Antonieta, na Cúria Metropolitana de Florianópolis²¹, realizado pelo Padre Francisco Topp, lê-se um significativo “*filha natural de*”, termo comumente usado na época para referenciar os filhos de *mães solteiras* de pais desconhecidos. Assim: “*Aos vinte de agosto de 1901, nesta capital, matriz de Nossa Senhora do Desterro, batizei solenemente a Antonieta, nascida aos onze de julho do corrente ano, filha natural de Catarina Waltrich, sendo padrinhos Maximiliano Freysleben e Maria Josepha Cunes%*”

Em outro documento, a certidão de nascimento²², também não constam os nomes do pai e avós paternos, resta-nos saber o porquê do pai ter se eximido desta tarefa.

Anos mais, em 8 de dezembro de 1921, Antonieta iria formar-se na Escola Normal a custo de muito sacrifício e de alguma ajuda financeira de um amigo da família, então constituída pela mãe e mais três irmãos: Cristalino, Leonor e Maria do Nascimento. Quanto à ajuda financeira, diz-se que seria do Coronel Vidal Ramos, ex-patrão de Dona Catarina, com quem teria mantido laços de amizade.

Da data de sua formatura em diante, começaria a conquistar reconhecimento e espaço junto às elites locais. Num primeiro momento como professora proprietária de uma escola, posteriormente e concomitantemente como membro do *Centro Catharinense de Letras* que, apesar da curta existência, congregou ilustres nomes não só das letras catarinenses como também nomes tidos como *importantes* por estarem diretamente ligados à política. Mais tarde, como colunista de jornais, como Deputada e

²¹ Livro de registro nº 280, p. 136.

²² Livro nº A-7, 206 folhas 095. Cartório “Ofício Faria”, sito à rua Vidal Ramos, 53 sala 106.

Constituinte pelo Partido Liberal (PL) em 1934; como Diretora do Instituto de Educação Dias Velho entre 1937 e 1945; como Professora de Português e Psicologia no Colégio Coração de Jesus; como Diretora no Colégio Catarinense e, finalmente, novamente como Deputada em 1947, pelo Partido Social Democrático (PDS).

Como colunista colaboradora, escreverá crônicas, entre os anos de 1929 e 1951, para alguns dos principais jornais da cidade (comenta-se que também para jornais de outros Estados vizinhos, mas até o momento em que escrevo, nada comprovei em pesquisas realizadas). Como escritora, ainda que de crônicas jornalísticas, Antonieta de Barros, podemos pensar, rompeu com o prosaico reino doméstico em busca de interlocutores. Nesse sentido, percorreu o mundo extramuros de sua casa e ousou apresentar-se no espaço público num tempo em que poucas mulheres o faziam.

É possível que tenha recebido o apoio e talvez a própria indicação de um dos membros da vasta família Ramos para escrever aos jornais que, ou eram de sua propriedade ou estavam tutelados a estes, observando que o diretor geral do jornal República em 1932 era o Sr. Aderbal Ramos da Silva.

Às páginas dos jornais, usava o pseudônimo de *Maria da Ilha* tendo iniciado suas elucubrações no **Folha Acadêmica** sob a epígrafe nunca justificada pela autora de **Farrapos de Idéias**. Na sucessão, com o mesmo título e, quase sempre assinando com o pseudônimo, escreveu para os jornais: **A Semana** (onde, erroneamente afirma-se ter sido uma das fundadoras), **A Pátria, Correio do Estado** (dirigido à época por Flávio Bortoluzzi Souza e gerenciado por Jaime Arruda Ramos), **O Idealista, República e O Estado** (dirigido, no período em que Antonieta escreve, por Altino Flores), todos editados em Florianópolis.

Como não explicou a escolha da Epígrafe, dá-nos margem para várias interpretações. *Farrapos* por ter sido, quiçá, extraído de algo originariamente maior ou, quem sabe, por já estar a tempos em uso circulando de tal forma a tornar-se um “farrapo”. Talvez ainda estivesse querendo atribuir um cunho de humildade à sua escolha evidenciando que, um farrapo pequeno, em dadas circunstâncias, pode ser algo valoroso (?).

Em suas crônicas, num primeiro olhar, e numa primeira fase de sua escrita, percebe-se um idealismo quase utópico de um mundo redimido e regenerado pela Educação. Talvez porque Antonieta se reconhecesse muito mais na função de educadora que de escritora, também porque como educadora não estaria infringindo nenhuma regra da sociedade de então, estaria sim, produzindo dentro das prescrições e expectativas sociais estipuladas ao seu papel profissional. Assim, creio que escreveu o que lhe foi possível, obedecendo aos parâmetros que sua condição feminina, étnica e social lhe impunham.

Não é possível deixar de cogitar também que aquele espaço, a coluna no jornal, lhe tenha sido uma concessão. Falar, pois, simbolicamente, às vezes por metáforas, de um mundo "*IDEAL*"²³, pode ter sido uma opção tática de não entrar em choque com as idéias elitistas vigentes pois, atentos a qualquer *ato falho*, poderiam lhe fazer perder a referida concessão.

Nitidamente observa-se que, através dos escritos, procurou nortear sentidos, quer de alunos, quer dos leitores em geral. Para ela, "*A grandeza da vida, a magnitude da vida gira em torno da educação do homem, isto é, no adestramento do homem, que deve integrar-se na sociedade como valor positivo. Sem a educação precisa, capaz,*

²³ É comum encontrarmos em seus escritos a palavra ‘ideal’ em letras maiúsculas.

eficiente, o homem falha à sua destinação[...]"²⁴. Logo, o espaço *certo*, viável na lógica de Antonieta para tal *adestramento* seriam primeiramente a Escola, depois a família, o jornal e, posteriormente, o rádio.

Porém, em inúmeras crônicas são lidos, além das exaltações à Educação que são a tônica de seu trabalho, outros aspectos e comentários sobre a vida social, política, religiosa e econômica de Florianópolis e do país. Como exemplos, o louvor ao trabalho e solidariedade alheia, afinal vivia-se num tempo em que as palavras máximas eram “ordem e progresso”, ambos entendidos como resultado do trabalho que, por sua vez, confundia-se com a atividade industrial. Com este sentido Antonieta escreve: „*A vida só é vivida, quando a criatura consegue pelo seu trabalho e tenacidade, crescer e ser boa árvore, a cuja sombra se acolhem os fracos, cujos frutos satisfazem os famintos[...]*”²⁵.

É possível perceber nesta e em inúmeras outras escritas, a incorporação de um discurso apregoadado com muita ênfase, sobretudo a partir dos anos 20, principalmente pelos ideais e idealizadores desenvolvimentistas preocupados em alavancar através do “Projeto de Construção Nacional”, a idéia de que só quem produz é *forte* e, portanto, válido para a sociedade. O trabalhador seria então valoroso porque estaria contribuindo para o fortalecimento e conseqüente desenvolvimento econômico da Nação. Os não trabalhadores seriam os *fracos* que se alimentariam às custas dos *fortes*, percalços da civilização. Como produto de um tempo, Antonieta estaria reproduzindo as idéias discutidas pelos membros das elites em âmbito nacional.

Inserido neste Projeto de Construção Nacional também estava o ideal integrador de *diferenças* regionais, ou seja, um projeto envolvido na construção e mesmo na *aquisição* de uma consciência nacional via Escola e meios de comunicação.

²⁴ ILHA, Maria da. Farrapos de Idéias. Florianópolis: 1971, ed. Do Autor, p 204.

²⁵ Farrapos de Idéias, 2ª edição, p. 193.

A idéia veiculada era a da necessidade de conhecer os brasileiros para, em seguida, reconhecerem-se todos como brasileiros de extremo norte a extremo sul do Brasil.

Antonieta, como vários intelectuais da época, terão assim uma espécie de *inserção ideológica*, usando um termo de Antonio Candido que escreve: “[...] *Os anos 30 foram de engajamento político, religioso e social no campo da cultura. Mesmo os que não se definiam explicitamente, e até os que não tinham consciência clara do fato, manifestaram na sua obra esse tipo de inserção ideológica, que dá contorno especial à fisionomia do período*”.²⁶ Não é à toa que as publicações de obras como *Casa Grande e Senzala* de Gilberto Freire, *Evolução Política do Brasil* de Caio Prado Júnior, *Raízes do Brasil* de Sérgio Buarque de Holanda entre outras, preocupam-se em „*entender e explicar o Brasil da época*”²⁷.

Assim, engajada e acreditando que tal objetivo seria alcançado quando se estendesse para um maior número da população condições de ‘cultura’, termo usado como sinônimo de ‘educação’, alerta para a necessidade de um banimento das principais causas do *atraso* econômico, político e social. Em seu entender, entre os principais impedimentos para o progresso estava como primeira colocada, a ignorância. Esta era um dos maiores óbices e deveria ser combatida com um número maior de Escolas para o povo, pois: „[...] *Um povo é grande não só pelo seu espírito trabalhador, mas, também, principalmente, pela sua cultura. Daí a necessidade de se chegar às massas, a possibilidade de ir além da alfabetização que é muito, mas não é tudo* [...]”²⁸

Além das Escolas, ou associadas a elas, entendia que outra força disciplinarizadora da população poderia ser, se bem utilizado, o jornal. Da ação

²⁶ CANDIDO, Antonio. *A Educação Pela Noite & Outros Ensaios*. São Paulo: Editora Ática, 1989, p 182.

²⁷ CORRÊA, Carlos Humberto, op cit., p. 197.

²⁸ Farrapos, op cit., p.23.

orientadora, realizada pelos jornais e o modo como poderia metodicamente, como uma catequizadora chegar ao ideal a que se propunha (formar, dirigir opiniões), através deles, Antonieta parecia estar absolutamente cônica, deixando-nos explícitas suas idéias sobre jornais:

Não se compreende a vida dos povos civilizados sem imprensa. E isto porque o jornal é uma alta tribuna do povo que só devem ocupar os que sentem e compreendem a dignidade deste mesmo povo. Porta-voz das causas que exigem Fé e nobreza de atitudes o jornal deve ser o espelho da Sociedade, cuja vida ele focaliza e orienta, passo a passo. Cooperador de todos os educadores representa, na vida da coletividade, um papel de alta relevância, por isso que as instrui, educa, orienta, alargando-lhes os horizontes, possibilitando-lhes alcançar sempre, um pouco mais dentro do muito que sonhara... o jornal é alavanca poderosa, inestimável e indispensável.²⁹

Às vezes, Antonieta de Barros parecia saber exatamente a quem escrevia, como, por exemplo, quando iniciava suas crônicas com a escrita „*Bilhete sem sê-lo%*” dirigindo-se diretamente a um interlocutor, quase como uma carta aberta mas com tons pessoais, dando a conhecer a todos seu conteúdo e intimidade das palavras. Registrei dois destes *bilhetes* às páginas do jornal **República**, ambas em 1934. O primeiro dirigido ao Professor Luiz Sanches Bezerra da Trindade por ocasião de sua nomeação à

²⁹ Jornal **O Idealista**, “Falando aos Moços”, junho de 1945.

Direção da Instrução Pública e o segundo, para Dona Leopoldina D'Ávila, aparentemente sua colega de profissão.

Na função de educadora a escrever no jornal, procurou mais do que os famosos ataques e contra ataques políticos, embora também tenha se valido deles. Parece ter creditado, investido poder às palavras e, neste afã, talvez, imaginasse que esse suposto poder fosse capaz de transpor o limite do simples pensar e causar impacto sobre as condutas individuais, mudar ações, comportamentos de outrem. Como se o leitor fosse assim uma “página em branco” e nela houvesse a necessidade de construção de um texto pedagógico. Ou ainda a idéia de que o leitor é um “campo” a ser cultivado, neste caso, com ensinamentos. Talvez aqui caiba uma fala de Certeau:

[...] o jogo escriturístico, produção de um sistema, espaço de formalização, tem como ÂntidoÊremeter à realidade de que se distinguiu Âm vista de mudá-laÊ Tem como alvo uma eficácia social. Atua sobre a sua exterioridade. O laboratório da escritura tem como função ÂstratégicaÊ ou fazer com que uma informação recebida da tradição ou de fora se encontre aí coligada, classificada, imbricada num sistema e, assim, transformada; ou fazer que as regras e os modelos elaborados neste lugar excepcional permitam agir sobre o meio e transformá-lo.³⁰

Assim como possivelmente Antonieta tenha se *modelado*, construindo-se intelectualmente por suas leituras e escritas, ou encontrado nelas *luz*, talvez entendesse que também através de seus textos poderia se dar a difusão das luzes do conhecimento e

³⁰ CERTEAU, Michel de. A Invenção do Cotidiano, op cit., p.226.

que, guiados por estas, chegaria-se a instrução redentora, criando homens dignos capazes de eliminar os possíveis percalços na construção de uma nação gloriosa, moderna e progressista.

Ainda no “Falando aos Moços”, redatores de “O Idealista”, aconselha deixando mais uma vez à mostra seus pensamentos sobre a responsabilidade de quem escreve ao público no intuito de conduzi-lo:

*[...] (o jornalista que) não tiver a elegância e a coragem de se impessoalizar, quando no sacerdócio do jornalismo, desrespeita-se porque mente ao povo, mentindo às finalidades do seu mister. É um desajustado. Como conduzir povos ou mostrar rumos a outrem se não encontrou o seu?*³¹

“Conduzir o povo” a um ideal, ensiná-lo as conquistas que a modernidade impunha, instruí-los em seus deveres e ao uso de seus direitos, moldar seu comportamento foi, sem dúvida, a grande tarefa dos intelectuais da época e Antonieta mostrava-se particularmente inquieta em relação a este assunto: “*A Humanidade não cogita, não pesquisa, não conhece as alamedas interiores. A Humanidade, assim, não pode, porque não quer progredir. No circo da vida não é agradável ser espectador [...]%*”³²

A partir de 1932, todos os alfabetizados maiores de 21 anos serão eleitores e terão, supostamente, poder de barganha. No entendimento da elite, quantos mais souberem ler para exercer sua cidadania pelo voto, melhor. Sabe-se que, via de regra, o nível educacional mais elevado,

³¹ Falando Aos moços, op cit.

³² Jornal **República**, 19 de fevereiro de 1933.

[...] constitui um bom indicador de politização, sem que se descartem obviamente, os fatores situacionais e de classe que podem impulsionar os indivíduos à política. Mas, sem dúvida, o argumento é convincente: a educação amplia a visão de mundo e pode dar aos indivíduos melhores condições de viver como deseja. Num momento posterior, ela pode também possibilitar-lhe a percepção de como o sistema político incide sobre o cotidiano, aumentando desse modo seu interesse pela política ³³

Antonieta poderia estar imbuída de tais prerrogativas Com tantos anseios de mudanças rápidas e necessidades de adequação a elas, os anos 30 motivarão reformas as mais diversas, mas será no campo do ensino que se focalizará uma estruturação para a construção de uma nação realmente moderna, com um povo capaz de sustentá-la. Nessa tentativa aumentar-se-ão o número de Escolas de formação primária em todo o país. Santa Catarina, talvez por força de controle dos imigrantes, sobretudo alemães, parece ter se empenhado a partir de 1910 na construção de Escolas. Assim, em 1940, os catarinenses aparecem com um dos índices mais altos de escolarização do país, seguidos por São Paulo. A respeito da ampliação educacional brasileira, Antonio Candido comenta:

Os ideais dos educadores, desabrochados depois de 1930, pressupunham de um lado a difusão da instrução elementar que, conjugada ao voto secreto (um dos principais tópicos no programa da Aliança Liberal),

³³ AVELAR, Lúcia. O Segundo Eleitorado: Tendências do Voto Feminino no Brasil. Campinas: Editora da Unicamp, 1989. p.35.

*deveria formar cidadãos capazes de escolher bem aos seus dirigentes e seus quadros técnicos; mas agora, com maiores oportunidades de diversificação e classificação social. Tratava-se de ampliar e melhorar o recrutamento da massa votante, e de enriquecer a composição da elite votada. Portanto, não era uma revolução educacional, mas uma reforma ampla, pois no que concerne ao grosso da população a situação pouco se alterou... Mas houve sem dúvida aumento ponderável de escolas médias, bem como do ensino técnico sistematizado. E a situação se tornou bastante mais favorável no ensino superior, onde a criação das universidades (a partir da de São Paulo em 1934) alterou o esquema tradicional das elites.*³⁴

Imbuída destes anseios, Antonieta escreve, aproximadamente, 25 crônicas sobre o que ela determinou a „necessidade imperiosa” de proporcionar aos desfavorecidos a oportunidade da leitura, do saber, do conhecimento que, na sua opinião, deveria seguir para muito além da simples alfabetização:

Ïs criaturas, não basta a instrução do saber ler e escrever. Não é suficiente o trabalho luminoso do Mestre, dando aos homens a possibilidade de penetrar em mundos novos, graças à magia do livro. E, infelizmente, nem todos os que lêem sabem ler. O Lar e a Escola são as oficinas, onde se forjam e se aprimoram os caracteres. A ambos

³⁴ CANDIDO, Antonio. Op cit., p. 183 e 184.

*pois, cabe, dentro de sua linda e soberba finalidade preparar e adestrar o espírito do que, inevitavelmente, amanhã, no grande combate que não só abate os fracos, mas também os desprevenidos. Só o conhecimento da ciência da vida permite ao homem fugir das paixões negativas que proliferam lá fora, onde as competições se chocam e os homens se entredevoram. E, se pelo desamor ou incúria dos que nos deviam guiar, penetramos na grande luta sós, olhos vendados, ignorantes da dissimulação do ataque e da ginástica da defesa, quantas quedas e como os desencantos se encastelam em nosso caminho. Em meio aprendizado apenas, já se sente a alma cansada, magoada, dolorosamente envelhecida, em farrapos... E forte e privilegiado é o que não sucumbe vencido e se deixa ir, arrastado no grande turbilhão[...]*³⁵

Em sua fala acredita que só indo além da alfabetização, que cabia aos governantes oportunizar, os homens teriam astúcia e capacidade suficiente para tornarem-se realmente livres das *paixões negativas*. O saber constituiria-se em *arma* com a qual a grande massa lutaria em igualdade de condições contra a subordinação, miséria e degradação, armas que não deixariam sós, na grande luta do dia-a-dia, os que dela se munissem, que impediriam „*quedas*“ e „*desencantos*“, que impediriam adentrar no “*grande turbilhão*” que arrasta os menos instruídos a eterna escravidão. Assim, em sua opinião, só alfabetizar não bastava, pois, „*em meio aprendizado apenas, já se sente*

³⁵ Farrapos de Idéias, 2ª edição, p. 97 e 98.

a alma cansada, magoada[...] Para evitar “desencantos” o governo deveria investir mais na Instrução e só por „*desamor ou incúria*” não o faria. Se o trabalho era positivo porque mantinha os homens ocupados e fazia crescer a Nação, a instrução mais elevada, impediria a infelicidade e o atraso do povo que a compõe. Antonieta citava com frequência uma frase do filósofo argentino, José Ingenieros que dizia: „*As pátrias bárbaras foram feitas por soldados e por eles batizadas com sangue; as pátrias morais fá-las-ão os mestres sem mais armas que o abecedário*”

O *desencanto* de Antonieta, nesta fase de sua vida, como registrou em algumas crônicas, advinha do fato de estar impedida de prosseguir sua instrução em curso superior. Em Santa Catarina, no ano de 1932, a única instituição de nível superior era a Faculdade de Direito, exclusiva para homens, assim, transferiu a sua frustração para a *grande massa dos trabalhadores*, reivindicando a eles algo que lhe era peculiar, talvez não dimensionando que desencantos são próprios dos seres humanos em todos os níveis educacionais, afinal estava completamente inebriada com a grande utopia da época que era a construção de uma pátria próspera e feliz pelo desenvolvimento econômico e elevação do nível de escolaridade. Quanto mais alto o nível de escolarização, imaginava, mais alto o nível de felicidade.

Não se pode perder de vista que Antonieta de Barros é uma mulher *produto* do seu tempo e sociedade. Como tal está influenciada pelas circunstâncias sociais, culturais, políticas e econômicas que a norteiam bem como por sua própria história de vida. É possível imaginar que *histórias* teria vivido se feita uma retrospectiva, por exemplo, dos inúmeros conflitos armados nos difíceis anos de sua trajetória. Só para mencionar, que reflexos teriam sentido o povo da capital sobre a Guerra do Contestado cujo “desfecho” deu-se com a assinatura do “Acordo” em 1916. Se é que em

Florianópolis o povo pode sentir tal conflito devido ao isolamento e ao sentimento de não pertencimento da região contestada ao Estado.

Sobre esse fato e sobre a primeira Guerra Mundial (1914/1918) especificamente, não há nenhum registro escrito da personagem em questão, pelo menos não de meu conhecimento, porém sobre os conflitos posteriores, Revolução de 30, Revolução Constitucionalista, Ascensão dos Fascismos, Segunda Guerra Mundial, pode-se verificar vários registros. Assim, nos próximos parágrafos, estarei discorrendo sobre a percepção de tais movimentos na escrita de Antonieta de Barros.

As turbulências nacionais dos anos 20, causadas pelo descontentamento de vários setores da sociedade, sobretudo da classe média, dos proprietários de terra que ficaram sem representação no governo e dos jovens oficiais do Exército contra o domínio político exercido pelos Estados de São Paulo e Minas Gerais que beneficiavam, quase sempre, os latifundiários em detrimento dos demais grupos sociais, além da “Grande Depressão” de 1929, cujo epicentro são os EUA, mas por repercussão a crise acaba atingindo em cheio, mais uma vez, a incipiente economia do Brasil levando os cafeicultores, como meio de forçarem uma alta dos preços, resolverem queimar seus estoques, aos industriais o fechamento de mais de quinhentas fábricas, sobretudo em São Paulo e Rio de Janeiro. Isto deixou o país com quase dois milhões de desempregados reforçando ainda mais as instabilidades e incertezas que se arrastavam para outros centros num efeito dominó, gerando histeria na maioria da população urbana brasileira que, por sua vez, demonstrava crescente insatisfação com o comando da vida política forçando mudanças.

Com todos os ingredientes explosivos, a década de trinta, período em que se verifica a *ascensão* social de Antonieta, inicia-se com muitas divergências que irão

sustentar a talvez mais comentada e questionada “Revolução”³⁶ brasileira. Em 1929 era presidente da República Washington Luis (paulista) que, em vista das eleições, lança para sua sucessão o nome de Júlio Prestes (também paulista), o que deixa os mineiros injuriados porque, tradicionalmente, havia um acordo de alternância de poder entre São Paulo e Minas Gerais, a famosa política denominada “café com leite”. A Aliança Liberal, então uma frente de oposição que propunha a reorganização do quadro político vigente, o voto secreto e uma nacionalização dos empreendimentos econômicos, apresenta o nome do gaúcho Getúlio Vargas como candidato à presidência.

Em Santa Catarina, a Aliança Liberal nomeia-se Partido Liberal Catarinense e tem à sua frente Nereu Ramos e nomes como: Gustavo Neves, Ivo D’Aquino, Renato Barbosa, Antonieta de Barros, Oswaldo Mello, Gustavo Neves e Francisco Barreiros Filho entre outros menos conhecidos, porém não menos poderosos. Já o Partido Republicano Catarinense, cujos principais representantes eram os irmãos Konder (Adolfo, Victor e Marcos), o então Governador Fúlvio Aducci, Othon da Gama D’Eça, entre outros, apoiava a candidatura de Júlio Prestes.

De maneira geral, e só para dar uma panorâmica, São Paulo apoiava o candidato Júlio Prestes e Minas Gerais, Getúlio Vargas. As eleições deram vitória ao candidato do Partido Republicano Paulista, Júlio Prestes. Houve protestos e denúncias de fraudes. A Aliança Liberal une-se então aos militares e inicia uma *revolução*. Inicialmente as revoltas são localizadas e ocorrem no Rio Grande do Sul, Paraíba e Minas Gerais, mas em seguida alastram-se por todo o país. Getúlio Vargas sai como vencedor deste conflito e assume o Governo Provisório da República nomeando Intervenientes de sua confiança para as capitais.

³⁶ Os historiadores, em geral, têm restrições ao uso do termo revolução já que este pressupõe mudanças estruturais que, na prática, não se verificaram.

Em Santa Catarina, Fúlvio Aducci mantém-se fiel ao Presidente Washington Luis, como represália por tal comportamento, a Brigada Militar do Rio Grande do Sul, auxiliada por forças organizadas como “Batalhões Patrióticos”, invadem a capital, Florianópolis.

Walter Piazza³⁷, professor e historiador catarinense comenta que a população da capital retira-se em pânico para o interior da ilha „*num êxodo sem precedentes*”³⁸. Antonieta de Barros residia, nesta época, nas imediações do centro da cidade, à rua Fernando Machado, mas, como já estava ligada ao Partido Liberal Catarinense, que defendia Getúlio Vargas e cujo líder era Nereu Ramos, deve ter observado ao movimento com curiosidade mas sem o pânico registrado pelo historiador causado à maioria da população.

Em crônicas não registrou o acontecido de maneira nítida, porém em Campanha eleitoral no ano de 1934, falando, na tentativa de conclamar as mulheres eleitoras catarinenses, Antonieta de Barros manifesta claramente sua opinião simpatizante sobre a Revolução de 1930:

A alma da mulher catarinense, neste instante de intensa vibração cívica, deve sorrir diante de sua magna conquista[...] A mulher brasileira deve ao sopro revel que despertou a alma brasileira e levantou a Nação naquele célebre três de outubro a sua carta de liberdade. Foi a Revolução quem fez da mulher brasileira o indivíduo que ela é hoje; foi a Revolução quem deu à mulher o direito de ter cérebro, de deixar de ser sombra da criatura para ser

³⁷ PIAZZA Walter. Santa Catarina: História da Gente. Florianópolis: Lunardelli, 1987.

³⁸ PIAZZA, op cit., p 132.

*a própria criatura. Todas estas conquistas lindas de igualdade e progresso, todo esse panorama lindo de aptidões a se desenvolverem, num desejo sensato de se aproveitarem capacidades e inteligências que o passado repudiava, num desperdício imperdoável, tudo isto de grande, de soberbo, de conquistas individuais desfrutadas, presentemente, pela mulher brasileira é fruto da semente lançada pelo ideal daquele célebre três de outubro.*³⁹

Não importava quantos haviam caído em desespero diante dos fatos “revolucionários” de 1930. Os fins justificariam os meios a que chegaram os vitoriosos, entre eles a própria Antonieta, no “*célebre três de outubro*”. Afinal, como registra em 1929, “*A multidão é sempre um ser acéfalo*”⁴⁰ e esquece com certa facilidade quando lhe acenam com promessas de dias melhores.

Mesmo com a *vitória*, os conflitos políticos estavam longe de serem aplacados pelas supostas benesses trazidas com a dita *Revolução*. Em São Paulo, como possivelmente em outras capitais, os ânimos estavam acirrados, pois as facções conservadoras ligadas ao setor cafeeiro desejavam preservar as estruturas da República Velha argumentando que ao nomear um Interventor de fora, estranho aos paulistas, Getúlio os teria desgostado, ferindo sua autonomia. As lideranças do Partido Republicano Paulista (PRP) formaram então uma frente única com o Partido Democrático (PD) que tinha apoiado a Revolução para pressionar o Presidente a depor João Alberto Lins e Barros, então interventor, exigindo em seu lugar um interventor civil paulista. Getúlio cedeu às pressões e nomeou o diplomata Pedro Toledo. Mesmo

³⁹ Jornal **República**, editado em Florianópolis, 13/10/1934.

⁴⁰ **Folha Acadêmica**, 01/08/1929.

assim não conseguiu conter o descontentamento de alguns segmentos da população paulista que somou às suas reivindicações novas eleições e a conservação de uma Assembléia Nacional Constituinte para aprovar a nova Constituição brasileira.

Em maio de 1932, estudantes e populares numa manifestação pública contra o Governo Federal queimam as redações de alguns jornais considerados ditatoriais. Nesta manifestação, quatro estudantes de Direito são mortos e este fato teria insuflado ainda mais os ânimos que acorrem à idéia de uma nova Revolução, desta vez contra o governo de Getúlio, o movimento eclode em 9 de julho. Mobilizam-se médicos, engenheiros, químicos, estudantes, operários, padres, donas de casa entre outros e forma-se um ambiente de solidariedade revolucionária. São Paulo estava confiante na sua vitória pois contava com o apoio dos militares de Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Mato Grosso, mas apenas este último estado manteve-se leal aos ideais paulistas. Em três meses de batalhas inglórias, os paulistas foram *derrotados* pelas tropas federais.

Santa Catarina participou desta Revolução favorável ao Governo Federal enviando Tropas do 14º Batalhão de Caçadores, hoje Unidade Militar do Ministério da Defesa denominado 63º BI (Batalhão de Infantaria) sediado na Avenida Eurico Gaspar Dutra, no bairro Estreito. Antonieta, durante os três meses de conflito, dirige a este suas reflexões registrando:

E fica-se a pensar se se evoluiu ou retrogradou. Dentro do sonho lindo de fraternidade que envolve os corações idealistas, esbatendo fronteiras e desconhecendo oceanos, para o abraço universal, há, de quando em vez, hiatos tremendos, em que os homens se revelam. É quando numa ânsia, num delírio vermelho, sufocando na alma o que

divino lá existente, dão liberdade à besta fera que cada um de nós esconde e que temos por dever e por princípio de fraternidade dominar e vencer[...] E em honra deste Baal dos ultra-civilizados do século XX, sacrificam-se todos os sentimentos e as vidas mais risonhas e esperançosas. Para satisfaze-lo não se olham meios, nem métodos, nem processos. O obstáculo não existe. Luta-se, guerreia-se, mata-se, morre-se [...] E a guerra Âquela calamidade composta de todas as calamidadesÊ com seu cortejo de luto, orfandade, viuvez, miséria; tem no Egoísmo a causa mater [...] Que importa a miséria nas suas múltiplas e infinitas modalidades, que importa se se destruíram futuros; se se ouvem gritos de dor, uma vez que o multiforme e gigantesco egoísmo dos homens foi satisfeito? [...] A destruição, principiada pela pedra lascada, chegou já em nossos dias, à maravilha dos gases asfixiantes[...] ⁴¹

Interessante que as mesmas reflexões sobre a *carnificina* que „*sacrifica todos os sentimentos e as vidas mais risonhas e esperançosas*” não foram realizadas durante o período da *Revolução de trinta*. Estaria agora *compensando* por estas palavras, as faltas da primeira? Ou entenderia que os objetivos de trinta teriam sido mais *justos*?

Para reprimir esta Revolta, o Presidente Getúlio Vargas, acostumado a manobras militares, não poupou esforços e usou de todas as suas artimanhas e técnicas,

⁴¹ Jornal **República**, 07 de agosto de 1932.

entre elas os *gases asfixiantes*, os quais tanto impressionaram Antonieta. Por outro lado, os industriais em São Paulo colaboravam ao lado dos revoltosos na fabricação de material de guerra como granadas, máscaras contra gases, lança chamas, capacetes, entre roupas, sapatos e as coisas. Mesmo assim a desigualdade de forças era gritante e a mortandade em ambos os lados premente.

Antonieta continua discutindo o tema em suas reflexões manifestando sua opinião e ilustrando com palavras, a instabilidade que acometia tal período, não apenas referindo-se ao conflito interno mas aos acontecimentos mundiais:

*[..]. O batismo de sangue se dará em todos os tempos enquanto sobre a Terra pisarem dois homens. É lei atávica. Veio de Caim e rolará com os séculos. E as pátrias serão sempre bárbaras, porque debalde se apregoam e se louvam sentimentos posições não integralizados na consciência dos povos. Que é a civilização mundial diante do caos que se debate a humanidade? Soam por toda a parte as fanfarras da destruição. Guerreia-se como civilizados, nos requintes da ferocidade. É na América, é na Europa. E onde ainda não se luta, prepara-se para a luta. Onde está o valor do abecedário?*⁴²

Enquanto pessoas com sentimentos opostos pisarem o mesmo chão, haverá guerra ela diz, parece natural, inevitável, mas critica que seres supostamente civilizados, conhecedores do valor da educação se lancem aos “*requintes da ferocidade*”.

⁴² Jornal **República**, 28 de agosto de 1932.

Civilizados não educados suficientemente talvez, questiona o valor do *abecedário*, ou seja, da instrução mais elevada, para vencer as guerras. Em seu entendimento, é preciso, então, aumentar e disseminar o valor do *abecedário*, da Educação, vencer por este mecanismo as barreiras que tornam os homens diferentes. Para se integralizar sentimentos não *postiços* e sim verdadeiros em sua essência, somente a instrução poderia fazê-lo, a instrução seria assim, em sua visão, a grande redentora de todas as mazelas humanas.

Sobre a Revolução de 1932, interessante observar que apesar de derrotada, sufocada pelas armas dos militares, conseguiu impor ao Governo Federal seu principal objetivo político: “*a imediata e completa reconstitucionalização através da convocação da Constituinte*”, conforme registra a Professora Ângela Maria de Castro Gomes⁴³.

Contida a Revolução, as Tropas anti-revolucionárias começam a retornar para seus Estados de origem. Antonieta retrata o retorno do 14º BC, em 23 de outubro de 1932, às páginas do jornal **República**, evidenciando sua habilidade de traduzir em palavras os sentimentos. Parecendo bastante inspirada, registra o fato da seguinte forma:

Quando eles voltam... Há no sorriso, cheio de alegria, no entusiasmo espoucante que os espera, um não sei quê de amargura, qualquer coisa de indefinível tristeza. E eles voltam, trazendo, nos ouvidos ainda o troar dos canhões, o matracar das metralhas e os gemidos dos infelizes, vítimas da insaciedade dos homens. Quando eles voltam... Há nos vivas que os saúdam, intervalos de silêncio: é a

⁴³ GOMES, Ângela Maria de Castro. Confronto e Compromisso No Processo de Constitucionalização (1930-1935) in: FAUSTO, Boris. O Brasil Republicano. Tomo III: Sociedade e Política (1930-1964). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

homenagem piedosa e espontânea do povo aos que a morte escolheu. E eles vêm, a passo, trazendo nas faces emagrecidas, vestígios do sacrifício feito. E eles voltam, trazendo na alma, por uma dolorosa experiência, a mais cruciante das certezas: a verdade triste de que, apesar de toda a fraternidade pregada, o homem continua o mesmo joguete nas mãos dos sentimentos inferiores. Quando eles voltam[...] Há na própria natureza, dentro da majestade infinita do sol, dum céu azul, despojado de nuvens, a melancolia doce das grandes serenidades. E, à doçura do sorriso que lhes aponta aos lábios, casam-se os soluços estrangulados de toda criatura consciente da infelicidade que é a guerra. Quando eles voltam... Nunca se pode gozar da alegria intensa e vã dos grandes momentos: há a empanar o brilho do prazer, a tristeza dos que perderam os seus; há a piedade carinhosa pelas lágrimas aflitas das mães, dos filhos, das viúvas; há a falta dos camaradas mártires, que não mais responderão à chamada.

Penso que Antonieta tenha conseguido imprimir em seus textos características de uma época, aquilo chamado de o espírito de um tempo, mas também características de sua própria personalidade demonstrando sensibilidade, percepção e capacidade de observação, visualizando atrás dos sorrisos „*um não sei quê de amargura, qualquer coisa de indefinível tristeza[...]*”% assim, lembrei-me de uma citação de Walter Benjamin a respeito da capacidade de apreendermos uma linguagem poética:

„[...] *articular o passado historicamente não significa conhecê-lo tal como ele propriamente foi. Significa apoderar-se de uma lembrança tal qual ela cintilou[...]*”⁴⁴ .

Dessa forma, a tristeza captada pela sensibilidade de Antonieta no rosto dos soldados que voltavam de São Paulo, pode não ter sido vislumbrada ou percebida pelos demais como algo denotadamente *real*, mas ficou assim registrada na sua retina e em suas palavras, *tal qual lhe cintilou*.

Claramente impressionada com o desenvolvimento tecnológico (o telefone, a aviação, o rádio, o cinema) que começava a se verificar em Florianópolis, ainda que tênue se comparado a centros como Rio de Janeiro e São Paulo, Antonieta ora os exaltava e ora os lastimava. Parecia não se conformar com a idéia de que paralelamente aos avanços tecnológicos que traziam bem estar e comodidade, os homens, motivados por conquistas políticas, não conseguiam viver em paz, e em nome do “Egoísmo” lançavam-se ao “*fascínio pelas conquistas destruidoras*”:

Um instante de observação dá-nos a idéia do profundo sentimento de destruição que domina os homens mundo em fora. Fugiram-lhe da alma todas as migalhas da esfarrapada fraternidade existente. Há uma ânsia contínua de dominar, vencer, de esmagar. Debalde se fazem salamaleques de concórdia; debalde se cogita de desarmamento; debalde se finge uma superioridade espiritual, muito distante ainda. O século XX, onde se requintaram as conquistas da ciência; onde um Marconi zomba das distâncias e, de bordo do seu ÊlectraÊ no

⁴⁴ BENJAMIN, Walter. Sobre o Conceito de História. Citado por SILVA, Marcos. O Trabalho da Linguagem. Revista Brasileira de História. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, volume 6, nº 11, 1985/1986.

Velho Mundo, ilumina mundos novos; onde os pássaros de aço cruzam os ares nunca antes navegados, aos bandos; o século XX, o século das Luzes, tem primado pelo entrechoque das armas, pelas guerras, em todos os pontos do orbe terrestre, transformando-o na mais triste e dolorosa Babel [...] Nos laboratórios, consomem-se cérebros à procura de meios mais eficientes de se matarem homens. É geral o fascínio pelas conquistas destruidoras. Os que as alcançam, são apontados a dedo pelas multidões admiradas e agradecidas. Estes são os frutos duma sabedoria elevada a um grau inconcebível de desenvolvimento, mas vencida pelo terrível mal da egolatria. Esta é fraternidade do século XX. E a tudo isso se dá o nome pomposo de civilização. E tudo isto significa progresso de que nos devemos orgulhar. Neste caos, iluminado pela ciência, a humanidade, como se desconhecesse a finalidade da vida, parece sentir a alegria das crianças perversas que se distraem, destruindo com um simples pontapé, todos os castelos de pedacinhos de madeira, levantados pacientemente, pelo simples de coração, os bem aventurados de todos os tempos.⁴⁵

⁴⁵ Farrapos de Idéias, op cit., p. 131 e 132. A mesma crônica também se encontra no jornal **República** de 21/08/1932.

Esta crônica possibilita que se pense sobre os elementos símbolos de um tempo que se quer “novo”, distanciado do passado retrógrado, em que se evidencia, por exemplo, a atuação dos costumes e invenções do *Velho Mundo* a iluminar os *Mundos Novos* através do conhecimento científico. As distâncias começam a ser vencidas pelas ondas do rádio, *onde um Marconi*, italiano pioneiro da rádio-comunicação, *zomba das distâncias*, seguido pelo advento dos *pássaros de aço* que as encurta. Mas Antonieta parece pensar que a humanidade não está pronta para tal e a ciência apenas faz iluminar o caos, mas não consegue eliminá-lo, ao contrário, aliada às egolatrias torna-as ainda mais destruidoras e eficientes na arte *de se matarem homens*.

Em outras crônicas, Antonieta também questiona se as descobertas científicas são realmente válidas para a humanidade. Em sua opinião tais avanços só fizeram crescer os “*micróbios corruptores da alma*” pois, “*A todo bem sonhado ou conquistado, corresponde uma dor, uma sombra do mal*”⁴⁶. É possível verificar nestas falas aquela idéia para a qual nos chama a atenção Nicolau Sevcenko⁴⁷, de que longe de despertar um otimismo generalizado para as descobertas científico-tecnológicas, que seria o ideal máximo almejado pelos homens que mantinham posições decisórias, os novos recursos, por serem estranhos à maioria da população, desorientaram, intimidaram, perturbaram, confundiram, distorceram e alucinaram quem as vivenciou. Assim, não é difícil entender a resistência ao *novo*:

⁴⁶ Farrapos de Idéias, op cit., p. 125.

⁴⁷ SEVCENKO, Nicolau. A Capital Irradiante: Técnica, Ritmos e Ritos do Rio. In: História da Vida Privada No Brasil, volume 3. Organizador do volume: Nicolau Sevcenko. São Paulo: Companhia Das Letras, 1998, p. 514 a 516.

Quando Santos Dumont, na sua tentativa de šcaro, procurava emprestar aos homens, o poder dos pássaros, permitindo-lhes que se engolfassem no azul, que o devassassem, transpusessem, percorrendo ares nunca doutrem navegados, nunca lhe passou pela mente idealista que os homens fizessem do que o maravilhava, arma de destruição que, de quando em vez, os corações se encolhessem medrosos, ao sentir a trepidação dos motores, porque eles podiam trazer a morte, sibilando nas sombras[...] Assim a dinamite, assim todas as concretizações dos sonhos dos sábios, dos que procuraram enriquecer a humanidade, com maravilhas, envaidecê-la com as chamadas luzes do século e, insensivelmente a empobreceram dos sentimentos de fraternidade, dos sentimentos edificantes de bondade e fé. A humanidade, à proporção que evolui corrompe tudo, abastarda tudo, corrompendo-se e abastardando-se; mata todos os sentimentos elevados, esquecida, por completo, da linda finalidade da vida, que é a Harmonia, que é Amor, no sentido universal, que é Ascensão.⁴⁸

Em nome do progresso, da modernidade, Florianópolis foi ganhando ares de capital, o que gerou entusiasmo em alguns segmentos da sociedade e resistência em outros. Antonieta, com melancolia, sobre o advento da luz elétrica, implantada desde

⁴⁸ Farrapos de Idéias, op cit., p. 125 e 126.

1910 na capital, comentará em 1932: „*ÿ claridade romântica da lua, diante da qual era nula a luz fraca de um lampião a querosene, os Romeus costumavam nesta nossa ilha, encantar as Julietas[...]*A luz elétrica, embora fraca, como o é a nossa, faz morrer a ternura, o encanto existente nas serenatas.%⁴⁹ O desencanto dá-se então porque os costumes tradicionais do passado vão se perdendo e as novas gerações não vêm mais sentido em tal prática. Antonietta se queixa, „*Progressos materiais há, no entanto, que insensivelmente roubam o encanto dos costumes populares..%*⁵⁰

Ainda sobre as *modernidades*, lamenta que o uso da máquina de escrever irá suprimir a fisionomia das cartas: „*Que é da grata sensação de receber umas linhas e procurar, através dos caracteres, os impulsos anímicos que os produziram? É impossível reconhecer sob a máscara da letra de fôrma, a sinceridade de qualquer sentimento, quando a alma investigadora não se satisfaz com o sentido das palavras e procura ir além[...]*%⁵¹

O mundo, mesmo com os avanços registrados, mesmo com o progresso adentrando às casas, escreve Antonietta em 25 de setembro de 1932, „*está velhíssimo, decrepito, falido com uma moral problemática, uma civilização em farrapos e um futuro comprometido e assustador%* para melhorá-lo, somente os ensinamentos dos bons livros, dos bons instrutores. Em dezenas de crônicas discorrerá sobre tais problemas e as possíveis soluções, todas apontando para o campo da educação institucional.

Às vezes a leitura das crônicas de Antonietta, por incorporarem condutas religiosas e disciplinarizadoras, com várias citações da Bíblia, podem suscitar um

⁴⁹ Farrapos de Idéias, op cit., p. 45 e 46.

⁵⁰ Idem.

⁵¹ Farrapos de Idéias, op cit., p. 46.

sentimento anti-catequista, porém outras causam admiração pelo inusitado, como por exemplo quando em 1933, ao comentar sobre as notícias que chegam do Rio *„de que a mocidade se movimenta, formando uma liga contra a guerra%* conclama as mães dizendo-lhes: *„[...] E não só os moços devem dar-se as mãos nesta cruzada branca mas, acima de tudo e de todos, as mães que tornaram, pela ganância, insopitável e descarada dos homens, em simples fornecedoras de carnes para canhões, para as grandes hecatombes, para as tremendas destruições[...]”*⁵² Esta idéia de mães como *„simples fornecedoras de carnes para canhões%* me parece inteiramente original em tempos de exaltações patrióticas, se bem que em Florianópolis, parece que o quanto lhes foi possível, as mães protegeram seus filhos, inclusive não os declarando aos órgãos oficiais competentes para que os mesmos não fossem convocados em tempos de guerra.

Ainda comentando as notícias que vêm do Rio, comemora que em Convenção Eleitoral Feminina, as mulheres unanimemente votaram contra o serviço militar feminino, repudiando-o. Mais uma vez, também por esta crônica, podemos observar seu desencanto com a *ciência* e a conduta das *criaturas do século XX*. Ela diz:

[...] E não será, dentro das trincheiras, sob o matracar das metralhas, e o trovejar surdo dos canhões, frutos da ciência, postos à disposição da ganância dos homens, que conseguiremos fazer despertar na alma dos que ainda não divisaram, não compreenderam a maravilhosa finalidade da vida, todo o encanto feiticeiro da fraternidade. Não será nesse ambiente de destruição que se hão de formar caracteres puros e que se produzirá a luz, sobre as trevas

⁵² Jornal República, 12 de março de 1933.

*que sitiam as criaturas do século XX. [...] Assim, não é medo de cumprir o dever, mas a compreensão nítida, clara, desse dever, que a obriga a rebelar-se.*⁵³

Apesar dos inúmeros pesares e desencantos, reflete Antonieta, „*nem tudo está perdido*” pois ainda há o „*mundo das artes*” e neste, parece pensar que Santa Catarina não perde em nada para os grandes centros pois „*presentemente, entre muitos outros nomes, três lhe servem de orgulho: Florisbela Araújo Figueiredo Monteiro, Ondina Gheur e Newtonina Costa. Uma escultora, uma cantora e uma pianista*”⁵⁴. Antonieta estava convicta de que, se o mundo estava *decrépito*, faltava-lhe exemplos positivos, talvez imaginando que cabia a ela reverenciar e trazer à tona nomes e ensinamentos louváveis e dignos de crédito para atenuar as dificuldades da „*moral problemática*”. Assim cita passagens de, Jesus Cristo, José de Anchieta, filósofos como Platão, Sócrates, José Ingenieros⁵⁵ e escritores das mais diversas nacionalidades.

Durante a década de trinta, Antonieta discorre ainda sobre carnavais, festas das mais variadas, costumes, enfim, sobre diferentes temas, porém, em momento algum faz referência à sua etnia. Atitude no mínimo intrigante para os interessados em sua biografia e polêmica, para os pesquisadores de um modo geral.

Penso que a discussão poderia apontar para a chamada invisibilidade dos descendentes de africanos no sul do Brasil que se forjou ao longo dos anos através de uma história contada sempre pelas elites interessadas em acobertar, esconder e deixar à margem as populações que não se integrassem de bom grado aos seus projetos modeladores. Esta discussão é densa e está longe de ser resolvida em breves linhas. A

⁵³ Jornal **República**, 16/04/1933.

⁵⁴ Farrapos de Idéias, p. 188 e 189.

⁵⁵ José Ingenieros foi um filósofo argentino (1877/1925) cujas obras tiveram certa repercussão, sobretudo junto aos membros do Magistério.

invisibilidade do negro, como afirma a antropóloga Ilka Boaventura Leite⁵⁶ e com qual idéia afinizo, seria um dos suportes da ideologia do branqueamento, identificada em diferentes práticas e representações. Antonieta de Barros poderia estar identificando-se com tais ideologias, invisibilizando-se, quem sabe, sem dar-se conta.

Assim, durante os anos trinta, uma política preocupada em transformar o país em uma nação trouxe à baila novamente o ideal do “branqueamento” que já vigorava nos discursos, por exemplo, de Silvio Romero⁵⁷ desde o final do século XIX. Conforme citação de Ilka Boaventura Leite, já citada: *„Com maior ênfase ou de modo mais discreto, sejam apoiadas ou não, as teses do branqueamento foram se fortalecendo, quer no plano ideológico (com seus representantes na literatura brasileira), quer no plano político (através da própria legislação e de ações administrativas que irão beneficiar os imigrantes recém-chegados, em detrimento de índios, negros e caboclos) ou no plano mitológico (sobre o mito das três raças, vide Da Matta⁵⁸).%o*

Desta forma, seguindo ainda a idéia da antropóloga, os mecanismos de negação da existência de um “outro”, no caso aqui os negros em Santa Catarina, foram produtores e reprodutores, às vezes inconscientemente, do racismo. Na impossibilidade de banir o elemento negro da sociedade, negou-se a sua existência. Na tentativa de se incorporar à sociedade que nega a sua existência, o negro passa a negar a sua etnia. Obviamente que estou generalizando, sem me deter nos inúmeros mecanismos de resistência usados pelos negros em relação a tais ideais burgueses.

⁵⁶ LEITE, Ilka Boaventura. Descendentes de Africanos Em Santa Catarina: Invisibilidade Histórica e Segregação. Cadernos Textos e Debates, Núcleo de Estudos Sobre Identidade e Relações Interétnicas. Ano I, nº 1, 1991, UFSC.

⁵⁷ ROMERO, Silvio. História da Literatura Brasileira. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980 citado por LEITE, Ilka Boaventura, op cit.

⁵⁸ DA MATTA, Roberto. Relativizando: Uma Introdução à Antropologia Social. Petrópolis: Vozes, 1981.

É difícil imaginar, já que não ficou evidenciado claramente em seus escritos durante a década de trinta ou anterior à ela, o quanto Antonieta teria sido alvo flagrante do racismo. Diferente de seus pares, não encontrei por parte da oposição nenhum registro pejorativo sobre a etnia de Antonieta a não ser aquele ocorrido na década de cinquenta que teve como preceptor Oswaldo Rodrigues Cabral.⁵⁹

A elite florianopolitana parece ter *aceito* sua negritude, em troca, quem sabe, Antonieta deveria silenciar-se sobre a mesma. Ou a própria Antonieta estaria negando sua etnia, o que é difícil pressupor tendo como referência seus escritos posteriores, dizendo orgulhar-se em reconhecer-se como negra.

Carlos Humberto Corrêa, analisando os meandros que teriam legitimado a fundação do *Centro Catharinense de Letras* como uma força opositora à situação de marasmo cultural a qual chegara a *Academia Catharinense de Letras* que restringia a participação de escritores por ela considerados como *poetas menores*, bem como pelo descontentamento com seu Diretor, Altino Flores, cita uma briga realizada às páginas da revista *Terra*, que então analisava poetas para integrar a Academia e que bem pode nos servir como um exemplo de como se davam as manifestações racistas em sociedade.

Othon Gama D'Eça era articulista e lamentava que a poesia em Santa Catarina era „*um amontoado de chatices ignobilmente rimadas*” Ildefonso Juvenal, escrevia poemas e também era um dos redatores da revista *A Semana*, como se sabe, era negro. Ele discordou e comentou que outros poetas, além dos citados por Gama D'Eça no artigo escrito para a revista *Terra*, poderiam ter sido lembrados e referenciados. Altino Flores, amigo de Gama D'Eça, entendendo que este estava sendo “atacado”, resolveu sair em sua defesa, escrevendo violento artigo contra Ildefonso Juvenal, dando uma

⁵⁹ Sobre esse assunto, estarei discorrendo com mais detalhes no capítulo III. Também gostaria de salientar novamente que, por estarem em restauração, não consegui pesquisar nos principais jornais de oposição.

ilustração clara e manifesta de seus pensamentos. O artigo intitula-se „*Ÿ Sombra de Cruz e Sousa*“ vale lembrar que Antonieta acompanhou nos *bastidores* tal discussão:

*Cruz e Sousa foi um bem e foi um mal para as letras catarinenses: foi um bem porque, dando-nos versos admiráveis, tornou o nome de nosso Estado conhecidíssimo entre os demais; foi um mal porque, por ser negro, despertou em todos os negros de Santa Catarina, que acompanham a evolução literária do Brasil pelo texto dos almanaques, a veleidade de poetas. Ildefonso, por exemplo, é um destes[...] Ildefonso é bronco, iletrado, vaidoso, embora se cubra do verniz da modéstia, não tem o mínimo sentimento do que seja o ritmo poético e ignora todas as condições de prosa artística. Desconhecendo a técnica do verso e as leis sintáticas que condicionam a integridade estrutural do período na prosa portuguesa, não pôde, por isso, até hoje, fazer coisa que prestasse. E não o poderá nunca[...]*⁶⁰

Cruz e Sousa foi um “*bem*” porque elevou, prestigiou o nome de Santa Catarina, serviu, portanto aos ideais burgueses. Foi um “*mal*” porque abriu possibilidades para os demais negros, na opinião de Altino Flores que se manifestou sem constrangimentos a respeito. Num primeiro plano, o alvo principal neste artigo foi Ildefonso Juvenal, porém, ao dizer que o poeta seria “*um destes*”, pressupõe e dá a entender que suas críticas visavam também atingir por extensão a outros negros com pretensões literárias.

⁶⁰ Revista Terra, Florianópolis, ano 1, n° 17, 24 de outubro de 1920. Citado por CORRÊA, Carlos Humberto, História da Cultura, op cit., p. 167.

Se Altino Flores manifestava-se de tal forma não é difícil inferir que outros membros da elite letrada também o tenham feito, talvez de maneira menos incisiva, mais velada, quem sabe. Na ordem social instituída pela elite branca, não havia lugar de destaque para os negros. Se alguns negros furavam este cerco, haviam de enfrentar a fúria ou conquistar a complacência dos “instauradores da ordem” para manterem-se com certa dignidade em tão exasperado meio.

Embora não seja tema central de minha discussão, convém salientar que a *Academia Catarinense de Letras* evitou o quanto pôde incorporar escritores negros aos seus quadros e, também para “corrigir” tal exclusão, o *Centro Catarinense de Letras* procurou incorporá-los, dizendo-se uma instituição democrática, mas sendo tão elitista quanto a Academia. Até porque escrever em tal período já era um pressuposto dos membros da elite, com raras exceções. Assim, nomes como o de Antonieta de Barros, Ildefonso Juvenal (que figuravam entre os fundadores) e o poeta Trajano Margarida foram bem vindos àquele Centro porque lhe conferiam, por suas presenças, o estatuto de “democrático”. Talvez esse termo estivesse sendo usado como um sinônimo de moderno. O Centro estaria por esta forma tentando aparecer como uma Instituição que se moldava aos “novos tempos”, progressista, querendo evidenciar o contraste com a Academia, associando-a ao rol das coisas velhas, retrógradas.

Ao estudar tais episódios, o interessante é observar o quão imbricadas, envolvidas, e mesmo tuteladas pelos e com os órgãos oficiais do Estado, estavam tais Instituições, como nos aponta Carlos Humberto Corrêa:

Em maio daquele ano (1925), o Centro lançou o primeiro número de sua revista. Foi uma bela revista, com bom papel e profusamente ilustrada, impressa às custas do

governo estadual, constituindo-se num instrumento de divulgação que a Academia de Letras, com cinco anos de existência, ainda não tinha conseguido publicar, mesmo sob a proteção da administração de Hercílio Luz. A Revista do Centro É aliás, além da identificação cultural que passou a ter, aliou-se claramente ao novo governo estadual de Antonio Pereira e Oliveira, publicando sua fotografia em tamanho grande e considerando-o presidente de honra. Em retribuição ao título recebido, foi cedida uma sala totalmente montada nas dependências da Escola Normal, nos fundos do Palácio do Governo, para servir de sede ao órgão.⁶¹

Se por um lado é interessante observar estas mancomunações, por outro também o é observar Antonieta de Barros, advinda de uma camada social menos privilegiada, negra, circulando por estes meios e, quem sabe, absorvendo destes, suas conjeturas. Assim, estrategicamente, Antonieta de Barros não apenas circulou, mas aliou-se ao que tudo indica, aos mais proeminentes nomes das oligarquias catarinenses não confrontando-os. Pelo contrário, aspirando e reproduzindo os ideais de uma elite burguesa da qual, muitas vezes ela parecia fazer parte já por nascimento.

Como uma estrategista mesmo, evidenciando muita competência, soube jogar, articular, manejar habilmente as peças daquele imenso tabuleiro chamado ‘vida’ e conseguiu sobreviver ardilosa, não só ao seu tempo e à sua história, mas ao *nosso* tempo também, marcando com a sua trajetória as páginas da História Catarinense. Em 1933,

⁶¹ CORRÊA, Carlos Humberto, História da Cultura, op cit., p. 172.

Antonieta advertia: „*Não se entra para a luta, trazendo somente um amontoado desordenado de sonhos e o desejo de realizá-los. É preciso que se queira a sua concretização e que se saiba querê-la. Para tanto, porém, se necessita de arma. Toda ação requer instrumento. E o instrumento máximo da vida é a instrução*”⁶². Nesse sentido, Antonieta soube usar sua instrução como *arma* para a concretização dos seus sonhos.

Nossa trajetória pessoal na vida implica em escolhas, quando nos decidimos por uma, imediatamente estamos renunciando outras noventa e nove. Talvez o segredo esteja em não lamentar as perdas e possibilidades das noventa e nove que deixamos para trás e assumir os riscos de nossa escolha. Antonieta escolheu aliar-se ao poder e assumiu-o, por certo estava ciente de sua decisão. Assim, se traçou um objetivo para sua vida e se este estava ligado à idéia de destacar-se, atingiu-o plenamente, porém denota por suas palavras, não tê-lo atingido incólume:

E a ânsia de viver, a pressa com que se passa pela existência, sem conseguir senti-la, integralmente, dão ao homem a ilusão da vitória completa dos ideais que lhe vitalizam os dias. E o espírito que se fortifica na renúncia de todos os instantes, embora se magoe, embora deixe na estrada poeirenta e sem fim, migalhas de si mesmo, engana-se, prazerosamente, de que nada cedeu, porque, na verdade a ilusão é um pretexto para a vida. A existência está cheia de desencantos que a cada passo, as renúncias forçadas semeiam.[...] A vida dos fortes tem

⁶² Jornal **República**, 29/10/1933.

*beleza, porque renunciam, sempre, pois que os ideais não se corporificam, nunca, com o esplendor sonhado e sabem levantar a cabeça e avançar. Todos os sonhos sofrem o corte impiedoso dos insucessos, e lutam contra a geada do indiferentismo de uns e o egoísmo de outros. Que importa que seja Âim cemitério a estrada, a custo percorrida? O pouco que se alcançou, compensa o muito desejado e incita o trabalhar mais, a lutar mais, a viver mais[...]*⁶³

Antonieta dá mostras de que os ideais lhe vitalizaram os dias, mas não evitaram o sofrimento e o desencanto frente às renúncias. O que teria renunciado?

Seu espírito fortificou-se nas renúncias, mas houve a mágoa por ter deixado „na estrada poeirenta e sem fim, migalhas de si mesmo% Que migalhas teria deixado para trás? Que mágoas teria acumulado?

Bem, mas ela admirava os *fortes* e neles se espelhava, porque estes renunciavam e não lamentavam suas renúncias, pois maior que elas, sabiam ser o *esplendor sonhado*. Em nome do esplendor, os fortes sabiam levantar a cabeça e avançar. Então, ela que se queria forte, mesmo sofrendo o “*corte impiedoso dos insucessos*”, levantou a cabeça e lutou contra o *indiferentismo* e o *egoísmo*. Venceu?

⁶³ Farrapos de Idéias, op cit., p. 163, com o título “Renunciando” e dedicado A’Stela.

CAPÍTULO II

MAGISTÉRIO: SONHOS E DESENCANTOS

A morte, velha companheira quase sempre indesejável da humanidade, conduziu Antonieta de Barros para outras veredas sem aviso prévio em 28 de março de 1952. Calou-lhe a voz ainda jovem e fez nascer em seus simpatizantes a idealização da professora perfeita, ou por outro, da *mestra vocação*, conferindo-lhe o apanágio da retidão virtuosa.

Se é difícil aos pesquisadores entrever em linhas deixadas os desejos das pessoas que os precederam na quase nunca ambicionada ‘viagem’ ao além, e com quem só pelos escritos tiveram contato, acredito que Antonieta de Barros o tenha manifestamente facilitado tal tarefa aos seus estudiosos. Ser professora parece ter sido seu desejo mais profundo. Ou pelo menos, aquele que quis fazer acreditar ter sido. Ao escrever suas crônicas, sabia que deixaria impresso em papéis aquilo que, talvez, estivesse querendo imortalizar. De certa forma, “eternizou” sua imagem como Educadora. Das funções que desempenhou: parlamentar, articulista e professora, é possível observar que por esta última, mais se empenhou, não sendo penoso encontrar referências em fontes, quer sejam escritas ou orais, sobre seus feitos no campo da Educação institucionalizada reforçando a idéia da glorificação da Mestra abnegada.

Em 1921, por ocasião de sua formatura, escreveu uma oração de agradecimento intitulada “De Joelhos”. Nesta percebe-se que o Magistério representou uma escalada de um projeto de vida para Antonieta de Barros. Projeto de vida que para a maioria das moças “bem nascidas” de Florianópolis poderia ser considerado quase natural, instantâneo, mas para Antonieta não!

Seus estudos foram conquistados arduamente, o ápice, a grande conquista estava no formar-se e, possivelmente ao fazê-lo, não quis sucumbir às queixas e ao ardor da empreitada. Agradecida pede à Deus: “[...] *põe-me na alma os cânticos dulçurosos dos que chegaram ao Sinai dos seus sonhos*[...]”⁶⁴ Deslumbrada, agradecida, refletia ainda em sua oração: „[...] *Bem hajas Tu Senhor, que na Tua infinita bondade me fizeste Mestre! Diante de Ti, de joelhos, o meu coração, pela graça da Tua escolha! Mestre Senhor! Bendito sejas! [...] Que eu tenha Senhor, a mansidão dos fortes, e a intrepidez dos que querem vencer!*”

Antonieta almejava *vencer*. Vencer pelo conhecimento que pressupunha no Magistério o ponto referencial. Se para os membros femininos de classes mais abastadas, o Magistério representava a possibilidade de educar e instruir-se e, quem sabe, *romper* com o doméstico e conquistar uma parte do espaço público, para Antonieta essa possibilidade parecia ir além. Era pelo Magistério que buscava conquistar prestígio social. Prestígio que, possivelmente, as outras moças suas colegas, já o tinham por nascimento.

Sem querer usar a época como uma justificativa para a escolha profissional de Antonieta, não posso, contudo, deixar de referenciar que esta viveu em um tempo em que o Magistério era, praticamente, o único trabalho socialmente aceito para as mulheres das ditas “elites” e possivelmente o sonho de ascensão das advindas de camadas sociais menos privilegiadas. A profissão considerada *ideal* já que vinculado diretamente à maternidade e ao ser *boa* dona de casa. O papel da mulher professora,

⁶⁴ A oração, na íntegra, encontra-se na Introdução do Livro *Farrapos de Idéias*.

como já salientaram alguns pesquisadores⁶⁵, seria a extensão de uma atividade que ocorria dentro de casa, um *aprimoramento* de suas funções.

A mulher deveria estar voltada às aspirações da casa, do gerar e educar filhos, do ser esposa dedicada, do saber comportar-se em sociedade para *eleva*r o prestígio social, via de regra, de seu marido. Porém, um grande grupo de mulheres, aproveitando-se desta *abertura* ao espaço público, escaparam destes ideais e ousaram ir além de tais pretensões conquistando para si mesmas prestígio e reconhecimento social. Só como exemplo, um dos tantos, além de Antonieta de Barros, poderíamos citar Maura de Senna Pereira.

As mulheres, de um modo geral, visualizaram no Magistério *uma* alternativa de "ganhar a vida honestamente" e o fizeram, às vezes como única alternativa mesmo de trabalho, principalmente em sociedades onde a indústria e o comércio eram ainda muito incipientes, como é o caso de Florianópolis no período aqui estudado. Assim, muitas mulheres das mais diversas camadas sociais tornaram-se professoras também para garantir sua sobrevivência. A escolha de Antonieta deve ter se pautado por esta premissa.

Para justificar a saída da mulher das camadas sociais mais abastadas ao mercado de trabalho, sem ferir a virilidade masculina de provedor, chefe de família, e com isso dar mostras à sociedade de *incompetência* em gerir a casa, precisaram muitas vezes, os homens, criar mecanismos discursivos como „*minha esposa não precisa trabalhar fora, ela o faz por distração*”⁶⁶. Desta forma, evidenciavam que o trabalho fora era apenas alternativo e temporário e, logo que fosse possível, a mulher retornaria ao seu local

⁶⁵ Dentre os muitos encontrados, ver: LOURO, Guacira Lopes. Mulheres Na Sala De Aula. In: PRIORE, Mary Del (org). História Das Mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2000.

natural, quer seja, o lar⁶⁶. As justificativas também incluem o fato de que a atividade de professora, a priori, não requeria dedicação exclusiva, em turno integral, o que lhes permitiria trabalhar sem, contudo, abandonar o estatuto e as funções de “rainhas do lar”. Aliadas a estes pressupostos vincular-se-á ainda a idéia de *magistério-vocação*. Então antes de ser uma profissão, o magistério seria um sacerdócio para o qual dedicação, doação e amor seriam as premissas básicas. Em 1951, portanto em final de carreira, já aposentada, Antonieta de Barros comenta:

*Num país como o nosso em que, em geral, não se dá ao professor o conceito que o seu trabalho na educação da coletividade impõe, nega-se-lhe também, a possibilidade de poder ficar acima das dificuldades financeiras. Por isto mesmo, não é de admirar que o Magistério seja irmão muito fraco, como profissão. No entanto, justo não é também, que dele se faça apenas uma achega. E não é justo, tendo em vista a elevada causa que é a sua bandeira. O magistério é absorvente, rouba-nos a nós mesmos, escraviza-nos por completo. E a esta sua absorção, a esta escravização só se submetem os agraciados pelo Senhor, com o lindo trabalho de educar[...]*⁶⁷

Esta crônica é elucidativa, pois em poucas linhas dá mostras da idéia que nossa personagem fazia a respeito do Magistério, sua consciência de que como profissão, o

⁶⁶ Sobre tal assunto ver: LOURO, Guacira Lopes. Magistério de 1º Grau: Um Trabalho de Mulher. In: Revista Educação e Realidade. Porto Alegre: nº 14, jul/dez, 1989.

⁶⁷ Jornal O ESTADO, 16/09/1951.

Magistério ainda precisaria conquistar sua causa mas que apesar de ser um aliado fraco, pouco lucrativo enquanto profissão, também não era justo que dele se fizesse *apenas uma achega* subsidiária. Era preciso não perder de vista que seus membros eram os *agraciados do Senhor* e como tal, abnegados, desprovidos de si mesmos, exemplificando a tríade Magistério/sacerdócio/vocação vigente à época e sobre a qual vínhamos discorrendo acima.

Havia pensadores, no entanto, que estavam questionando o deixar-se *educar* pelo feminino porque essa educação, pela sua singularidade, estaria, na opinião dos mesmos, fadada ao fracasso:

Nada parece mais natural à primeira vista que o ensino da criança entregue à mulher [...] o sentimento da maternidade criado e mantido por uma influência multissecular indicam a mulher para guia da infância. Alguns (homens de ciência) que se pronunciam pela incapacidade da mulher não duvidam confiar-lhe a infância. Entretanto é um mal é um perigo, é irreflexão desastrosa [...] A educação pela mulher só pode ser comparada à educação pelo clero. Ambos preparam para o passado organismos que se devem mover no presente ou no futuro; ambos amoldam segundo o mundo antigo que representam um organismo que tem de viver no meio atual. [...] A conclusão é uma e única. Nenhum papel deve

*ser confiado à mulher atual na direção intelectual das gerações*⁶⁸

O “melhor”, seguindo o rumo do discurso proferido acima, seria confiar a educação das crianças (futuro do Brasil) aos homens, teoricamente melhor preparados intelectualmente para apontar direções seguras rumo ao futuro, que aqui bem pode-se ler como progresso. *Naturalmente*, como evidenciavam os *homens de ciência*, as mulheres eram *incapazes*. Evitar, pois, que atuassem na educação dos rebentos, seria também uma maneira de garantir um rompimento definitivo com o passado, com o arcaico, com o retrógrado. Afinal, aqueles eram tempos modernos, onde não cabiam mais *organismos* que se moviam tendo o passado como pressuposto. Também poderíamos ler a idéia central desta crônica como uma crítica à pouca profissionalização dos membros do magistério que moldavam indivíduos, tal qual o clero, na opinião do autor, para o passado, para algo que já não cabia mais naquela sociedade e, portanto, deveria ser banido.

Ao que tudo indica, uma celeuma criou-se em torno de tais discussões e, logo, a inadequação do Magistério chamado de “primeiras letras”, para homens, também estaria sendo focalizado. Salientando uma fala de Afrânio Peixoto em 1930, pode-se visualizar a controvertida questão:

O magistério elementar masculino é, de fato, uma anomalia. A não ser o caso vocacional, que é sempre tardio no homem, não vejo porque, senão por incapacidade de competir com outros homens, nas

⁶⁸ Citando Tito Lívio Castro, representante do cientificismo liberal pré republicano: SAFFIOTI, H. A Mulher Na Sociedade de Classes: Mito e Realidade In: LOURO, Guacira Lopes. Revista Educação e Realidade. Porto Alegre: jul/dez de 1989. P 35.

carreiras masculinas, virão eles para aqui. Tenho pena quando os vejo convosco, se não lhes descobro vislumbre de vocação[...] São para mim falidos na vida [...] Na idade em que se ousa e se tem ambição de chegar, eles dão fundo, numa profissão sem glória e sem remuneração. É um teste psicológico e econômico, de inferioridade viril. Num país que remunera tão bem todas as atividades masculinas, abrigar-se parcimoniosamente no magistério elementar é capitular diante da vida [...] Se não lhes descobro vocação, insisto, nos meus alunos homens, tenho pena deles, dos meus alunos homens [...] ⁶⁹

O homem forte, viril, inteligente, moderno, deveria se lançar a outros desafios mais produtivos, quer intelectuais ou financeiros. Em seguir o magistério, estaria o homem testemunhando contra sua capacidade e declarando-se abertamente um *falido na vida*, estaria ainda dando provas de sua *inferioridade viril*. Tal fato era inaceitável, homens deveriam seguir carreiras mais prodigiosas, mas, tal *equivoco*, poderia ser entendido, analisando a fala de Afrânio Peixoto, se fosse identificado um *vislumbre de vocação*. Só a vocação redimiria a anomalia da atuação dos homens no magistério elementar, a não ser por esta, todos os demais *incapazes* seriam dignos de pena, de lástima.

Eis que temos então mais uma vez evidenciado que a vocação era o elemento primordial que deveria mover o interesse de quem resolvesse incursionar em carreira do Magistério. Assim, registra-se as discussões que conduziam o Magistério ao sacerdócio

⁶⁹ Idem.

e a vocação que, por sua vez, supõe doação e suscita aceitação incondicional (até mesmo de um parco salário).

Se vocação era a palavra de ordem, Antonieta a obedeceu, abraçando o Magistério não como uma profissão e sim, como uma *missão*. Como professora de outras professoras, em um discurso para as alunas do Colégio Normal, reproduziu através de sua fala, a sua crença, aconselhando as formandas no ano de 1934:

*Lembrai-vos de que as vossas paixões e os vossos sentimentos devem apartar-se de vós ao penetrardes na oficina e santuário da ESCOLA; Obreiros e guardas da Pátria, que deve eternizar-se pela vossa obra educativa, manda a vossa dignidade de Professor que combatais tudo quanto possa anemizar ou enfraquecer o Bem, a Justiça e os postulados que constituem a vida do Brasil. Sois soldados da Pátria. Não tendes o direito de escolha. O caminho é o que está diante de vós. As cores que divisais, à direita, à esquerda, não vos podem seduzir. **É um imperativo da vossa missão.** Agir de modo contrário é cometer um crime sem nome para com a Pátria e a Humanidade, que confiaram em vós[...]*⁷⁰

Como *soldado, sem direito de escolha*, Antonieta depositou ao Magistério não somente suas reflexões, mas ao que tudo indica, sua própria vida (o sacerdócio levado a cabo). Não casou e, exceto pelas funções parlamentares (que também estiveram guiadas para este), não executou outra atividade que não estivesse associada à Educação.

⁷⁰ Farrapos de Idéias, 2ª edição, op cit., p. 209. O grifo em negrito é meu.

Assim, desde que fundou em 1922 uma pequena Escola que atendia às séries iniciais em sua própria casa, à Rua Fernando Machado, imediações do centro da cidade de Florianópolis até seu falecimento em 1952 foi a *obreira* que *eternizou-se pela obra educativa*, tal qual aconselhara às ex-alunas.

No jornal **República** de 06 de fevereiro de 1932, encontrei um pequeno anúncio comunicando: "*Curso Antonieta de Barros. Externato fundado em 1922. Acha-se aberto diariamente, das 09:00 às 12:00 h, a matrícula para os quatro anos deste curso, cujas aulas se iniciarão a 16 do corrente. A Diretora*".

Muitas professoras à época, segundo consta, realizavam as chamadas “aulas particulares”. Às vezes em suas próprias casas e, outras, dirigindo-se à casa de seus alunos. Essa parece ter sido uma prática comum, porém aos jornais, além dos anúncios das Escolas institucionalizadas como por exemplo: Colégio Coração de Jesus, Colégio Catarinense, Grupo Escolar Lauro Muller, só para citar os que encontrei em minhas pesquisas, não há outras notas ou convocações para matrículas em escolas “particulares” pequenas, como parecia ser a de Antonieta. Daí mais uma vez a possibilidade de se constatar o prestígio da professora Antonieta junto a este meio jornalístico e, por extensão, junto aos membros da elite florianopolitana que o compunham.

Sobre a Escola⁷¹, um ex-aluno assim a referencia: „*Os filhos das famílias ricas eram matriculados para fazerem o primário e disputavam vagas na referida Escola. Muitos dos seus ex-alunos são hoje nomes famosos: Carlos Humberto Corrêa, Eduardo Luz, Aluisio Gonçalves, Esperidião Amin, entre outros[...]*”⁷²

⁷¹ Neste caso falando dos ex-alunos da Escola, não que necessariamente tenham sido alunos de Antonieta, nas referências que seguem, consta que tais nomes teriam sido ex-alunos de D. Leonor de Barros.

⁷² Carlos Bagé em entrevista concedida à Maria Regina Conceição em Florianópolis, 13/06/1997. A referida entrevista encontra-se no Trabalho de Conclusão de Curso em História de Maria Regina, intitulado “Antonieta de Barros: O Perfil de Uma Educadora”, apresentado à UFSC em julho de 1999.

Ao tomar depoimentos de pessoas que estiveram ligadas à Antonieta quer como alunos, amigos ou conhecidos, estou ciente do quanto a memória sofre interferências deste discurso produzido para a lembrança do que se foi, de quem se foi. Não que pretendesse recuar do presente para reviver acontecimentos tais quais tenham sido, não se pode guardar as lembranças intocáveis, puras das experiências vividas, como já sugeriu Ecléa Bosi⁷³. Sabe-se que “*rememorar é uma atividade orientada pela atualidade, determinada pelo lugar social e referenciada pelos significados do imaginário social de um grupo*”⁷⁴ assim, é possível que não fosse necessária a *disputa* pelas vagas na Escola, mas na lembrança do entrevistado, querendo salientar a importância que a mesma teve junto aos membros das *famílias ricas*, assim o foi e assim o registramos.

Para comemorar ou marcar, o final do século XX, o grupo RBS (Rede Brasil Sul, Empresa que coordena atividades de comunicação em rádio, jornais e televisão) em parceria com a Telesc Brasil Telecom (Empresa de telefonia) lançou um concurso para homenagear os nomes que „*ajudaram a construir a história de Santa Catarina*” por este, a população do Estado deveria eleger os “Vinte Catarinenses Que Marcaram o Século XX”. Era uma lista extensa composta por cinquenta nomes selecionados pelos pesquisadores Celestino e Sérgio Sachet, dentre os quais, o de Antonieta de Barros. Segundo nota no jornal **Diário Catarinense**⁷⁵, mais de um milhão de pessoas participaram da escolha. Figuraram nomes de empresários, esportistas, religiosos, educadores, artesãos, entre outros. Antonieta de Barros foi uma das vinte personalidades

⁷³ BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos. São Paulo: T. A. Queiroz. USP, 1987.

⁷⁴ LACERDA, Lílian Maria de. Lendo Vidas: A memória Como Escritura Autobiográfica. In: MIGNOT, Ana Chrystina et alii (Org). Refúgios do Eu: Educação, História, Escrita Autobiográfica. Florianópolis: Mulheres, 2.000, p.85.

⁷⁵ **Diário Catarinense**, Florianópolis, 10/06/2001.

que marcaram, senão o século, pelo menos a vida, a lembrança ou a curiosidade dos que a elegeram.

Durante a ocasião, muitas pessoas apresentaram-se como ex-alunos e prestaram depoimentos aos meios de comunicação, foi possível localizar duas sobrinhas⁷⁶ de Antonieta de Barros as quais estiveram presentes na solenidade de homenagem realizada no Centro Integrado de Cultura. Também foi possível elucidar uma parte da história de vida de nossa personagem, ainda que timidamente porque pouco puderam acrescentar as sobrinhas por não saberem ou não lembrarem dos acontecimentos passados, frustrando nossas expectativas.

Do fato denotou-se ter sido marcante a atuação de Antonieta, especificamente como professora. Não foi como Deputada, nem como colunista que seu nome figurou entre os participantes e sim com um significativo atributo que dizia “*professora*”.

Ao falar sobre a protagonista em seus depoimentos, o que chamou-me a atenção foi a recorrência de muitos, quase todos, terem registrado a seriedade e competência da personagem em lecionar além do fato de entenderem português e suas complexas regras gramaticais, *graças à D. Antonieta*. Que significados (ou resignificados) teriam estas falas tão recorrentes?

Particpei como pesquisadora de algumas solenidades, não as promovidas pela RBS, mas, sobretudo as promovidas para as Comemorações do Centenário de Nascimento de Antonieta de Barros pois foram quase concomitantes e, no momento em que várias falas “consagradoras” estavam sendo reunidas, uma ex-aluna, chegou-se a mim e segredou-me em tom de revelação: “*Eu não gostava dela não! Deus me livre, era*

⁷⁶ Trata-se das Senhoras Luísa Brescianinni e Celina, ambas com idade avançada. Infelizmente durante a escrita deste trabalho verificou-se o falecimento de D. Luísa.

*um sargentão, braba como um bicho. Eu tinha um medo doido dela, isso sim!*⁷⁷ Alguns ex-alunos guardaram lembranças positivas e outros, talvez, nem tão positivas assim, mas na *parede da memória*, as lembranças são quadros que servem ao gosto e aos olhos de quem os vê, por certo alguns emprestaram-lhe colorido especial.

Sobre a professora, o sr. Carlos Aduino Vieira, escritor e advogado, ex-aluno do Curso Primário e, anos mais tarde, no Colégio Estadual Dias Velho, escreveu várias crônicas lembrando dos tempos de colégio. Dentre as escritas, destaco esta como exemplo:

A nossa adolescente rebeldia, que se confirmaria pela vida afora, e maior responsável pela nossa interdição ao Catarinense, estourou em uma greve de protesto, imediatamente aceita. Sábado à tarde, frente ao Colégio, fizemos um piquete, expondo os motivos da nossa greve aos colegas e conseguimos adesão total. Era um sábado em começos de dezembro com um sol adoidado, provocando aquela canícula senegalesca e nos pondo em ódio com a vista do mar da Baía Sul, no terminal da rua Saldanha Marinho. Vamos! · disse em tom mais alto. E fui em direção à rua Victor Meirelles e, conseqüentemente, ao Jardim da Praça Quinze, o Oliveira Belo, sendo seguido por uma centena de colegas. Sentamo-nos à sombra da patriarcal figueira que, já de tão velha se apóia em muletas, segundo Marques Rebelo. De repente alguém disse: - Lá vem D. Antonieta! _ Vamos esperar com calma. Ela veio, parou defronte de mim e pediu: - Chega um pouquinho pra lá e me dá uma beirada pra sentar. Abrimos um

⁷⁷ Para não ferir a ética e respeitando o desejo da entrevistada que preferiu não ser identificada nem com o nome trocado, apenas vou citar a fala sem nomear a fonte.

espaço e ela o ocupou.- Aqui tá gostoso heim? Bem melhor do que lá na sala de aula com este calor e este uniforme idiota. Vim aqui, para dizer que estou solidária com vocês. Hipoteco a minha total e irrestrita solidariedade contra estas duas determinações, uniforme e aula sábado à tarde. Perder uma tarde de sábado destas é um pecado. Imaginem até eu tenho de vir de paletó e blusa branca fechada com manga comprida. Os professores também não podem mais vir à vontade sob pena de suspensão e perda de salário. Mas agora, aqui pra nós, vocês não foram, nem elegantes, nem solidários conosco. Poderiam ter avisado, a gente nem viria ao colégio. Está todo mundo lá, conversando, sem saber o que fazer. Claro, muitos deles gostariam de ter ido à praia ou fazer outra coisa para aproveitar o tempo. Porém, não sabiam de nada[...] Levantou-se, despediu-se com um tchau e foi em direção ao Colégio com aquele seu passo, sempre tão firme. Um por um nos fomos levantando e, como uma tropilha de carneiros, a seguimos, cabisbaixos e silenciosos. Na segunda-feira o secretário temperou a determinação, liberando sábados, sem aulas e sem uniformes.⁷⁸

Esta crônica nos traz imagens sobre a personagem que na época era Diretora do Colégio Dias Velho. Nelas é possível identificar a professora habilidosa, astuciosa que, sentada junto aos alunos lhes dirige uma conversa informal, em tom de concordância, sem embates, mas aproveitando-se do clima amistoso consegue sem ameaças de

⁷⁸ Este testemunho encontra-se na Home Page elaborada pelo Gabinete da Deputada Ideli Salvatti em Comemoração ao Centenário de Nascimento de Antonieta de Barros: www.ideli.com.br/antonieta

castigos, apelando para a consciência, conduzir os alunos às salas de aula onde os professores os esperavam.

A imagem, no entanto, que quase todos os ex-alunos, amigos pessoais, conhecidos, guardaram de Antonieta de Barros é de uma figura severa, de poucos sorrisos, roupas escuras, de mangas compridas, cabelo em coque. Também esta é a imagem da representação das professoras na década de trinta. "*As professoras deveriam servir de modelo a suas alunas. Para isso, precisavam exercer um estrito controle sobre suas falas, posturas, comportamentos e atitudes.*"⁷⁹

É interessante observar que dentro do contexto educacional, uma série de símbolos, rituais e normas foram construídos para as professoras, como por exemplo, a escola extensão do lar, a professora solteirona, mãe de seus alunos. Antonieta teria vivido a chamada *maternagem simbólica*, por suas palavras, "[...] *é que somos, dentro da vida, as que educamos, como Mães e como Mestras[...] Ides ensinar pequeninos. E os pequeninos são um lindo sonho que vivificaremos pelo nosso zelo, pela nossa dedicação de Mulheres, cujo destino o Senhor marcou com uma estrela de luz[...]*"⁸⁰

Permaneceu *solteirona* numa sociedade em que tal opção representava a *mulher que falhara* em sua missão⁸¹. É possível que muitos ressentimentos lhe tenham acometido por conta de tal estereótipo. Porém se os teve, não os registrou de forma explícita, mas em meio a tantas palavras de *desencantos*, de *renúncias*, quem sabe poderíamos encontrar uma ponta de amargura relacionada especificamente a esta causa.

Como professora dedicada, abnegada mesmo, talvez a sociedade lhe tenha perdoado a 'falha' de não ter se casado porque, afinal não casara, mas cumprira sua

⁷⁹ Louro, *Mulheres na Sala de aula*, Op. Cit. p. 467.

⁸⁰ Farrapos de Idéias, Op. Cit., p. 231.

⁸¹ Louro, *Mulheres...* Op. Cit, p. 467.

função feminina no papel de *mestra*. Guacira Lopes Louro em seus estudos sobre professoras afirma que:

Essa representação de professora solteirona é, muito adequada para fabricar e justificar a completa entrega das mulheres à atividade docente, serve para reforçar o caráter de doação e para 'desprofissionalizar' a atividade. A boa professora estaria muito pouco preocupada com seu salário, já que toda sua energia seria colocada na formação de seus alunos e alunas. Esses constituiriam sua família; a escola seria o seu lar e, como se sabe, as tarefas do lar são feitas gratuitamente, apenas por amor. De certa forma essa mulher deixa de viver sua própria vida e vive através de seus alunos e alunas; ela 'esquece de si'.⁸²

Nesse sentido, salientando ainda aquela fala de Antonieta realizada às alunas formandas, ela dirá e nós *ouviremos*, se quisermos, uma ponta de sua amargura:

Não vos falarei dos desencantos, que, por certo, hão de pontilhar a estrada, nem sempre, suave; não vos falarei das renúncias a que o caminho por que enveredastes, vos forçará. Não é o temor que me leva a agir assim. É a certeza de que o IDEAL será força poderosa, capaz de vos colocar a coberto dos desânimos infrutíferos. Mas, desencantos e renúncias surgirão, não para que vos

⁸² Louro, *Mulheres Na Sala De Aula*, op. Cit., p. 466.

*amargureis, e, sim, para que possais sentir ainda mais a beleza de vosso apostolado; mas para que possais avaliar ainda mais, a magnitude do vosso trabalho. [...] Porque, na escola - lar e oficina, altar e jardim - o professor trabalha, dando aos pequenos, na grandeza do seu amor, os ensinamentos que os agigantarão[...] O trabalho ciclópico, que é o de educar, se envolve a glória da maior contribuição do homem pelo homem, envolve também, uma dedicação infinita, um desprendimento infinito e inteireza de coração... É preciso ainda, que o professor viva, pelo exemplo, toda beleza moral que procurar transmitir aos alunos[...]*⁸³

Desencantos e renúncias surgirão, advertia ela às ex-alunas, desencantos que deveriam ser combatidos com a força do ideal ao qual se propunham ao ingressar em carreira *apostolado*. Quantos desencantos, renúncias, amarguras teriam surgido em seu caminho? Até quando conseguiria transpô-los? Quanto as renúncias teriam lhe custado?

Em 1917 (um ano antes de Antonieta entrar para a Escola Normal), as alunas catarinenses depararam-se com uma lei que as proibia de casarem-se: "*as candidatas ao magistério público que se matricularem na Escola Normal, da data desta lei em diante, diplomadas e nomeadas Professoras, perderão o cargo se contratarem casamento*"⁸⁴ A referida lei parece ter vigorado até a década de trinta, pois Guacira Lopes refere que no ano de 1927, as professoras reunidas na *Liga do Magistério Catarinense* (da qual Antonieta fazia parte como secretária) lutariam pela revogação da lei, mas não teriam

⁸³ Farrapos de Idéias, Op. Cit., p 207 / 208.

⁸⁴ Louro, Mulheres ... Op. Cit. p. 468.

sucesso. Como justificativa para vigorar, acrescentava-se ao texto de tal Lei „*por não ser dignificante que a professora casada, que vai ser mãe, se apresente ante seus alunos*”⁸⁵ porque esta condição poderia levar as crianças a indagações indevidas sobre sexualidade e vida afetiva suas e das professoras.

Pouquíssimas fontes sobre o tema foram encontradas, de forma que não me foi possível ampliar as informações. É difícil avaliar as implicações de tal Lei sobre Antonieta de Barros e outras professoras, como por exemplo, D. Olga Brasil⁸⁶ que foi amiga pessoal de Antonieta e também não se casou. Nesse sentido, lembrei-me de um texto de Certeau sobre as *inscrições da lei no corpo*, e mesmo sem a pretensão de encontrar uma resposta, não consigo deixar de questionar que implicações tal lei teria tido sobre o ‘corpo’ (físico, psicológico, emocional, espiritual...) de Antonieta? Diz o autor:

*Não há direito que não se escreva sobre corpos (social e/ou individual)[...] Seja como for, sempre é verdade que a lei se escreve sobre os corpos. Ela se grava nos pergaminhos feitos com a pele de seus súditos. Ela os articula em um corpo jurídico. Com eles faz o seu livro. Essas escrituras efetuam duas operações complementares: graças a elas, os seres vivos são „postos num texto” transformados em significantes das regras (é uma contextualização) e, por outro lado, a razão ou o *Álogos* *Ê**

⁸⁵ Idem, p. 468.

⁸⁶ D. Olga Brasil hoje é Diretora e também proprietária da Escola Alferes Tiradentes à rua Tiradentes, no centro de Florianópolis. Está com quase oitenta anos.

de uma sociedade „se faz carne%o (trata-se de uma encarnação).⁸⁷

Seguindo a idéia de Certeau, aquelas professoras, não todas evidentemente, foram *postas num texto* e o encarnaram.

Guacira Lopes Louro nos aponta para outra possibilidade de reflexão que não deixa de ser também uma *inscrição da lei no corpo*. Diz a pesquisadora que as mulheres que contrariassem as normas, que tivessem um nível de instrução mais elevado ou que ganhassem seu próprio sustento eram percebidas como *desviantes* e seriam, assim, uma ameaça aos arranjos sociais e hierárquicos dos gêneros. *„Vale lembrar ainda que, por muito tempo, a ignorância foi considerada como um indicador de pureza, o que colocava as mulheres não ignorantes como não puras%⁸⁸*. Escancaradamente reconhecida como “não ignorante”, talvez Antonieta tenha optado em não casar para não perder o estatuto de ‘pureza’.

Nas crônicas de Antonieta percebe-se uma preocupação em destacar a necessidade de aprimoramento aos estudos femininos, talvez por pensar que quando um maior número de mulheres chegasse a tal entendimento haveria possibilidade de mudanças e que o brado por estas mudanças não seriam mais de vozes isoladas e sim de um unísono conjunto. Porém, uma vez mais, observa-se um *desencanto pelas dificuldades de rompimento com a ordem instituída: “[...] pela mesma razão por que não se podem colher das roseiras mal cuidadas as mais belas flores, não se pode exigir das criaturas, mais do que a rotina dos costumes lhes permite dar[...]”⁸⁹*

Indubitavelmente, era uma mulher inteligente num meio hostil às suas qualidades. Observa-se em suas falas um engajamento ao seu tempo e, por isso mesmo,

⁸⁷ CERTEAU, A Invenção do Cotidiano, op. Cit., p 231.

⁸⁸ LOURO, op. cit., p 469.

sabedora dos limites e obstáculos a transpor „[...]a muralha gigantesca das convenções que espíritos amantes do tradicionalismo queriam a viva força conservar%⁹⁰ não infringiria abertamente as normas sendo pessoalmente conhecedora dos representantes do “tradicionalismo”. Talvez porque era conhecedora da realidade que a cercava (e cerceava), afirmava com certa melancolia: „Os frutos da rotina não se despedaçam com simples golpes da audácia. São precisas marteladas infinitas, dissabores sem conta para que se vislumbre um raio de luz em tão intensa treva[...]”%⁹¹

Para dissipar tão *intensa treva*, Antonieta só vislumbrava uma possibilidade, *um raio de luz* – a Educação generalizada. Mas também esta, aos seus olhos, estava falha. A Educação como um todo estava falhando porque, em sua opinião, havia uma grande preocupação do governo em alfabetizar, mas não em dar oportunidade de prosseguimento aos estudos, o que era um entrave, sobretudo às classes menos privilegiadas e às mulheres que, no Estado, só tinham acesso à Escola Normal. Assim, ela usava o jornal como um meio para alertar:

Não basta a alfabetização. É preciso que se torne acessível, a todas as criaturas a escalada deslumbradora [...] Sem cultura, não se consegue a independência moral, apanágio de todos os que genuinamente livres, senhores da sua consciência, conhecedores do seu valor, integralizados na sua individualidade; a independência moral que transforma pigmeus em gigantes, e dá aos homens, força para enfrentar os mais sérios obstáculos quando se sentem escudados pela razão e pelo direito; a

⁸⁹ Farrapos de Idéias, op. cit., p 109. Esta crônica foi publicada no jornal **República** em 20/11/1932.

⁹⁰ Jornal **República**, 03 de setembro de 1933.

*independência moral que leva as criaturas a agirem individualmente, embora se quebrem todos os elos e as apontem como iconoclastas impenitentes e contra eles chovam as censuras da Rotina, cujos preconceitos foram abandonados[...] sente-se cada vez mais imperiosa a necessidade imprescindível de se conceder às massas , em toda sua plenitude, o pão do espírito[...]%*²

Antonieta estava a reivindicar para as “massas em toda sua plenitude”, homens, mulheres de todas as camadas sociais, possivelmente envolvendo todas as etnias, parecia ressentir-se pela privação dos seus estudos em âmbito superior, bem como de todas as mulheres. Sem a *cultura*, devidamente disseminada, não havia possibilidade de conquistar a *independência moral, apanágio dos genuinamente livres*. Antonieta acreditava ter conquistado sua liberdade pela cultura, pela educação e parecia acreditar que se outros a seguissem também conquistariam suas independências.

Seguindo a leitura acima alguns questionamentos me instigam, estaria sendo *acusada* de iconoclastia numa *chuva* de censuras? Que símbolos estaria tentando destituir? Historicamente estamos em outro tempo, talvez não possamos nunca mesmo reconstruir aquele para tentar entendê-lo. Lemos suas linhas, temos *uma* idéia do seu sofrimento e limitações, mas é a *nossa* idéia que prevalece sobre seus escritos.

Sem dúvidas, Antonieta aprendeu a circular e a lidar com o espaço e as pessoas com quem convivia, sabia avançar e recuar, criticar e elogiar. Articulava-se, parece-me, adequando-se de forma a não se expor nem demais, nem de menos. Na crônica abaixo percebe-se que primeiro a colunista tece palavras de reconhecimento ao esforço dos

⁹¹ Idem.

⁹²Farrapos de Idéias. Florianópolis, 2ª edição p 21 e 22.

órgãos competentes para em seguida, sutilmente, lhes dirigir uma crítica e reivindicar suavemente:

Não se pode negar, Santa Catarina tem progredido quanto ao ensino superior. O Instituto Politécnico, com seus cursos de Engenharia e Farmácia, já reconhecidos pelo Governo Federal, e com outros que, também esperam sê-lo, e a Faculdade de Direito, há pouco fundada, atestam aquela nossa afirmativa[...] Há contudo, uma grande lacuna na matéria de ensino: a falta dum ginásio, onde a Mulher possa conquistar os preparatórios, bilhete de ingresso para os estudos superiores. O elemento feminino vê, assim, fechados diante de si, todos os grandes horizontes. O excelente ginásio que possuímos, não permite à Mulher a assistência das aulas[...] O máximo de ilustração oficial, proporcionado às Mulheres em Santa Catarina, está restrito a um curso de normalistas e nada mais.⁹³

Não obstante à *queixa-denúncia* registrada nesta crônica, Antonieta parecia esperar, acreditar em algo mais. Mais do Governo, mais do comportamento feminino, mais da sociedade como um todo... Mais para si mesma: um *bilhete de ingresso para os estudos superiores*, este era seu sonho naquele momento e não se furtava dele. Lutava com suas armas para conquistá-lo, sabia que se este não fosse um anseio de outras mulheres, por certo sua voz se perderia e o seu sonho se dissiparia.

⁹³ Jornal **República**, Florianópolis, 12 de julho de 1932.

Talvez pretendendo arregimentar um número maior de mulheres que se envolvessem com a causa pela qual Antonieta lutava e sentindo não estar obtendo sucesso em tal empreitada, indignada, em dado momento, recrimina, critica alguns escritores, autores, por exemplo, de romances *água com açúcar*. Procurando um *bode expiatório*, culpa aos romances e seus escritores pela aparente alienação feminina e falta de empenho em procurar desenvolver maiores habilidades de raciocínio em suas leitoras:

Com a pressa com que o tempo passa, a Civilização avança e a Humanidade não melhora. Os escritores modernos, com exceções muito raras, mergulham a pena no lamaçal em que essa mesma humanidade se debate para lhe traçarem o perfil e, trazerem à luz, em letra de forma, toda hediondez encontrada [...] esses trabalhos muitas vezes caem em mãos de criaturas inexperientes, espíritos incapazes dum pouco de lógica, deixando-se arrastar pelas idéias arrojadas, pelas frases de efeito [...] A educação intelectual dos povos encontra no livro a sua mais poderosa força [...] a literatura, chamada feminina é escassa, escassíssima e completamente virgem de idéias. Literatura para convalescentes. Enfronhando-se nesta leitura oca, fatalmente, conseqüentemente, logicamente, formarão o espírito à sua imagem e semelhança.⁹⁴

⁹⁴ Jornal **República**, 06 de março de 1932.

Antonieta acreditava mesmo em sua função educadora. Em sua missão, deveria arrebanhar todos os que acreditava estarem *mal encaminhados*. Como tema de suas crônicas, as mulheres e suas parcas afinidades com a *cultura* ocuparam várias páginas de suas reflexões, incitando-lhes ao conhecimento, único caminho para a conquista de suas independências. Como professora, muitas vezes a falar para outras professoras, chamou-lhes à necessidade de instruírem-se pela leitura menos romântica imaginando, talvez, que isto as faria deixar de ser o que considerava, “*bibelôts*” ou “*simples administradoras de casa*”. Desejava que as mulheres se envolvessem mais nos “*sérios e delicados problemas sociais*”⁹⁵.

Antonieta entendia que as leituras tradicionais da literatura feminina “*romântica à Delly*”⁹⁶ (pseudônimo usado por um casal de irmãos franceses, muito populares entre as jovens brasileiras nas décadas de 30 a 60) eram *um* motivo a mais para a inércia das mulheres que, por causa desse romantismo exacerbado limitavam-se cada vez mais perpetuando a visão de serem *virgens de idéias*. Responsabilizou os autores de tais obras, os *artífices da idéia*, por aquilo que considerava *fraquíssimo desenvolvimento cultural feminino*, desabafando em seus Farrapos às páginas dos jornais:

São os próprios homens que depois se riem da falta de cultura e do pieguismo da quase totalidade das mulheres. Tudo é natural, é o reflexo da falta de comedimento, com que escrevem os artífices da idéia. A literatura chamada feminina é escassa, escassíssima. E, além de minguada ainda vem repleta de pieguismo pieguices, virgem,

⁹⁵ Jornal **República**, 10 de abril de 1932.

⁹⁶ Idem.

*completamente virgem de idéias. Literatura para convalescentes.*⁹⁷

Dentre as coisas que conseguem deixar uma mulher profundamente aborrecida, talvez uma delas seja o fato de rirem-se os homens de suas atitudes. Antonieta de Barros, com astúcia apela para tal afirmação. Ora, na representação que possivelmente faziam dela outras mulheres, estava a idéia de que Antonieta circulava pelo meio considerado masculino, ouvia suas conversas, teoricamente sabia do que os fazia rir. Assim, usou desta artimanha como um motivo para conclamar as mulheres a uma instrução mais apurada, em não fazê-lo, estariam as mulheres submetendo-se deliberadamente à condição de *alvos* dos homens, que *depois se riem da falta de cultura e do pieguismo da quase totalidade das mulheres*.

A cultura confundia-se com a instrução dos bancos escolares. Entendia-se que quanto mais alto o grau de escolarização, maior o índice de cultura. Assim, se pela Educação escolar, convencional, Antonieta não conseguia ascender e atingir seu objetivo, ou o atingia parcialmente, entendia que o grande entrave era a falta de interesse das demais em tais conquistas. Se a necessidade natural não existia para a *quase totalidade das mulheres*, era preciso que fosse criada, gerada, era preciso fazer nascer.

Antonieta sabia que para tais empreendimentos, os jornais eram os veículos perfeitos e mais velozes, por isso, quem sabe, o usou com tanta ênfase na década de trinta procurando orientar as mulheres quanto a importância de estenderem seus conhecimentos.

⁹⁷ Jornal **República**, 06 de março de 1932.

Nos mesmos jornais onde se abriam possibilidades para conclamar o aprimoramento educacional feminino, para que mulheres como Antonieta de Barros escrevessem, também observa-se a recorrência e o conseqüente embate ao aparecerem notas com comentários, no mais das vezes depreciativos, sobre a condição feminina.

Entre as tantas lidas páginas dos mais diversos, encontrei algumas escritas por meses a fio pelo mesmo colunista em tom de provocação: „*Apesar dos pesares há uma correlação entre a mulher e o homem: a mulher é invencível pela língua e pelo absurdo, o homem é invencível pela razão e lógica*”⁹⁸, outra: “*Uma mulher disse uma bobagem. As mulheres são uns animais inúteis que vieram ao mundo para fazer os homens perderem tempo[...]*”⁹⁹ ou ainda: „*A mulher, o fogo e o gato são três coisas com as quais não se pode brincar: - a mulher logo quer casar, o fogo queima e o gato arranha*”¹⁰⁰. A razão de minha escolha por estes artigos, especificamente, deve-se ao fato do colunista registrar meses após o início das *brincadeiras*, o recebimento de várias reclamações sobre as mesmas, coisa que não verifiquei em outros artigos lidos e que poderiam nos fazer pressupor uma certa passividade feminina frente a tais “comentários” pouco lisonjeiros. Diz o autor dos artigos: „*[...] o mulherio queimou-se[...] e por nossa vez nós não nos penitenciamos do que fizemos e nem tão pouco retiramos o que já temos escrito[...]*”¹⁰¹. Imaginar que as mulheres ficavam à deriva, alheias ao contexto, sem resistência, é, portanto um engodo, afinal, elas respondiam e se o faziam é porque liam e incomodavam-se com tais falas, mais que isso, agiam no sentido de revogá-las. Se o colunista não se penitenciava e nem tão pouco retirava o que dissera, não era por não encontrar contestações e sim, por teimosia. Esse, contudo, se

⁹⁸ Jornal **Gazeta**, Florianópolis, 27/04/1935. O colunista escreve na coluna *A Cidade* e nomeia-se *Bisbilhota*.

⁹⁹ Idem, 18/05/1935.

¹⁰⁰ Idem, 21/05/1935.

redime nas páginas do próprio jornal. Por que o fizera ? Não saberemos, mas mesmo em sua retratação, parece surgir palavras que bem podem sugerir um deboche, sem falar na alusão da mulher objeto de prazer do homem, assim registrou sua *penitência*:

Nós brincamos no seio dum povo culto e inteligente onde a mulher como figura central possui um cérebro finamente culto e uma inteligência finamente lapidada. Sabemos onde estamos e por isso brincamos. Entre brincar e injuriar vai grande diferença. Em represália à defesa das supostas injúrias, nós hoje não vamos brincar, mas falar sério, dizer o que sentimos e sentir o que dizemos[...] No deserto tedioso da vida, Deus pôs o oásis vivificador da mulher que anima, consola e estimula[...] Mulher, nós te reverenciamos.¹⁰²

A personagem em questão denota a importância de estudar, ler, aprimorar-se para, quem sabe, deixar de ser manipulável, alvo de comentários como os verificados acima. A formação de cidadãos mais críticos, "*enfronhados com os sérios e delicados problemas sociais*", ficou bem registrada nos escritos e prática de Antonieta de Barros. Durante anos, crônicas que envolviam os mais diversos assuntos, mas que enfocavam de uma maneira geral a Educação e sua ação regeneradora, estiveram presentes no cotidiano dos leitores de jornais da cidade de Florianópolis em *Farrapos de Idéias*, anterior à este hábito, e às vezes paralelo, estava o ato de lecionar.

Antonieta lecionou por mais de trinta anos principalmente aos membros das elites florianopolitanas. No ano de 1934, foi nomeada lente substituta da Cadeira de

¹⁰¹ Ibidem, 25/05/1935.

¹⁰² Ibidem, 08/06/1935.

Português no Instituto Dias Velho por indicação do Professor Barreiros Filho (que fora eleito Deputado). Após a dissolução das Assembléias Legislativas em 1937, passou a integrar o quadro de professores do Colégio Coração de Jesus ministrando as disciplinas de Português e Psicologia até 1945. Em 1944, o Governador do Estado, Nereu Ramos, a convidou para dirigir o Instituto de Educação Dias Velho que funcionava no prédio à rua Saldanha Marinho onde hoje é a Faculdade de Educação. Na direção deste, permaneceu até janeiro de 1951 quando se aposentou.

Se a década de trinta lhe fora promissora e se nela vislumbramos uma Antonieta vibrante, na fase seguinte, década de quarenta, a vemos mais amadurecida, chega-se mesmo a observar um certo amargor, talvez o desencanto chego ao extremo, ou para usar suas palavras uma *canseira* que muito mais que o físico, parece ter lhe atingido a alma. Num discurso proferido como paraninfa na solenidade de formatura do Magistério do Colégio Coração de Jesus, em novembro de 1945, lemos o quanto lhe pesava, talvez nem tanto seus quarenta e quatro anos mas, quem sabe, o viver e manter-se diante de olhos e ouvidos tão atentos:

Vivo, neste instante, uma intensa e confortadora alegria[...] me sinto recompensada de todas as minhas canseiras e de todos os meus cuidados e tenho o coração de joelhos para agradecer este prazer profundo [...] Não é por mim, meus Senhores, cuja vida já entra no entardecer, mas pelas diplomandas de hoje [...] Não é vaidade, meus Senhores, que os que vivem a vida, como eu tenho vivido, palmilhando o caminho, sentindo-lhe os espinhos para melhor lhe bendizer as flores, estes não sabem

*envaidecer-se [...] Não é vaidade, meus Senhores, mas o prazer que é triunfo [...] porque sem outro motivo que o do coração, sem outro motivo que o de homenagear os Mestres que lhe deram um pouquinho de luz para a escalada, as diplomandas do Instituto Coração de Jesus escolheram, para simbolizá-las, parainfando esta festa, soberba e magnífica, o menor deles, a pobre Professora que sou, tão pobre de tudo, que não possuo, hoje, nem o coração para lhes oferecer, porque já lhes dera no decorrer de cinco anos de caminhada comum [...] Neste trabalho, em que se me vão morrendo os dias, jamais meu coração foi surdo ao apelo dos alunos. Nunca as minhas mãos se furtaram ao dever que é alegria de estender-se aos que mais solicitaram [...]*¹⁰³

Alegria e tristeza, sonhos e desencantos confundem-se em suas palavras. *Sentindo os espinhos para melhor lhe bendizer as flores*, Antonieta não consegue, em meu ver, escondê-los e a imagem que suscita esta leitura é a de dor, de uma caminhada torturante, cujos maiores frutos são o reconhecimento e o prazer que este proporciona. Mas prazer e reconhecimento são temporários, importantes, mas passageiros, e Antonieta parecia estar tendo consciência disto meio que tardiamente. *Pobre de tudo*, despossuída, quase no final de sua carreira, sentindo que os dias *se vão morrendo* talvez estivesse avaliando se tudo, se todo o seu caminhar e suas renúncias teriam valido a

¹⁰³ Farrapos de Idéias, op. Cit., p. 224-226.

pena. Apesar de não haver indícios que estivesse sendo acometida por alguma doença, Antonieta parecia estar prevendo sua *quietude completa*.

Circulando por espaços públicos, Antonieta conquistou prestígio e reconhecimento como intelectual. A aparente facilidade para comunicar-se e a amizade com nomes proeminentes da sociedade florianopolitana certamente contribuíram não só para que conquistasse mas também para que se mantivesse como uma personalidade de destaque. Durante sua vida esteve ligada direta ou indiretamente a pessoas que lhe abriram portas e lhe apontaram caminhos. Porém, seu último embate teve de enfrentar sozinha e, pelas contingências da vida, não conseguiu vencê-lo.

Os jornais de Florianópolis noticiam consternados o falecimento de Antonieta de Barros trazendo um elenco de adjetivos associados aos seus feitos e evidenciando a singularidade de sua trajetória. Lemos termos como *mestra-vocação*, *grande mestra*, *prestigiosa correligionária professora*, *jornalista insigne e vibrante* termos não contestados pelos jornais de oposição, como seria de se pressupor, o que corrobora a idéia de que se granjeara inimigos, os mesmos souberam calar-se diante de seu derradeiro momento. O jornal **O Estado**, assim registra:

A capital do Estado foi ontem abalada com a dolorosa notícia do falecimento da Exma. Sra. Antonieta de Barros, que dias antes fora internada no Hospital de Caridade[...]
A notícia de imediato se propalou por toda a cidade, provocando a maior consternação [...]
*Dona Antonieta, nestes últimos anos, vinha prestando à **O ESTADO**, o concurso de sua pena magnífica, sob o pseudônimo de **Maria Da Ilha**. A sua morte, inesperada e prematura, foi*

recebida, por isso, em nossa redação com lágrimas. E o seu desaparecimento, em verdade, cobre de pesar todos os nossos círculos sociais [...] Além da pensadora culta e talentosa, da jornalista insigne e vibrante, da mestra-vocação, era ainda um coração grande e magnânimo, como poucos sensível ao sofrimento do próximo[...] Chorando a sua morte, podemos dizer todos: Desapareceu uma grande catarinense.¹⁰⁴

Todos os segmentos sociais, diz a nota, choram o desaparecimento de uma *grande catarinense*. Esse “todos” é muito significativo pois estaria apontando para a inexistência e/ou inexpressividade de uma suposta oposição. “Todos” eram unânimes em relação à Antonieta? Seu *coração grande e magnânimo* teria conquistado realmente toda a cidade? A morte a estaria redimindo?

Muitas homenagens lhe foram prestadas, mas nesta abaixo é possível perceber que para vencer, Antonieta teve de enfrentar *ventanias*, ficando claro que houve vozes contrárias, *rugidos de feras*:

Aquela , rvore

Franolosa, pela sabedoria com que estendia seus ramos, era a que amparava uma e fazia crescer outras. Indiferente às rajadas da ventania, aos cochilos de aves tagarelas ou aos rugidos de feras indomáveis, distribuiu, a todas suas irmãs mais novas as virtudes que Deus lhe dera muitas vezes, os seus ramos, na fraternal atitude de

¹⁰⁴ Jornal **O Estado**, Florianópolis, 29/03/1952.

*amparar os humildes, debateram-se ao vento. Um dia, ela tombou. Uma clareira abriu-se no ar, copa florestal [...] Uma grande mestra morreu. Uma lacuna ficará aberta no briosso Magistério Catarinense[...] Maria Da Ilha, legou-nos, entre outras, três coisas: respeito aos direitos de liberdade, soberania e humanidade[...] Uma árvore tombou. Milhares de outras vozes hão de levantar-se, numa proclamação de soberania, a memória da saudosa Educadora[...]*¹⁰⁵

Se conseguiu manter-se realmente *indiferente* às críticas, às *vozes das feras indomáveis*, não conseguiremos chegar a um consenso. Quanto às outras vozes, as que *hão de levantar-se em memória da saudosa Educadora*, destas sim poderemos discorrer sobre algo, como por exemplo, o tempo que levaram para levantarem-se ou, do tempo que levaram para serem ouvidas.

Não referenciando a Escola, nem as entidades que adotaram o nome de Antonieta de Barros para se auto denominarem homenageando-a, consta-me que, afora a homenagem prestada por sua irmã em 1971, por ocasião do que seria seu septuagésimo aniversário e a homenagem realizada em 1987 pelo Grêmio Recreativo e Cultural Escola de Samba Acadêmicos do Samba¹⁰⁶, somente em 2001, seu nome veio novamente a ser homenageado oficialmente.

Nesse momento, por exemplo, ainda no ensejo das comemorações ao Centenário de Nascimento de Antonieta de Barros que continuam acontecendo e a qual organizou além de eventos como Seminários, concurso literário, exposições de arte, entre outros, a

¹⁰⁵ Jornal **O Estado**, 29/09/1952. Crônica elaborada por G. Silveira.

criação de uma medalha de mérito e um carimbo comemorativo lançado pela Empresa de Correios e Telégrafos como uma peça de filatelia, a Assembléia Legislativa discute um projeto apresentado pela Deputada Ideli Salvati que propõe que um túnel (que ligará os bairros da Prainha e Saco dos Limões na cidade de Florianópolis) seja nomeado de “Túnel Deputada Antonieta de Barros”.

Por esses motivos, gostaria de acreditar que os sonhos de Antonieta de Barros foram realizados e a sua luta pessoal por reconhecimento foi vencida. Não obstante, poderia questionar se afora estas realizações Antonieta de fato conquistou seus ideais, se de fato conseguiu sentir suas conquistas já que percebe-se em suas crônicas e discursos uma preocupação contumaz em prevenir aos mais jovens para que se fortaleçam a fim de vencerem as opressões e canseiras da caminhada. Às vezes parece-me que Antonieta queria prevenir outros para que não tombassem ao que ela sentia lhe estar dominando: o esquecimento de si na busca de um ideal. Quando leio e releio suas crônicas e/ou discursos, visualizo um certo amargor, como neste em que foi madrinha de turma:

Na vida, enquanto há vida, não existe o fim, porque o fim é o aniquilamento, o nada, a paralisação integral e absoluta. E vós prosseguis. E o Colégio prosseguirá. A vida é assim: sem estações de descanso. Os ciclos sucedem-se, num encadeamento perfeito até a quietude completa[...] Estamos diante de uma etapa vencida e nada mais[...] A fase de estudos que completais, eu vos afirmo, sem temor de erro, é a mais importante de toda a vossa vida de estudantes, embora não vos titule[...]Atentai na

¹⁰⁶ A primeira homenagem na forma da reedição do livro *Farrapos de Idéias* e a segunda em forma de tema carnavalesco, ambas mencionadas na Introdução deste trabalho.

*escolha para que não sejas desajustados. As migalhas de felicidade de que se entretecem as existências, não se encontram na vida dos que cruzaram o próprio caminho[...] não vos deixeis furtar, nunca dos nuncas, nem em um átomo, na mais soberba das forças morais, que enriquecem os homens, no sentido elevado e humano da palavra · A LIBERDADE. Sem ela, a dignidade é morta, os atos não têm valor, as vidas são ocasos sem belezas e os homens descem à insensibilidade das causas mortas[...] Sintais todo o fascínio da Liberdade, procurai aclima-la e desenvolvê-la nas vossas próprias alamedas interiores. E, então, os preconceitos tolos e mesquinhos que dividem os homens e os transformam em Abel e Caim, não vos estorvarão os passos[...] E então, não vos acovardareis diante da opressão e sabereis opor a tudo quanto destrói, aniquila e pulveriza a beleza da Moral e a graça do Sonho que elevam, e a força da fé que constrói[...]Não vos iludais[...]*¹⁰⁷

Se na vida não existe o fim, seguindo o rumo de seu discurso, significa que a caminhada torturante não tem descanso. Vence-se uma etapa, mas há outras pelas quais deve-se continuar lutando até a *quietude completa*, até que a morte arrebate os anseios e proclame o descanso eterno. Nessa luta, deve-se estar atento, pois, escolhas erradas, desajustam. Além de que, há os preconceitos tolos e mesquinhos que estorvam os

¹⁰⁷ Farrapos de Idéias, op. Cit., p 221-222.

passos e que se deve saber enfrentar, mas, diz ela, *não vos acovardeis diante da opressão e sabereis opor a tudo quanto destrói, aniquila e pulveriza*. Mas teria ela própria conseguido tal feito, teria conseguido se opor a **tudo** quanto destrói? Teria conseguido escapar incólume a tais opressões?

Para opor-se a **tudo**, pressuponho tarefa para um gigante, um semideus, um herói (?). Antonieta no mesmo discurso ainda diz: *„Não há meus jovens amigos, para os que sabem viver e sentem a responsabilidade do caminho, os hiatos desconcertantes do desânimo e da falta de confiança no seu próprio poder realizador[...]* Se sabe que os hiatos do desânimo são desconcertantes, em meu ver, é porque viveu-os, desconcertou-se provavelmente, pois do contrário, penso, não saberia ser tal sentimento desconcertante. Se o contrário fosse verdadeiro, Antonieta não seria humana.

Sonhos e desencantos estiveram presentes em toda sua caminhada quer profissional, quer pessoal e Antonieta os registrou. Cabe a nós a interpretação pois, nas páginas da história, como dizia Paulo Miceli¹⁰⁸, cabe tudo aquilo que desejar quem a constrói. Assim, se desejarmos construir sobre Antonieta mais um mito, a idéia de uma heroína que simbolizou a luta contra as imposições que a oprimiam, distribuindo ensinamentos e pregando sua moral, indicando caminhos para a humanidade, será possível lendo seus escritos sem questionar suas possibilidades e sem estabelecer uma conexão com o ser humano Antonieta que o escreveu.

Porém, talvez mais adequado seja visualizar em Antonieta uma personagem da história que teve devidamente abertas as oportunidades, uma mulher, uma negra, uma professora, uma política, uma colunista de carne e osso como tantas outras que labutam

¹⁰⁸ MICELI, Paulo. O Mito do Herói Nacional. São Paulo: Contexto, 1998.

cotidianamente e que talvez não tenham tido a visibilidade que Antonieta teve, mas nem por isso são menos importantes. Professoras que escrevem seus textos, às vezes na própria pele, mulheres que querem, que gostam da política, mas que por razões históricas não conseguem adentrar tal mundo, pois para tal, é preciso mais que vontade. Centenas de jornalistas competentes que não têm espaço para divulgar seus trabalhos, mulheres negras que lutam contra os estereótipos criados para o feminino e ainda contra o preconceito racial. Enfim, pessoas comuns, mas que dadas as circunstâncias podem transformar-se em “*supergente que vira estátua*”¹⁰⁹.

Para os que têm em Antonieta um exemplo a seguir, a lembrança da professora a guardar, e são muitos, pelo que pude observar nas cerimônias comemorativas ao Centenário de seu Nascimento, mesmo correndo o risco de parecer algo laudatório, gostaria de encerrar o capítulo brindando-os com a despedida da *Velha Mestra Amiga*, como gostava de se autodenominar a personagem tema de minha Dissertação:., *Não vos dizemos adeus. As Escolas e os Mestres prendem-se, eternamente, aos alunos, pelo muito que deram aqueles e pelo que aproveitaram estes. Assim, continuaremos a viver em vós. Que Deus vos abençoe e engalane de luz e felicidade as veredas[...]*¹¹⁰

¹⁰⁹ Alusão ao título do primeiro capítulo do livro de Miceli, op. Cit., p.10.

CAPÍTULO III

ANTONIETA DE BARROS: A NOVIDADE FEMININA NA POLÍTICA CATARINENSE

Antonieta foi uma mulher atuante, quer escrevendo ou lecionando. Mas penso ter sido na política o seu maior destaque, visto que inédito e não repetido, pelo menos até o momento, causando admiração e curiosidade. Foi eleita Deputada Estadual em 1934, portanto, logo no primeiro pleito após ter-se concedido o direito de voto às mulheres. Em Santa Catarina, foi a única mulher negra a ascender e ocupar a Cadeira na Assembléia Legislativa. Vale discorrer que na época de seu feito, tal espaço e cargo eram tidos como prerrogativas masculinas.

Ascender a tal condição não parece ter sido tarefa fácil, pois o direito de votar e ser eleita era, praticamente, uma *novidade* para o Estado de Santa Catarina, bem como para outros tantos da Federação.

O novo quase sempre assusta e gera desconfortos e desconfianças. Apesar de já não ser assunto tão *novo* assim pois, segundo consta na bibliografia específica sobre as ações das feministas no Brasil, as primeiras manifestações pelo voto feminino deram-se ainda antes do advento da República (1889), porém não tiveram muita circularidade em Santa Catarina. Nisso a estranheza. Um Estado que não apresentou de forma expressiva mobilização pró-voto feminino, elegia entre os nomes masculinos já conhecidos pelas oligarquias catarinenses, como os de Aderbal Ramos da Silva, Marcos Konder,

¹¹⁰ Farrapos de Idéias, Op. Cit., p 223.

Heriberto Hülse, Benjamin Gallotti Júnior, Altamiro Guimarães, entre outros e só para citar alguns, justamente uma mulher como uma de seus representantes políticos.

A *novidade* do voto feminino, inicialmente, veio através de Decreto, assinado pelo então Presidente Getúlio Vargas em fevereiro de 1932. O Decreto concedeu nacionalmente, não só o voto feminino, mas também o voto secreto e a redução da idade dos eleitores de 21 para 18 anos. Uma conquista árdua, após anos de difíceis e, nem sempre possíveis, diálogos.

Nos jornais catarinenses pesquisados, não consegui, curiosamente, encontrar a repercussão da concessão de voto às mulheres, o fato parece (numa primeira análise) não ter despertado muito a atenção, contudo, os catarinenses (os que escreviam aos jornais) comentaram a deliberação ao voto secreto. No **Diário Oficial** de 04/05/1934 registra-se: "*Revigora-se, portanto, a Nação com o êxito ao voto secreto e com a intangibilidade dos processos de apuração, confiada, agora ao judiciário[...] Cumpre pois, a quem tiver consciência dos seus direitos e deveres para com a coletividade nacional, inscrever-se no quadro dos eleitores para a oportuna afirmação da sua vontade e pleno exercício dos seus direitos*".

Se em Santa Catarina não foi possível observar interesse explícito, pelo menos nas páginas dos jornais, pela questão da concessão ao voto feminino, temos que, em dez Estados brasileiros, antes mesmo de sobrevir a Revolução de 1930 e o Decreto de 1932, o voto feminino já havia sido instituído¹¹¹.

Além de conceder direitos há muito pleiteados, o Decreto proporcionou acirrados debates sobre as condições fisiológicas femininas que intervinham, ora

¹¹¹ Entre esses Estados destacaram-se Minas - Gerais, Rio de Janeiro e Rio Grande do Norte que, ainda em 1927, implantou a *novidade* com sucesso, tendo gerado o fato, ampla repercussão não apenas em território nacional como também internacional.

favoravelmente e, ora contrárias, a ação de votar. Estes debates estenderam-se, pode-se dizer, por toda a década de 30, senão por mais, sendo possível encontrá-los nos dias atuais.

São reproduzidos alguns trechos desses debates cujo objetivo é evidenciar o nível de dificuldades com que se depararam as mulheres bem como as discussões travadas e a divisão nas opiniões dos Constituintes que, em 1934, reuniram-se no Rio de Janeiro para redigir um novo texto Constitucional para o País. Era a chance que as mulheres tinham para legalizar, via Constituição Federal, os direitos sufragistas femininos, ameaçados então pela não compactuação da maioria dos duzentos e cinquenta e dois Constituintes com tais ideais. A esse respeito, interessante observar a fala do Deputado Federal por Santa Catarina, então Constituinte, Sr. Arão Rebelo: „[...] *a natureza não dá saltos, cada ser deve conservar-se no seu setor, no setor que a natureza lhe destinou[...] a finalidade da mulher é ser mãe e ser rainha do lar. Dar-lhe a missão política é matar-lhe o sentimento materno[...]*”¹¹²

A natureza destinou à mulher a missão do lar; ao afastar-se deste para adentrar no campo político, tanto a mulher quanto quem lhe estivesse proporcionando o *salto* estariam incorrendo em erro. No prosseguimento de seu discurso, profere ainda que „*a mulher não tem vontade própria, nasceu para ser dirigida*”¹¹³ fato que ocasionou a partes de vários Deputados que se levantaram, gritaram uns com os outros, enfim, criaram o maior alvoroço. O que fez o colunista, responsável em acompanhar as sessões para após reproduzi-las nos jornais, desabafar: “*A sessão de ontem na Assembléia foi agitada*”¹¹³

A Assembléia em questão, no entanto, parece pegar fogo quando um Deputado diz ao Sr. Arão Rabelo que deveria lembrar-se de ter sido eleito por Santa Catarina e

¹¹² Jornal **A Pátria**, Florianópolis, 05 de julho de 1934.

¹¹³ Idem, 05 de julho de 1934.

“*não pode, pois falar das mulheres*”¹¹⁴, referindo-se ao fato do Estado ser o berço de mulheres como Anita Garibaldi. Nisto o orador interpelado inflama-se e grita: “*Anita Garibaldi era uma vagabunda*” o que, novamente, mereceu comentários do colunista “*A gritalhada no recinto aumentou pedindo a retirada da expressão*”.

Debates, ou melhor, embates como esses foram comuns e encontram-se fartamente reproduzidos nos jornais da época.

Os discursos civilizadores dos papéis masculinos e femininos foram, e são ainda, muito opressivos e, deveras, muito eficazes. Tão eficazes que acabaram internalizados e foram-lhes sendo conferidos, ao longo do tempo, por meio da prática cotidiana, o estatuto de *naturais*, ou seja, como se a natureza ditasse as regras sociais e não os homens. Desnaturalizar tais discursos não é algo que se pretenda fácil ou imediato.

Voltando ao Decreto de 1932. Por ele, estariam habilitados ao voto todos os brasileiros alfabetizados, maiores de 18 anos. Às mulheres, o voto era facultativo, bem como aos homens com mais de 60 anos.

Mulheres e velhos. Para eles, se alfabetizados, o voto era facultativo, ou seja, se *quisessem*, poderiam votar. Ora, se retomarmos a frase do Deputado Arão Rebelo, *mulher não tem vontade própria*, que, de certa forma, norteava o senso comum da época, poderíamos argüir, qual a proporção de mulheres alfabetizadas (o que já era uma raridade nas camadas ditas populares) que realmente foram capazes de demonstrar vontade própria através do voto?

Obviamente não pretendo, neste texto, entrar na questão dos *velhos* especificamente, apenas pensar que, na prática, mulheres e velhos, seres culturalmente

¹¹⁴ Jornal **A Pátria**, 05 de julho de 1934.

construídos e constituídos como de *natureza frágil*, quase irresponsáveis por seus atos, estavam (?) irremediavelmente sob a tutela de outros, mais *fortes*.

Mesmo com toda a luta empreendida pelas feministas sufragistas, a obrigatoriedade do voto feminino só veio com a Constituição de 1946. Inclusive, na própria Constituição de 1934, ficou estabelecido que somente as mulheres com funções públicas remuneradas eram obrigadas a votar. Às demais, o voto continuava sendo facultativo. Uma faca de dois gumes no Brasil de então.

Assim, primeiramente, permaneceram alijadas do processo sufragista um grande número de mulheres que, mesmo alfabetizadas, continuaram condicionadas à submissão masculina. Depois, continuaram alijadas do processo outras grandes parcelas da população feminina e masculina também que, analfabetos, apenas em 1985, conquistaram o direito efetivo de votar, sendo que o direito de serem eleitos só em 1988 foi revisto.

Nesse universo vale pensar que, entre os analfabetos, a superioridade numérica, incontestavelmente, encontrava-se entre mulheres e negros ou, como nos preveniu Gisela Maria Bester¹¹⁵, mulheres negras.

Dentro dessa perspectiva, Antonieta de Barros, estatisticamente, foi uma exceção, pois estava naquela pequena parcela da população negra feminina alfabetizada. Sintonizada com os reclames do seu tempo, sobre o Decreto e a intensa repercussão deste comenta:

Não compreendemos, mesmo, a grita levantada contra a porta, aberta ao sexo fraco pelo direito do voto. E isto, porque, diga-se entre parênteses, Mulher na política, em

¹¹⁵ Sobre este assunto ver artigo de BESTER, Gisela Maria. In Revista de Ciências Humanas, Florianópolis: V. 15, n. 21, p11-22, 1997.

*nosso país, sempre as houve. Não há novidade pois, a não ser que abandonam os bastidores, para se apresentarem em público.*¹¹⁶

Algumas mulheres nas principais capitais brasileiras pareciam dispostas a *abandonar os bastidores* e apresentarem-se em público, porém, votar na época não parecia ser um anseio da maioria das brasileiras e nem da maioria das mulheres de Florianópolis.¹¹⁷ Além de não se envolverem de forma mais incisiva com a luta pró voto feminino, não raro, chegavam ao requinte da crítica as que se aventuravam a tais propostas e isso, por dezenas de motivos dos quais um, já foi mencionado acima, referindo-se à opressão via *naturalização* da missão da mulher.

Também poderia ser uma estratégia de não se desgastarem e continuarem bem aceitas pela sociedade de então. Talvez ainda, não estivessem preparadas para suportar a *grita levantada contra a porta aberta ao sexo fraco*.

Outra razão poderia ser a de que o discurso sufragista não teria atingido as *massas* populares, ou seja, o discurso foi gerado por grupos das ditas *elites* e a esses grupos restringiu-se, não havendo, portanto, circularidade dessas idéias entre as mulheres e homens, por exemplo, operárias e assalariadas. Não tendo conseguido perpassar a camada social que o gerou, parece ter sido eficaz apenas em seu meio.

Segundo Branca Moreira Alves¹¹⁸, o movimento sufragista buscou trabalhar na própria estrutura do poder, fazendo nela seus principais aliados e tendo acesso direto aos

¹¹⁶ Jornal **República**, 17 de julho de 1932.

¹¹⁷ Conferir, PEDRO, Joana Maria. Mulheres Honestas e Mulheres Faladas: Uma Questão de Classe. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 1994, p. 106. Segundo a autora que pesquisou o Jornal Feminino **Pena, Agulha e Colher**, editado em Florianópolis, por meio do qual manifestavam-se as mulheres de segmentos mais conservadores e, por isso, pode-se pensar, mais resistentes às mudanças. Talvez esse não fosse o pensamento da maioria das mulheres de classe média, mas como é o único jornal feminino da cidade na época, foi dado à autora inferir que as imagens idealizadas desse Jornal foram assimiladas.

¹¹⁸ ALVES, Branca Moreira. Ideologia e Feminismo – A Luta da Mulher pelo Voto no Brasil. Petrópolis Vozes, 1980.

políticos e dirigentes como pode-se deparar com o depoimento que segue, colhido pela referida autora em entrevista pessoal com Bertha Lutz, uma das mais conhecidas ativistas feministas que lutava pela permanência da garantia do voto feminino que deveria se legitimar na Constituição de 1934 como mencionei acima, então em vias de estudo no Congresso.

A concessão do voto estava ameaçada de fracasso por ser o presidente da Comissão encarregada na Assembléia Constituinte, entre tantos outros Constituintes, desfavorável ao sufrágio feminino universal e inclinado ao voto qualificado. O voto qualificado, pela sua especificidade, privilegiaria apenas algumas poucas mulheres diplomadas com títulos científicos e de professora, que não estivessem sob poder marital ou paterno. No que, rapidamente, agiram as feministas:

Então nós fomos reclamar. O secretário do Getúlio era primo da Carmem Portinho. Então nós tínhamos um meio de agir junto ao Getúlio. Mandamos dizer a ele que não queríamos o voto qualificado, queríamos o voto geral. Ele (Getúlio) disse; Dra. Carmem, eu sou a favor das mulheres porque elas fizeram a metade da Revolução! Ela disse: É por isso que o Sr. só quer dar metade do voto? Como assim, metade do voto? Ela disse: Pois é, quer dar voto qualificado, para certas classes, as outras não. Nós não queremos assim. Ou tudo ou nada! Ele disse: Está bem, eu falo com a Comissão para dar tudo!¹¹⁹

¹¹⁹ Depoimento pessoal de Bertha Lutz concedido à Branca Moreira Alves que se encontra reproduzido no livro já citado, p. 125.

Do diálogo acima, o que nos incita é que pelo ato de terem *ido reclamar*, de terem *mandado dizer*, já se evidencia uma certa intimidade entre os membros dos dois grupos. Estavam, na verdade, entre ‘amigos’, quase que numa conversa informal. Não é possível deixar de observar que, nos discursos daquelas feministas, não estava ainda, de maneira explícita denotado, um desejo de radicalização do movimento, no sentido de promover a emancipação das mulheres em relação à sua condição de suposta subalternidade aos homens. Pareciam estar mais adequadas ao suporte ideológico do chamado *feminismo liberal*¹²⁰ em que a igualdade com os homens seria um dos pontos fundamentais no objetivo de justiça para todos os cidadãos.

Em 1919, Bertha Lutz fundou, juntamente com Maria Lacerda de Moura, a *Liga Pela Emancipação Intelectual da Mulher*, substituída em 1922 pela *Federação Brasileira Pelo Progresso Feminino*, já sem a colaboração de Maria Lacerda de Moura que, observando a crescente elitização do movimento descontentou-se e retirou-se do mesmo, em sinal de protesto. Esta instituição aumentou consideravelmente o prestígio social de Bertha, seu ideal sufragista e, conseqüentemente, seu reconhecimento como *feminista*. Uma palavra e uma conduta social pouco tolerada na época.

Talvez nesse contexto valha pensar no peso estigmatizante do ser *feminista* tanto na época estudada, quanto nos dias atuais. Ligadas a adjetivos de negação, não raro eram (e talvez ainda o sejam) imaginadas como renunciantes da *natureza feminina*, acusadas de pretenderem um abandono da tão proclamada *nobre missão* de mães e/ou esposas. Esses apenas alguns dos tantos estereótipos que lhes foram atribuídos pejorativamente ao longo dos tempos.

¹²⁰ Para maior aprofundamento do tema, conferir DAHL, Tove Stang. O Direito Das Mulheres: Uma Introdução à Teoria do Direito Feminista. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

Por receio, quem sabe, de ser associada às feministas, Antonieta de Barros, que escrevia aos jornais salientando como Bertha Lutz e como Nísia Floresta Brasileira Augusta já o tinham feito, esta última ainda em 1832, a importância de um maior investimento e aprimoramento na educação feminina, defender-se-á constantemente de um possível ataque, proclamando: „[...]*não somos feministas, se entende-se por feminismo a aspiração política, cigarro à boca, etc[...]*”¹²¹. Observa-se o receio de ser estereotipada, possivelmente como o foram Nísia (quase um século antes) e suas contemporâneas.

Não obstante, tais justificativas não disfarçam sua evidente simpatia pelos movimentos feministas e até sua possível correspondência com estes, pois em várias crônicas há alusões ao fato, como: “*Comunicam-nos do Rio, da Federação pelo Progresso Feminino[...]*”¹²² ou ainda: “*Entre os espíritos femininos conscientes do seu idealismo elevado, fora da órbita comum, encontra-se inegavelmente, a senhora Maria Lacerda de Moura. Esta senhora é, na verdade, como, com acerto já foi julgada, um fenômeno mental na literatura feminina brasileira [...] a nobre escritora, aos seus presentes e futuros insultadores, retribui-lhes as injúrias, com o silêncio bom de uma piedade imensa, tão alta que não quer humilhar*”¹²³ Talvez, seguindo o exemplo da escritora tão admirada, Antonieta também tenha optado em silenciar sobre os *insultos* e *injúrias* que lhe teriam acometido quando se deu sua inserção aberta ao campo político.

Em meio a tantos debates e conflitos, realizaram-se no Brasil eleições para a Assembléia Nacional Constituinte, em maio de 1933. Os constituintes foram responsáveis pela elaboração da já comentada Carta Constitucional que, por sua vez, foi

¹²¹ Jornal **República**, 15/04/1934.

¹²² Jornal **República**, 24/07/1932.

¹²³ Jornal **República**, 10/04/1932.

promulgada a 14 de julho de 1934. Entre os representantes catarinenses, estava Nereu Ramos¹²⁴.

As representantes femininas que se apresentaram para a empreitada foram, Betha Lutz, Deputada Federal pelo Rio de Janeiro e Carlota Pereira de Queiroz também Deputada, porém por São Paulo. Carlota foi eleita a Constituinte, Bertha entrou como primeira suplente. A despeito dos comentários que seguem nos jornais por meio de notas sobre a *derrota do feminismo*¹²⁵, que não teria contado com o apoio das mulheres por quem lutava, Antonieta de Barros manifesta sua opinião escrevendo:

*Na derrota feminina nas eleições para a Constituinte, não vimos, a maldade das mulheres para com as mulheres, mas simplesmente, o que tínhamos - a falta de independência moral em que, sempre, se acorrentou o sexo fraco. Os frutos da rotina não se despedaçam com simples golpes da audácia. São precisas marteladas infinitas, dissabores sem conta, para que se vislumbre um raio de luz, em tão intensa treva.*¹²⁶

Antonieta dava mostras de saber que as dificuldades femininas para adentrar no difícil e, quase sempre turbulento, campo político, para serem vencidas, precisariam contar com uma adesão mais efetiva das mulheres, mas, enquanto estas estivessem *acorrentadas aos frutos da rotina*, não seria possível vencer, pois que tais frutos *não se despedaçam com simples golpes de audácia*. Além disso, a *falta de independência*

¹²⁴ Santa Catarina esteve representada na Constituinte Nacional além de Nereu Ramos, por Carlos Gomes de Oliveira, Arão Rebelo (os três pelo Partido Liberal Catarinense) e Adolfo Konder (Coligação Por Santa Catarina).

¹²⁵ Observe como confunde-se o movimento feminista com o nome de Bertha Lutz, como se essa fosse a encarnação do mesmo.

¹²⁶ Jornal **República**, 3 de setembro de 1933.

moral em que sempre se acorrentou o sexo fraco também pesava muito naquele momento. Romper tais correntes não parecia ser tão fácil.

Possivelmente, sabendo com quem lidava ao escrever, Antonieta de Barros também não se aventurou a quebrar, romper com os estereótipos vigentes em seu tempo pois, da conscientização da existência de um problema à sua eliminação, há um gigantesco passo que nem sempre consegue ser desferido. É possível mesmo, como afirma Joana Maria Pedro que “*o peso dos discursos normativos fosse grande demais para ser sacudido*”.¹²⁷ Desta forma, observamos Antonieta manifestar-se favoravelmente ao voto feminino, talvez mesmo antecipando suas pretensões políticas, porém, dificilmente a veremos em ataques mais incisivos contra a ordem vigente.

Diante destas perspectivas, para um grande número de mulheres, o afastamento da política como *coisa para homem* evidenciou-se como fato natural, determinado mesmo pela natureza. Sua aparente *ausência* nos grandes centros de decisões, fóruns de representatividade político-social como Câmara de Vereadores, Assembléias Legislativas, Congresso Nacional era e é ainda muito reveladora.

Antonieta, atenta à discussão em torno da constitucionalidade do voto feminino escreve:

As conquistas o progresso, tudo quanto procura fugir ao que a Rotina solidificou sofre agora e sempre, o ataque impiedoso das pedradas infelizes dos maus[...] só os irracionais e os domesticados são, no panorama vital, os eternamente contentes e conformados[...] Que seremos nós, as Mulheres? Irracionais ou domesticados? Porque

¹²⁷ PEDRO, Joana Maria. Op. Cit., p. 110.

esta questão de inteligência e aptidões femininas, ora em foco, se resume, digamos de passagem, em classificar a Mulher entre as criaturas superiores ou entre os irracionais [...] A Mulher teve, até há pouco, as regalias de bibelô caro, de qualquer coisa quebradiça e de alto preço, para a qual todos tinham olhares, sorrisos, gestos e atitudes protetoras[...] É isto que está agonizante e querem reviver [...]. Inferior aos próprios irracionais, doméstica e domesticada, se contentará, eternamente em constituir a mais sacrificada metade do gênero humano?¹²⁸

Nesta crônica, Antonieta apela para que se atente ao progresso e suas conquistas, a fuga ao que a *rotina solidificou*. Apela, portanto, ao que é moderno e às conquistas desta modernização. Assim, em não verificar e acatar o progresso, estariam tais indivíduos dando mostras da sua *irracionalidade* e *domesticação aviltante*, seriam os *eternamente contentes e conformados* evidenciando o quanto são retrógradas, sem afinidade com os avanços do progresso e, justamente por não conseguirem se adequar aos novos tempos, estariam querendo reviver o passado agonizante. Antonieta, dirigindo-se às mulheres, questiona: *que seremos nós, irracionais ou domesticadas?* Ao que tudo indica, em sã consciência, os membros dos grupos sociais a quem se dirigia não gostariam, na época das modernidades, de serem surpreendidos com idéias que só cabiam ao passado, nem irracionais, nem domesticadas. Era preciso convencer e

¹²⁸ Jornal **República**, 15/04/1934.

Antonieta incita às mudanças fazendo uso de um discurso com que, possivelmente, se identificavam os membros da elite florianopolitana.

Política era coisa tida para homem e o fato de uma mulher votar ou ser eleita gerava controvérsias e, às vezes, escandalizava. Mas ao que parece, Nereu Ramos, que desde a *Revolução* de trinta já vinha inspirando-se com idéias progressistas e/ou populistas, motivado, quem sabe, pelas discussões pró-sufrágio feminino que aconteciam na capital e as quais como Constituinte acompanhou, apresentou ao Partido Liberal Catarinense, para que se apreciasse como Candidata, o nome de Antonieta de Barros. Talvez tal idéia lhe tivesse sido providencial no sentido de que poderia “inovar” lançando-a como Candidata à Deputada, mostrando ao eleitorado, quiçá, estar imbuído de ideais “modernos”, alvissareiros, capazes de romper com os ranços (e os nomes) do passado político do Estado.

A proposta deve ter gerado polêmica, estranhamento, simpatias e desafetos, dentro e fora do Partido, mas estas não puderam ser visualizadas nas páginas dos jornais pesquisados e nem nas Atas do Partido Liberal por terem se consumido no incêndio da Assembléia, em 1956. Sem saber repercussão da inclusão de seu nome como Deputada, resta-nos observar como o Partido lançou os elegíveis a Campanha eleitoral, cujo pleito aconteceria à 14 de outubro de 1934:

O Diretório Central do Partido Liberal Catarinense apresenta ao eleitorado conterrâneo, os candidatos a deputação federal e estadual que irão disputar o pleito a 14 de outubro vindouro. Dentro de seu programa, alguns de cujos pontos cardeais já se achavam inscritos na Constituição Brasileira do Partido Liberal Catarinense,

*fez timbre no escolher nomes de ilibada vida social e ardente fé cívica para merecer a confiança e as preferências do corpo eleitoral que, já por duas vezes, lhe deu palma de vitória. Os cidadãos aqui recomendados ao sufrágio popular são índices de forças democráticas · de cultura, produção e trabalho · **integrada ainda por uma lídima expressão de inteligência feminina.** Foi com honrados escrúpulos e sob império do exaltado amor patriótico que o Partido Liberal Catarinense, por seu Diretório Central, mediante as indicações e propostas dos Diretórios Municipais, apurou em votação secreta, os nomes dos seguintes correligionários, candidatos, ,*

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA: Aderbal Ramos da Silva, Olívio Januário de Amorim, Francisco Barreiros Filho, Roberto Soares de Oliveira, Ivens Bastos de Araújo Antonieta de Barros, Benjamim Gallotti Junior, Pompilio Pereira Bento. Crê o Diretório Central ter correspondido a expectativa do povo deste Estado, a quem compete julgar soberanamente dos predicados e civismo[...]¹²⁹

Assim, Antonieta de Barros é apresentada ao eleitorado catarinense como *lídima expressão de inteligência feminina*. Ao eleitorado, solicita-se que observem nos nomes apresentados pelo Partido Liberal o alto *predicado de civismo* destes, o *índice de forças democráticas* que representavam, a *ilibada vida social* dos candidatos. Ao lermos tal

¹²⁹ Jornal **Correio do Estado**, Florianópolis, 28/09/1934. O grifo, em negrito é meu.

apresentação, também é possível observar por quais pressupostos guiavam-se os eleitores. Para merecerem a confiança e as preferências destes, o nome deveria estar associado, entre outros predicados, à *ardente fé cívica*. Esta, ao que tudo indica, pautava as decisões dos eleitores na escolha deste ou daquele candidato.

Oficializada a candidatura e apresentada ao eleitorado, encontram-se nas páginas dos jornais Antonieta exultante nas Campanhas que seguiram em caravanas pelo Estado. Durante a Campanha, no entanto, Antonieta perde sua mãe, D. Catarina de Barros. O jornal **República** noticia o falecimento no dia 15/07/1934, três meses antes do pleito, não se faz outro comentário, nem sequer cita-se a *causa mortis*. Pelas leituras dos jornais é possível vislumbrar uma parte da vida de Antonieta de Barros, mas não é possível inferir sobre seu sofrimento e angústia diante da irremediável perda.

Por não manifestarem sentimentos, nos jornais nota-se uma Antonieta quase alheia à morte de sua mãe, seguindo implacável a Campanha nas ruas, nos jornais, nas caravanas... Às vésperas do pleito são veiculadas notas como:

Realizou ontem nesta capital o Partido Liberal a marche aux flambeaux, que precedida da banda musical da Força Pública partiu da sede para a frente da Catedral onde compacta massa popular aguardava a realização do comício que havia sido previamente anunciado. Falaram com eloqüência, sendo fartamente aplaudidos os Drs. Nereu Ramos, Diniz Júnior, Ivens de Araújo, a Professora Antonieta de Barros, acadêmico Altamiro Guimarães e Professor Barreiros Filho.¹³⁰

¹³⁰ Jornal **A Gazeta**, 11/10/1934.

Os comícios eram sempre muito noticiados, dando mostras de que a população os acompanhava e tinha neles, também, uma forma de diversão pois, não raro, faziam-se acompanhar de bandas e músicos os mais diversos. Curioso observar que neste comício a banda da Força Pública (Hoje Polícia Militar), tutelada diretamente ao Estado, acompanhou sem embaraços o Partido Liberal, evidenciando um certo comprometimento com este.

Nas notas que saíam nos jornais, além dos elogios, é possível pressupor também a resistência ao nome de nossa protagonista: *„Eleitora! Tens em Antonieta de Barros a nossa candidata, o símbolo da Mulher Catarinense, queiram ou não os aristocratas de ontem.”*¹³¹ Ao exacerbar Antonieta como *símbolo da mulher catarinense*, possivelmente estivessem querendo estender a todas, as qualidades da lídima inteligência da candidata prestando-lhes uma homenagem e esperando uma retribuição por esta em votos. Ao mencionarem a oposição dos *aristocratas de ontem*, evidenciam o que pressupunha: houve restrições ao seu nome, apenas estas não ficaram registradas claramente.

O Partido Liberal, ao que tudo indica, apostava no eleitorado feminino e convocava a atenção deste para o fato de ter sido o único partido a lançar um nome feminino à Assembléia:

Chamada a dar, nas urnas a sua opinião livre com o mesmo direito de cidadania conferido ao homem, a nobre Mulher catarinense só estará representada na próxima Assembléia Estadual, entre os deputados eleitos pelo Partido Liberal Catarinense[...] Antonieta de Barros,

¹³¹ Jornal **Correio Do Estado**, 13/10/1934.

*professora das de maior prestígio entre as suas colegas, que também lhe sufragam o nome, figura como lídima e fiel intérprete do sentir e do pensar femininos em Santa Catarina, na chapa do Partido Liberal - única organização partidária que assim presta homenagens à cultura e a nobreza de sentimentos da Mulher Catarinense. Votar pois, na Chapa Liberal é defender as reivindicações femininas, é elevar mais alto que ao simples dever de opinar · ao direito de ser eleita · a Mulher de Santa Catarina.*¹³²

As reivindicações femininas estariam, supostamente, sendo atendidas e defendidas pelo Partido Liberal, o que me faz pensar terem existido reivindicações femininas, não só ao direito de votar como também de se fazer eleitas através de uma candidata, ou não?

O nome de Antonieta estaria sendo aclamado, como deparamos em nota sobre um comício realizado através do jornal **Correio do Estado**:

A seguir, se fez ouvir a voz límpida deste grande espírito iluminado, que é a excelsa personalidade Antonieta de Barros, a Maria da Ilha, a Maria da nossa Ilha, esta candidata liberal felicíssima, que anda no coração do povo, afluando nos lábios de toda gente, nestas palavras consagradoras: a nossa candidata. Para darmos uma idéia do que foi o discurso de Antonieta de Barros, cuja

¹³² Jornal **República**, 14/10/1934.

*essência publicamos em outro local em fidelíssimo
resumo, só mesmo parodiando um escritor patricio:
Álepois que Antonieta de Barros falou, nenhuma estrela
no céu brilhou mais que Ela.¹³³*

Nos comícios, nos jornais, nas ruas, o nome de Antonieta de Barros parecia estar sendo exaltado pelos partidários. Exaltado com adjetivos que salientavam suas qualidades como *grande espírito iluminado, excelsa personalidade, candidata liberal felicíssima*, dando a entender ter sido acertada a escolha de seu nome pelo Partido. Este usou de artimanhas, as quais podem ser classificadas como apeladoras. Votar na candidata soava quase como uma obrigação moral aos partidários liberais. Nas propagandas eleitorais veiculadas aos jornais encontram-se, além dos já citados, exemplos como os que seguem: *„Eleitora! Antes da Revolução sempre te foi negado o direito de voto. Hoje desfrutas desse direito, direito sagrado que debes zelar. E a única maneira de zelar por este direito é sufragar os candidatos liberais.%¹³⁴*

Discursos inflamados, entusiasmados pululam às páginas dos jornais. Professoras, operários, trabalhadores... Todos eram convocados a sufragar. Os jornais, cada qual defendendo as prerrogativas do Partido que os mantinha, acompanhavam não só as Caravanas, mas, posteriormente, também a contagem dos votos que eram publicados diariamente com números que, nem sempre, conferiam de jornal para jornal. O clima observado, não fosse as privações conhecidas pela História, seria o de uma democracia, tamanho o entusiasmo verificado durante as eleições de 1934, pelo menos as publicadas.

¹³³ Jornal **Correio do Estado**, 08/10/1934.

¹³⁴ Idem, 24/10/1934.

Todos os Partidos parecem ter usado as páginas dos jornais para transmitirem orientações aos seus eleitores¹³⁵. A Ação Integralista, cujo líder era Plínio Salgado, conclama aos seus eleitores: *„Eleitor de Santa Catarina: - Não dês o teu voto às facções que dilaceram a tua Pátria! Sejas patriota, coloca o Brasil acima de tudo. Quem coopera para a manutenção de um regime que infelicita o Brasil, comete um crime de lesa-pátria! Os governos fortes não podem sair nem das conspirações nem dos golpes militares, como não podem sair dos conchavos de partidos, do jogo maquiavélico das correntes política [...]*¹³⁶

Disputaram vagas naquela eleição o Partido Liberal Catarinense, a Coligação Por Santa Catarina¹³⁷, a Ação Integralista Brasileira e os Trabalhistas.

A Coligação, por sua vez, também clamava aos leitores que prestassem atenção ao fato de estarem próximas as eleições e que se adequassem às regras para o pleito, nos seus anúncios lemos:

A Senhora já é eleitora? Se não é peça hoje mesmo ao oficial do registro civil a certidão de seu nascimento ou de casamento ou, ainda de nascimento de um filho de 6 anos para cima. Com esta certidão requeira a sua qualificação conforme o formulário publicado em outra página desta folha. A mulher hoje em dia tem os mesmos direitos e deveres. A ela cumpre pois, saber escolher os dirigentes dos nossos destinos sociais, econômicos e políticos. A

¹³⁵ Nos jornais pesquisados, não encontrei nenhuma nota orientadora aos eleitores do Partido Trabalhista Catarinense.

¹³⁶ Jornal **A Gazeta**, 01/10/1934.

¹³⁷ A Coligação era uma união estratégica do antigo Partido Republicano, encabeçado então por Adolfo Konder, a Legião Republicana Catarinense de Henrique Rupp Júnior e os dissidentes liberais de Aristiliano Ramos. A Coligação foi dissolvida em 1935.

*Coligação por Santa Catarina tem nas suas sedes, pessoas habilitadas a prestar informações sobre alistamento eleitoral.*¹³⁸

Como depara-se, as convocações às eleitoras eram freqüentes e, se não encontramos referências sobre uma suposta luta pró sufrágio feminino em Florianópolis, vemos, no instante em que se aproximam as eleições, uma movimentação considerável em torno das eleitoras.

Durante ou após a Campanha eleitoral, Antonieta foi alvo de atenções, olhares, comentários, não só no Estado de Santa Catarina, mas do Brasil. O jornal **A Noite**, do Rio de Janeiro, veio entrevistar-lhe:

[...] acolhidos com gentileza, a professora Antonieta de Barros, manteve conosco animada palestra:

- *Tenciono ingressar na política?*
- *Não. Absorvida pelo meu grande trabalho de professora, eu entendia que nele se devia resumir a projeção da minha vida. Assim, apesar de estar ontem, como hoje e como sempre, como Partido Liberal, nunca me passou pela cabeça militar na política. Mas que sabemos nós do instante que está por vir? Se consenti na inclusão de meu nome na chapa liberal foi por, sentindo-me identificada com a causa, não achar razoável, nem digno, negar-me a combater o bom combate. [...] Estava terminada a nossa palestra com*

¹³⁸ Jornal **A Pátria**, 02/07/1934.

*a ilustrada educacionista catarinense que acaba de receber uma grande votação dos verdadeiros brasileiros, muito embora a campanha infeliz que os alemães e os teutos de Blumenau fizeram à cor de sua epiderme.*¹³⁹

Nesta entrevista que é longa, Antonieta fala, entre outras coisas, de sua lealdade ao Partido Liberal e do fato de ter aceito o convite por pensar que, se negasse, não estaria sendo nem razoável, nem digna de compô-lo. O que chama a atenção na entrevista, no entanto, é o escrito ao final que se refere à *campanha infeliz que os alemães e teutos de Blumenau fizeram à cor de sua epiderme*. Apenas por estas notas me é dado inferir sobre as questões pertinentes ao preconceito enfrentado pela personagem e pela resistência ao seu nome.

A contagem dos votos foi demorada, Antonieta somou 35.484 votos, mas ficou como primeira suplente. Mesmo assim, assumiu seu mandato juntamente com os demais Deputados eleitos, pois o Deputado Leônidas Coelho de Souza não tomou posse por ter sido nomeado por Aristiliano Ramos (então Interventor) para o cargo de Prefeito Provisório do município de Caçador. Ao que tudo indica, este teria sido um arranjo político, articulado por Nereu Ramos para possibilitar à Antonieta sua legislatura.

Assim, em 24 de janeiro de 1935, lemos:

Celebra-se às oito horas na Catedral metropolitana missa festiva em ação de graças pela vitória conquistada pelo Partido Liberal Catarinense nos pleitos de 14 de outubro

¹³⁹ Entrevista concedida ao jornal **A Noite** do Rio de Janeiro e reproduzida pelo jornal **República**, de Florianópolis, em 24/11/1934, portanto, após as eleições de outubro, mas sem o resultado oficial do pleito.

*e 16 de dezembro, para qual estão convidados a direção e os membros do Partido, deputados eleitos, altas autoridades federais, estaduais e municipais com suas famílias e público em geral. Após essa solenidade religiosa, que se revestirá de excepcional imponência, haverá distribuição de pães aos pobres.*¹⁴⁰

Interessante observar novamente como estes eventos constituíam-se em verdadeiros *shows* promovidos pela elite e para a elite, porém extensivo aos membros das camadas sociais menos abastadas para as quais eram distribuídas esmolos em forma de pães e a oportunidade de visualizarem a *excepcional imponência* com a qual eram revestidas tais solenidades realizadas sob os auspícios, inclusive da Igreja Católica.

Concluídas as eleições, festas e comemorações, assumidos os mandatos, a primeira missão dos Deputados eleitos foi organizar uma nova Constituição para o Estado de Santa Catarina. Aquela Constituinte Estadual também estaria encarregada de eleger o Governador, fato que aconteceria em março de 1935.

Sobre nossa personagem, comentariam aos jornais: “*Antonieta de Barros está eleita Deputada à Assembléia Constituinte Estadual. A sua inclusão na chapa pelo Partido Liberal Catarinense foi, incontestavelmente, a maior conquista até hoje assinalada pelo feminismo em nossa terra[...]*”¹⁴¹

O Partido Liberal rejubilava-se pela escolha feliz e, em sua opinião, acertada, na candidata agora Deputada que assinalaria a *maior conquista* verificada pelo *feminismo* em Santa Catarina. É difícil saber quantas eleitoras havia em Santa Catarina,

¹⁴⁰ Jornal **República**.

¹⁴¹ Jornal **A Gazeta**, 03/04/1935.

pois também os documentos concernentes àquele pleito teriam sido suprimidos em incêndio, mas me parece que a vitória de Antonieta teria se constituído muito mais por articulações masculinas do que pelo mérito do incipiente feminismo catarinense que pouco parece ter se mobilizado quanto à escolha de Antonieta ao cargo. Não saberemos na prática como agiram e reagiram as mulheres catarinenses frente às vitórias de Antonieta de candidata à deputada. Teoricamente, pelo que me foi dado observar nas páginas dos jornais, as mulheres mantiveram-se quase indiferentes ao processo.

Como me referi anteriormente, aos Deputados eleitos caberia também a escolha do Governador. O nome de Aristiliano Ramos parecia ser consenso, até que Nereu Ramos resolve apresentar-se como candidato gerando surpresa e divisão de forças dentro do próprio Partido Liberal Catarinense. O furor foi geral e nos jornais inúmeras vezes manifestaram-se tentando explicar à população como se deu a candidatura de Nereu para Governador. Antonieta de Barros, no entanto, manteve-se inalterável ao lado de Nereu Ramos. Quando a campanha foi deflagrada, ela manifestou-se da seguinte forma:

Nossa Deputada, a illustrada professora e a festejada belletrista conterrânea assim falou à AA Gazeta sobre o momento político: - Há nomes que valem por uma bandeira, por um programma, pelas mais soberbas realizações, pelas mais justas conquistas. Assim o é o de Nerêu Ramos, o tribuno vibrante, o maior catharinense do momento. Não há quem lhe negue a cultura invulgar, correndo parallela com a honestidade impar [...] e se os grandes homens pódem offerecer como penhor das suas

acções de amanhã a sua vida pública de ontem, a vitória de Nerêu Ramos assegurará a Santa Catharina os dias que, de facto, merece vive. Com elle triumpho o povo cujas aspirações e direitos tem advogado, durante toda uma existência com o carinho e a pertinácia dos verdadeiros patriotas[...] quando se procuram consolidar os ideaes por que se levantou a Nação, em trinta, balanceando-se os homens, e os caracteres, dentro da communhão barriga-verde, fica-se a pergunta: - Quem maior do que Nerêu Ramos? Quem o supplantará?¹⁴²

Com tantos adjetivos observa-se que, indiscutivelmente, Antonieta de Barros e Nereu Ramos estiveram ligados um ao outro não apenas por laços políticos, mas ao que denota, por fortes laços de amizade pessoal. Antonieta chegara à política conduzida pelas hábeis mãos de Nereu Ramos e a este se manteria fiel, mesmo quando os ventos lhes soprassem contrários.

A disputa nos bastidores políticos era acirrada e contava-se com o voto de cada partidário, faziam-se acertos que os jornais não cansavam de denunciar. Aristiliano Ramos imaginava sua eleição assegurada, mas não esperava a dissidência de dois Deputados Coligados: Agrippa de Castro Faria e Arthur Ferreira Costa.

Um dia antes da eleição, que aconteceu em 1º de maio de 1935, por medo de represálias, os Deputados que apoiavam Nereu Ramos reuniram-se todos, inclusive Antonieta de Barros, no Quartel da Guarnição Federal onde passaram a noite. O jornal **O Estado** de 30/04/1935 noticia que, por medida de precaução, os Deputados *asylaram-*

¹⁴² Jornal **A Gazeta**, 28/04/1935 – manteve a grafia da fonte.

se no Quartel porque a casa de Nereu (onde estavam previamente reunidos) estaria sendo ameaçada de assalto.

O jornal **A Gazeta** informa o que considera “*Um gesto de altivez e nobreza%*”

Os Deputados Colligados Srs. Drs. Arthur Costa e Agippa de Faria estiveram hoje pela manhã no quartel do 14 BC, onde estão asylados os deputados que apoiam o Dr Nereu Ramos em maioria na Assembléia Constituinte. Os 2 constituintes colligados ali foram levar aos collegas a expressão do seu protesto vehemente e da sua solidariedade de companheiros pela maneira degradante com que se pretende amordaçar a consciência livre de cidadãos livres, enxovalhando assim, as tradições de cavalheirismo da gente barriga verde[...]

O fato deve ter sido marcante na vida de Antonieta de Barros porque nas notas biográficas da 2ª edição do livro “Farrapos de Idéias”, de 1971, sua irmã, D. Leonor de Barros, escreve: “[...] Esteve entre os Deputados que asilaram-se no quartel do 14..B.C. para garantir a eleição do Dr. Nereu Ramos à governança do Estado%” A fidelidade a Nereu Ramos parecia conduzir-lhe.

Assim, depois de tumultos e desafetos noticia-se em letras garrafais: “*Nereu Ramos venceu!*”, afirmativa que nos jornais de oposição aparecia com indignação e nos demais, com empolgação. Definido o nome do novo Governador, seguem os trabalhos da Constituinte que, a 25 de agosto, entregaria aos catarinenses sua sexta Constituição.

Quanto à atuação de Antonieta de Barros como Constituinte, pouco conseguiu além de dispersas e pouco elucidativas notas aos jornais como “*A Deputada, relatora do capítulo FUNCIONALISMO PÁBLICO, viu seu trabalho muito retalhado*”¹⁴³.

Ademais, acerca de sua conduta como parlamentar em primeira legislatura, pouco, quase nada pude constatar além de que a existência de uma mulher na Assembléia Legislativa parecia incomodar os adversários políticos do Partido Liberal catarinense. O jornal **Dia E Noite**, sob administração e Direção de Menezes Filho, abertamente contrário à administração de Nereu Ramos, publica em 21 de julho de 1937 um “*Fato Virgem em Nossa História*”

Observou-se, anteontem na Assembléia Legislativa, um fato curioso, virgem na história de Santa Catarina: aquela casa presidida por uma mulher. É que, ausentes os Srs, Altamiro Guimarães e Rogério Vieira, assumiu a presidência a Sra. Antonieta de Barros. O fato não pode passar em branca nuvem. Pelo contrário. Merece ser estereotipado em letras bem visíveis para que a posteridade o conheça e o julgue[...]

Ausentes o governador Nereu Ramos, por motivo de viagem e, Altamiro Guimarães, então Presidente da Assembléia, assumiu o governo Rogério Vieira que era o segundo Presidente. Antonieta era a primeira secretária e então, assumiu a Presidência da Casa, fato que, na opinião dos opositores, poderia estar denotando a “bagunça” institucionalizada do Governo ou mesmo a indignação de estarem simbolicamente sendo presididos por uma mulher, fato que merecia ser *estereotipado em letras bem*

¹⁴³ Jornal **O Estado**, 12/07/1935.

visíveis para que a posteridade o conhecesse e o julgasse. Hoje o conhecemos e o julgamos dentro das inúmeras dificuldades que as mulheres tiveram de transpor para adentrarem em outros espaços que não apenas o doméstico.

No final do ano de 1937, por ato (golpe) do Presidente Getúlio Vargas, são dissolvidas as Assembléias Estaduais, a Câmara e o Senado Federais. Nereu Ramos foi nomeado Interventor e permaneceu no cargo até o ano de 1945. Antonieta de Barros reassumiu suas atividades como professora sendo indicada para integrar o quadro docente do Colégio Coração de Jesus. Nele permaneceu até o ano de 1945 lecionando as disciplinas de Português e Psicologia.

1. A SEGUNDA LEGISLATURA DE ANTONIETA DE BARROS

Novas eleições voltaram a acontecer em 1947. Nesta, os componentes da Assembléia Legislativa tiveram, novamente, funções constituintes. Antonieta concorreu também àquelas eleições mas ficou como segunda suplente, retornando à Assembléia em 1948, não tendo, portanto, participado da redação daquela Constituição.

Para o Governo do Estado foi eleito Aderbal Ramos Da Silva, dando continuidade ao poder dos Ramos. Os membros do Partido Liberal Catarinense passaram, desta feita, a integrar os quadros do Partido Social Democrático (PSD).

Os maiores opositores do governo eram agora os representantes da UDN (União Democrática Nacional), liderada por Irineu Bornhausen.

Ao assumir pela segunda vez a cadeira de Deputada, Antonieta discursou:

Senhor Presidente:

Pela Segunda vez, o eleitorado livre da minha terra me conduz a este recinto. Venho, dum setor onde o trabalho é um sacerdócio, onde esquecidos de nós mesmos procuramos construir um mundo melhor[...] Deixei, Sr. Presidente, a seara harmoniosa da escola, onde não há ódios, onde o amor é o princípio e o fim, onde todo trabalho é construtivo para responder presente à chamada de meu Partido[...] Mas, se assim procedi foi, é, porque assim creio que, nesta Casa, como na Escola, acima dos Partidos, sem distinção de credos, a preocupação máxima, a preocupação única é Santa Catarina! Santa Catarina por si mesma! Santa Catarina dentro do Brasil! [...] ¹⁴⁴

Nesta segunda vez, Antonieta mostrou a que veio, ou seja, evidenciou que legislaria em defesa do magistério e que dele afastou-se para cumprir ao chamado do Partido. Assim, durante esta segunda legislatura, empreendeu de forma mais incisiva e impassível projetos em defesa da Educação.

Em agosto de 1948, apresentou Projeto de reestruturação da Escola Profissional Feminina, incluindo o “Curso de Cultura Geral”, argumentando:

Sentimos, Sr. Presidente, a necessidade de elevar o nível cultural feminino. Há neste nosso modo de pensar, a certeza do alto papel que a Mulher, como educadora, por natureza, desempenha na vida das coletividades. Tanto

¹⁴⁴ Este discurso encontra-se na 2ª edição do livro *Farrapos de Idéias*, reeditado em 1971 como já mencionei em nota anterior.

mais cultas, mais teremos de esperar das gerações por elas educadas.

Refletindo sobre este discurso, não pude me furtar de lembrar que, talvez, ela estivesse “reutilizando a linguagem da dominação” seguindo o pensamento de Roger Chartier que diz „*As fissuras que racham a dominação masculina (poderia ser qualquer outra dominação) não assumem todas a forma de dilacerações espetaculares nem se exprimem sempre pela irrupção de um discurso de recusa e de rebelião. Muitas vezes elas nascem dentro do próprio consentimento, reutilizando a linguagem da dominação para fortalecer a insubmissão*”¹⁴⁵ para alcançar seus objetivos sem denunciá-los. Assim, quem sabe, Antonieta estaria tentando *eleva*r o nível cultural feminino com outros fins que não os apresentados no discurso.

Outros projetos apresentados por Antonieta e que viraram lei: o Ingresso por Concurso ao Cargo de Diretor e Inspetor de Grupo Escolar, justificando-o: “[...] *as nossas indicações visam alargar a carreira de Professor Normalista, visto como condição básica para ser Inspetor ou Diretor, ter cinco anos como professor[...] Convertidos em lei, terão os nossos diretores e inspetores escolares, uma situação estável o que, ao meu ver, representa muito para as finalidades dos trabalhos que lhes está afeto*”¹⁴⁶; Concurso de Ingresso e Remoção ao Magistério; a possibilidade dos professores particulares inscreverem-se no Montepio dos Funcionários Públicos; a adesão de Santa Catarina em instituir como feriado nacional o dia 15 de outubro como dia do Professor e o projeto que regularia a concessão de bolsas escolares para os cursos superiores, técnicos e normais. Justificando este último “*Regulando-a, o nosso principal*

¹⁴⁵ CHARTIER, Roger. A História Hoje: Dúvidas, desafios, propostas. Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro: vol. 7 n° 13, 1994. p109

¹⁴⁶ Entrevista concedida ao jornal **O Estado** de 11/09/1948 explicando os Projetos apresentados.

objetivo foi aproveitar as inteligências e vocações que as condições financeiras impossibilitam de avançar e realizar".¹⁴⁷

Seu segundo mandato foi coroado de êxitos também porque o PSD estava em maioria na Assembléia. Os fatos que se sucedem nos anos seguintes são, em minha análise, os que precipitam Antonieta ao coma diabético que irá calar-lhe a voz no dia 28 de março de 1952.

Em 1951 ascendeu ao governo estadual o Sr. Irineu Bornhausen, representante da UDN, que contava com a adesão de outros partidos menores. Um de seus primeiros atos foi a anulação do Concurso de Ingresso e Remoção ao Magistério. Antonieta comenta no jornal **O Estado** de 13/03/1951:

[...] li, numa das folhas da terra, a notícia da anulação do Concurso de Ingresso e remoção ao Magistério. Dentro de mim, uma névoa de tristeza e mágoa foi crescendo, crescendo e se adensando, até dominar, por completo, todo meu mundo interior. Era a simpatia devida à professora que, ainda não morreu em mim, aos colegas, cujo caminho um decreto governamental fechou [...] Que triste despertar!

Estava triste porque o Governador, de um partido de oposição ao seu, anulara o Concurso de Ingresso e remoção ao Magistério, no entanto chama-me a atenção o fato de que em sua carreira no Magistério, jamais teria ela própria se submetido a nenhum concurso.

¹⁴⁷ Idem, jornal **O Estado**, 11/09/1948.

Antonieta aposenta-se por tempo de serviço, mas continua na regência da cadeira de Português do Colégio Dias Velho. Ao retornar da viagem de férias constata que seu nome não consta como examinadora das bancas de 2ª época. Fora exonerada sem prévio aviso. Uma Portaria de 24/02/1951 diz: *“O Secretário dos Negócios do Interior e Justiça do Estado de Santa Catarina resolve dispensar Antonieta de Barros da função de Professor de Português do Colégio Estadual Dias Velho da cidade de Florianópolis, visto ter sido aposentada por Decreto de 10 de janeiro de 1951”*

Para Antonieta, a exoneração deve ter implicado em supressão financeira, além de desgaste emocional, em suas palavras, morriam-lhe as esperanças e o desencanto apossava-se dia após dia:

*Passando pela vida, um infinito de criaturas caminha de mãos limpas do sangue do próximo. É o respeito ao preceito cristão, no sentido material. Todavia nem só a matéria sucumbe. Nem só o corpo é susceptível de sofrer o ataque e morrer. Matam-se esperanças, matam-se sonhos, matam-se ideais. E, nem por não haver sangue, deixa de haver crime e crime inominável [...] Sofremos a grande decepção, ao ler a fala do Governo ao Poder Legislativo, no capítulo referente ao Ensino. Lá está escrito textualmente: *“A situação do ensino público é desoladora”* Tão grande foi o desencanto, que pensamos houvesse, na expressão julgadora, as artimanhas de um infeliz[...] Ao Magistério Catarinense, naquela frase, nega o governo, a dignidade, a honra ao sacerdócio, o Amor à causa santa*

*do Brasil, na educação da sua gente[...] Como eu desejava que houvesse um pastel nesta expressão! [...] Mas o pastel não existe. E a palavra do chefe do estado, ali, está jogando a fama da incompetência e da negligência a todo professorado barriga verde[...]*¹⁴⁸

Antonieta sente-se ferida na alma, a causa de seu sofrimento eram as palavras do chefe de Estado que por constatar ser *a situação do ensino desoladora*, teria negado a competência e a habilidade não só do governo anterior em legislar tal causa, mas também de todo o *professorado barriga-verde*. Antonieta toma as dores das críticas, sobretudo ao governo anterior para si.

Apesar da exoneração ter-se verificado em fevereiro, somente em novembro manifesta-se em crônica sobre o ocorrido, dando-me a inferir sobre o quanto teria remuído o assunto, sem, contudo superá-lo por todos aqueles meses:

Neste instante da vida catarinense, quando a dirige um grande sentimento de PAZ, HARMONIA e JUSTIÇA sui generis, são interessantes e impõem meditação os reclamos da Paz que se ouvem de homens da situação. Colocando-se num partidarismo estreito e doentio, os homens que nos governam, mal subiram ao poder enveredaram pelas vielas estreitas e sombrias das perseguições. E surgiram desde fevereiro, para anular as belas palavras de paz do candidato, os fatos de guerra do governante que estabeleceram barreiras e impediram que,

¹⁴⁸ Jornal **O Estado**, 29/04/1951.

num gesto de compreensão democrática, finda a luta eleitoral, não houvessem vencedores, nem vencidos, mas catarinenses que se apertavam as mãos e acertavam o passo, na caminhada comum para o bem da terra que é de todos nós. As exonerações, dispensas e remoções com que castigam os funcionários pessedistas e que constituem uma página triste para a administração udenista em terras catarinenses, não podem basear-se no fato de o PSD não querer ou não poder cooperar com o atual Governo, integrando-o. Também é cooperação e cooperação de alta valia a das oposições que, fora da esfera administrativa, ficam muito à vontade para o trabalho saneador e construtivo de fiscalizar[...]

Pessoalmente, sempre prevíamos que não se conteria o nobre governante atual, naquela linha de conduta que se traçara, fazendo com que os udenistas perdessem um correligionário, para que os catarinenses tivessem um Governador[...]

Ao senhor Irineu Bornhausen faltou firmeza e valentia para[...] resistir à onda gigante e volumosa de ódio e vingança que o rodeou e dominou desfazendo o açúcar do bombom das promessas do candidato. Nós também fomos, duas vezes, atingida pela interessante Justiça do Governo atual: quando recebemos a dispensa da cadeira que ministrávamos no Colégio

Estadual Dias Velho e quando se negou o trabalho do professor catarinense, classificando de desoladora a situação do nosso ensino público [...] Nada o obrigava a conservar-nos na regência da cadeira de Português. Era um direito seu dispensar-nos. Depois havia a necessidade de vagas[...] Aprendemos com o filósofo que a maldade dos inimigos devemos sempre, considerá-las pequenas[...] A professora Antonieta de Barros foi, em verdade, dispensada da regência da cadeira de Português do Colégio Dias Velho. O Governo atual não lhe poderia conceder a aposentadoria, porque o já Governador Aderbal Ramos da Silva lhe havia concedido a 10 de janeiro, quando, ainda, não dirigia o Estado, Sua Excelência, o senhor Irineu Bornhausen. Aposentando-se jubilada, nada impedia que continuasse na regência da cadeira de Português do Colégio, onde se percebe por aula ministrada. Se a aposentadoria implicasse na dispensa não havia necessidade de um ato oficial para provocá-la. Mas historiemos o fato. De volta da viagem de férias[...] o dinâmico Diretor excluía-a.. E sua Excelência havia prometido colocar o ENSINO , MARGEM DA POLÍTICA... E SER O GOVERNADOR DE TODOS OS CATARINENSES. Muitas vezes vale a intenção[...] Agora perguntamos nós aos leitores que nos

*acompanham até aqui: A professora Antonieta de Barros não foi dispensada?*¹⁴⁹

Assim, deixava-se abater a cada crônica, em cada resposta que acreditava estar dando aos governistas, amargurava-se a cada dia. Por esta crônica estaria esclarecendo uma nota que saíra no jornal **O Estado**, dias antes, onde questionado pela imprensa sobre a dispensa da Professora, o Governo teria afirmado não tê-la dispensado e sim, aplicado a Portaria do Governador Aderbal Ramos da Silva que lhe concedera aposentadoria. A leitura desta crônica possibilita, mais uma vez, observar a amargura de nossa personagem, a *maldade* que entendia nos atos do Governador. Interessante também observar sua ironia ao usar termos como: *o dinâmico Diretor, Sua Excelência*, entre outros. Talvez estivesse sendo difícil demais para Antonieta acreditar-se fora da tutela do Estado, na oposição quando por tanto tempo estivera na situação.

Nesse ínterim, ainda verifico um desentendimento entre o então Deputado pela UDN, Oswaldo Rodrigues Cabral e Antonieta que deveria estar causando polêmica com as críticas crônicas que escrevia ao jornal **O Estado**, a cada número mais ardis. O Deputado teria proferido em sessão na Assembléia que aquilo que a professora fazia às páginas dos jornais era “*Intriga barata de senzala..*”

A frase seria a epígrafe da crônica de Antonieta, costumeiramente escrita aos domingos que responde indignada:

Tencionávamos hoje, continuar nossas considerações despreziosas a cerca da fala governamental ao Legislativo, no capítulo referente à Educação. Todavia porque o nobre Deputado nos apanhou as idéias

¹⁴⁹ Jornal **O Estado**, 11/11/1951.

esfarrapadas (segundo expressão sua) e as levou para a Assembléia, tivemos de alterar os nossos propósitos[...] Não conhecemos, na íntegra, o discurso com que o irritante e nobre deputado da posição nos castigou a incrível ousadia de achar injustos os conceitos com que o Governo aponta o Magistério ao Estado e ao país. Da peça · monumental e admirável, por certo, como são todos os trabalhos do ilustrado tribuno e historiador · apenas nos contaram a frase final e conceitos depreciativos sobre os nossos pobres Farrapos[...] Rimos. Š tudo tão pueril que achamos graça. E, pensamentos distante, perguntamos aos amigos: Mas onde foi isto? Na Alemanha de Hitler, ou nos Estados Unidos?¹⁵⁰

Nossa protagonista dizia *achar graça* da ousadia do Deputado, mas ao que tudo indica, nesta altura de sua existência, a graça parecia não mais figurar em seu dicionário pessoal. Antonieta tornara-se austera e suas crônicas passaram a ser muito extensas. Esta, entre outros itens, reflete a questão étnica de nossa personagem que, até o referido momento, não havia sido exposta. Na continuação, Antonieta escreve sobre sua etnia:

[...] não houve intriga nem barata, nem cara. Foi mero engano de Sua Excelência. A nossa palavra não tem preço. A chave de ouro com que fechou o seu monumental discurso não nos ofendeu. A ofensa viria e nós a

¹⁵⁰ Jornal **O Estado**, 06/05/1951.

repeliríamos, se vislumbrássemos que quis chamar-nos de branca [...] as considerações em torno da situação do ensino público, foram ditadas pelo coração de uma negra brasileira que se orgulha de sê-lo, que nunca se pintou de outra cor, que nasceu trabalhou e viveu nesta terra e que bendiz a Mãe, a santa Mãe, também negra, que a educou, ensinando-a a ter liberdade interior, para compreender e lastimar a tortura dos pobres escravos que vivem acorrentados, no mundo infinitamente pequeno das cousas infinitamente pequeninas e insignificantes [...] (Não voltaremos ao assunto) ¹⁵¹

Antonieta dizia orgulhar-se de ser negra, falara de sua mãe, da educação recebida por esta. Manifestara sua crença de que os escravos naquele momento eram os que se acorrentavam no *mundo infinitamente pequeno das cousas infinitamente pequeninas e insignificantes*. Mas dava mostras de que também estava acorrentando-se a tais *cousas infinitamente pequeninas*, talvez sem aperceber-se. Até então nada manifestara sobre o assunto e não me consta que tivesse, como Deputada, apresentado algum projeto que beneficiasse ou desse abertura aos demais negros. Nem em discursos ou em crônicas anteriores manifestou-se sobre a condição dos negros em Florianópolis. O motivo de tal silêncio poderia atribuir-se a sua etnia. Talvez temesse ser reconhecida como negra despertando comentários abertos que escapassem dos sussurros das rodas veladas, as quais por certo, conhecia bem.

¹⁵¹Idem.

Ao encerrar a crônica com o „*não voltaremos ao assunto*“ deveria estar referindo-se ao assunto etnia, pois que da situação do ensino e dos atos que julgava arbitrários do governo escreveria nos próximos artigos até silenciar em definitivo. Mesmo ao assunto etnia, em 22/07/1951, ao comentar a Lei Federal “Afonso Arinos” que enquadrava o racismo como contravenção penal e, portanto, passível de punição a qual Antonieta considerava desnecessária, dirá:

Lei alguma dilata e ilumina os horizontes do corpo dando aos homens os gestos que os elevam, conscientemente. E isto porque a lei inibe, mas não educa. E os comportamentos humanos, capazes de glorificar criaturas, libertando-as do acanhamento e da estreiteza dos sentimentos pequeninos, como os preconceitos são frutos da educação. E as sanções? Poderão perguntar-nos. Que representam elas para os maus conscientes, para aqueles cujo coração não se abre para as coisas belas e perfeitas da vida? O mau não teme as sanções, porque lhe falta educação para respeitar o próximo, tudo quanto é fonte de respeito em si mesmo. Se o medo às sanções pudesse reter os gestos que amesquinham os homens pela ausência de afetividade ou os animalizam, numa vertigem de sangue, as penitenciárias deixariam de existir pela sua desnecessidade. No entanto elas aí estão, para a recuperação do mau a quem faltou luz interior[...] E esta recuperação é obra da educação. Daí entendermos a

inocuidade da lei, que faz do preconceito um crime, se, paralela e intensivamente, lar e escola não trabalharem no sentido de reconduzir o Brasil ao nível educacional donde não se devera ter desviado[...]¹⁵²

Antonieta estava dando mostras que se pretendia acima de tais questões pelo nível de educação a que chegara e a que pretendia fazer chegar à população, mas também dava mostras que não visualizava as inúmeras dificuldades que os negros pertencentes a classes sociais menos abastadas, quase sempre entregues à própria sorte, sem meios de freqüentarem a Escola e darem prosseguimento à educação dos bancos escolares, sofriam. Talvez tivesse se distanciado demais da realidade social dos negros em Florianópolis, talvez não conseguisse mais nem mesmo enxergá-los por estar absolutamente engajada ao modelo social idealizado pela elite burguesa.

Ainda sobre seu provável desentendimento com Oswaldo R.Cabral, verifiquei que no dia 01 de maio de 1951, no jornal **O Estado**, uma nota que mesmo não trazendo a frase proferida pelo Deputado, elucida em parte a questão :

Não concordando com os conceitos de nossa colaboradora Maria da Ilha, em seu magnífico artigo publicado na edição de Domingo onde defendendo o professorado barriga verde de considerações pouco lisonjeiras contidas na Mensagem do Governador do Estado sobre remoções e demissões dos professores, o deputado Oswaldo Cabral sugere que a autora do artigo em referência em vez de criticar o atual governo, devia

¹⁵² Jornal **O Estado**, 22/07/1951.

filiar-se a UDN e criticar o governo anterior [...] é uma sugestão interessantíssima na qual, Maria da Ilha, tomará a devida nota.

A *briga* verificava-se nas páginas dos jornais e não devemos perder de vista que os jornais de então eram quase agremiações político partidárias. Em notas no jornal **O Estado**, freqüentemente encontraremos expressões que caracterizavam Oswaldo Rodrigues Cabral como “*irritante e irritado Deputado, acostumado a tumultuar trabalhos e provocar oradores quando em defesa de seus princípios.*”¹⁵³

Sobre o Deputado, em 1954, rompeu relações com Irineu Bornhausen, conforme atestou o professor Walter Piazza¹⁵⁴. No mesmo ano Cabral chegou à Presidência da Assembléia Legislativa apoiado pelo PSD e PTB, deixando os quadros partidários da UDN ficando, segundo Piazza, sem partido e finalizando sua carreira política ao cabo daquele mesmo ano.

Nosso consagrado historiador e Antonieta já haviam sido *colegas* na Assembléia de 1948 a 1950. Segundo consta em notas de sua biografia¹⁵⁵, Cabral, entre tantos atributos, também tinha o hábito de desenhar caricaturas, tendo feito uma de Antonieta de Barros sem, no entanto, lhe nomear. Abaixo da caricatura, o Deputado teria escrito, apenas um significativo “*Ela*”.

Quanto à Antonieta, durante praticamente todo o ano de 1951, observei que as crônicas estiveram voltadas a críticas ao governo de Irineu Bornhausen que, ao assumir seu mandato, em discurso, teria proferido que durante os quatro anos em que estaria à frente do Executivo, reinaria em Santa Catarina uma era de „*Paz, Harmonia e Justiça*”

¹⁵³ Uma das notas está no jornal **O Estado** do dia 18/04/1951 e é atribuída a Galloti Peixoto do PSD.

¹⁵⁴ PIAZZA, Walter F. O Poder Legislativo Catarinense: Das suas Raízes aos Nossos Dias (1834 – 1994). Florianópolis: Assembléia Legislativa, 1994, p. 342.

Essas três palavras permearam, desde então, os escritos de Antonieta que com hábil escárnio, freqüentemente as contestava. Antonieta não se conformava e não tolerava a ação governamental de Bornhausen, talvez porque este fosse abertamente inimigo político de Nereu Ramos. Escrevia então:

Há oito meses, Santa Catarina vive a era da PAZ, HARMONIA E JUSTIÇA. Olhar um pouco o que vai ficando nos dias vividos é convite irresistível que nos faz esta manhã cinzenta e fria. O desvirtuamento do conceito das palavras é impressionante! O contraste entre as promessas e a sua concretização é de pasmar. A admirável pregação dos candidatos de ontem, que deixou tanta gente feliz, e a ação com que brindam hoje, é magnífico exercício de frases erradas, para a realidade corrigir[...] o funcionalismo público, a quem foi prometido aumento de vencimentos, inexplicavelmente, por um sortilégio de miopia governamental, diminuiu tanto que ficou reduzido à Magistratura[...] O Montepio que era dos funcionários, hoje é uma das secretarias do Estado[...] As filas aumentam. De pronto, a do leite; agora a da carne. Š uma população a madrugar, em busca do alimento[...]o ensino primário, hoje em verdadeira SITUAÇÃO DE DESOLAÇÃO pela mudança contínua e inoportuna dos professores que não têm o dom

¹⁵⁵ SOUZA, Sara Regina Silveira de. Páginas De Um Livro de Memórias. Florianópolis: Ed. Da UFSC/UDESC, 1993.

*do milagre[...] Se tudo isso não fosse medonhamente desolador, haveria, no modo de agir dos detentores do Poder, matéria para rir, pelo modo que se desmentem, se desdizem, se negam [...] Como é difícil compreender, neste 1951, o sentimento das palavras, dos homens da situação diante da realidade dos fatos [...] Ou em linguagem udenista aquilo significa isto?*¹⁵⁶

Lentamente, o governador ia desfazendo os atos do governo anterior e isso irritava profundamente Antonieta, como se nos governos em que a oligarquia Ramos esteve no comando do Executivo, todos estes problemas tivessem sido suprimidos ou não tivessem existido.

A política dos adversários a consumia. Demonstrando melancolia, passara a vigiar atentamente as manobras do atual governo para lembrar e comparar aos atos de Nereu Ramos enquanto Governador, enaltecendo-o sobremaneira. Sua última crônica ao jornal **O Estado** é escrita em 17 de fevereiro de 1952. Pela última vez antes de seu falecimento, quando contava com apenas 51 anos, escreve sua indignação contra a ação governista que, naquela ocasião, estava anunciando Concurso de Ingresso para o provimento do cargo de professor, proclamando que *„A lei que estabeleceu este Concurso vem do Governo Constitucional de Nereu Ramos, que foi quem a sugeriu à então Deputada Antonieta de Barros, a fim de premiar o esforço dos normalistas, evitar-lhes a humilhação de Ter que esmolar o que lhes era de direito e dar à capacidade a prioridade que deve ocupar dentro da vida. Desconheceriam os situacionistas esta verdade.* Antonieta interpreta a ação dos situacionistas como

¹⁵⁶ Jornal **O Estado**, 21/10/1951.

mentiras as quais deveriam se contrapor às *verdades* criadas nos governos de Nereu Ramos e Aderbal Ramos da Silva as quais, em crônicas, não se cansava de evidenciar, reverenciando-as.

Antonieta não conseguia lidar com a sua situação, pois, depois de superada a infância e a adolescência difíceis, de privações financeiras, de sacrifícios para poder completar seus estudos, praticamente toda sua existência estivera no círculo do poder político e social de Florianópolis. O Magistério ao mesmo tempo em que lhe consumiu as energias também lhe conferiu prestígio e reconhecimento. Aos jornais, com seus escritos, ou sendo notícia nos mesmos, por mais de 20 anos se fizera presente. Apesar de não ter empunhado outra bandeira que não a da educação, sua vida representou, muito mais que seus textos, podemos pensar em conformidade com o que já fizera a professora Joana Maria Pedro¹⁵⁷, a quebra de estereótipos ligados a gênero e etnia. Santa Catarina, graças a esta e a outras tantas personagens que não são visibilizadas pela História possui *uma* (várias, quem sabe) história (s) que merece (e ainda carece) ser contada.

Em 1956, a Associação Feminina do PSD se autodenominou “Antonieta de Barros” para prestar-lhe uma homenagem. Nereu Ramos, convidado para presidir a Assembléia da referida Associação discursou lembrando a „*companheira*” política e reforçando a idéia que manifestei anteriormente sobre os laços de amizade que os unia.

Quisestes que essa Assembléia se instalasse sob o patrocínio de uma mulher que serviu a nossa terra com dedicação e bravura cívica, inexcédíveis. Quisestes ligar à vossa organização em nome de Antonieta de Barros, cujos

¹⁵⁷ Pedro, Joana Maria, *Mulheres Honestas*, op. Cit., p. 110.

*exemplos devem ser constantes ensinamentos para as novas gerações. De origem modesta, ela cresceu pelo esforço, pela sua inteligência, para marcar na inteligência de tantas gerações aqueles sinais que não de definir, constantemente, as nossas convicções e os nossos sentimentos morais. Professora de várias gerações a nossa Maria da Ilha foi uma alma forte, cujos exemplos serviram para animar quantos lhe acompanhavam a ação. Minha companheira de inextinguível bravura em campanhas cívicas, pude segui-la apreciando as grandes virtudes que lhe marcavam a personalidade. Lembro-me ainda de que, pouco antes de desaparecer, ela levantava a sua voz inflamada para defender a classe que ela tanto honrava, para defender a classe de professores. E, com que energia, e com que bravura ela estigmatizava as perseguições e as injustiças do Governo! Integrada na sua profissão, ela nos deixou um exemplo que não devemos e não podemos esquecer.*¹⁵⁸

Nereu Ramos lembrou-se de Antonieta como *companheira de inextinguível bravura em campanhas cívicas*, dizendo ainda que pouco antes de desaparecer ela *levantara a voz inflamada para defender a classe que tanto honrava*. Nesta fala talvez estivesse querendo reverenciá-la como professora que, pela profissão, esteve acima dos interesses políticos. Antonieta, contudo, principalmente na fase final de sua vida,

¹⁵⁸ Conferir: PERFIS PARLAMENTARES – 42 “Nereu Ramos”. Brasília: Câmara dos Deputados.

parece-me ter defendido o partido ao qual fez parte e o nome de Nereu Ramos, talvez mais que aos interesses de classe e/ou próprios. Basta conferir que de vinte e sete crônicas escritas, sobretudo no ano de 1951, vinte e três serão críticas ao Governador Irineu Bornhausen e à UDN. Nelas Antonieta se identificará muito mais como integrante do PSD, do que como professora, embora também faça alusão ao fato.

Antonieta, inegavelmente, deixara-se conduzir pelos ideais dos grupos ao qual pertenceu. Não que sua vontade própria tenha ficado alheia ao processo, mas, aproveitando-me da idéia de Norbert Elias sobre os indivíduos e sua sobrevivência nas sociedades: „[...] o fato de que a autonomia daquilo a que alguém chama *ÁósÊ* é mais poderosa do que os planos e objetivos individuais de qualquer *ÁeuÊ* individual%¹⁵⁹ Antonieta de Barros sofreu o entrelaçamento de muitas vozes e é possível que em meio a tantas, tenha esquecido de ouvir a sua própria voz interior. Não conseguiu, em meu entendimento, manter-se fiel às suas convicções e às suas origens. Quando talvez tenha pressentido que seus ideais pessoais lhe escapavam, era tarde demais para revê-los, pois a morte já estava à espreita. Ainda refletindo sobre o pensamento de Norbert Elias:

Veza após outra, os atos e obras de pessoas isoladas, entremeados na trama social, assumem uma aparência que não foi premeditada. Veza após outra, portanto, as pessoas colocam-se ante o efeito de seus próprios atos como o aprendiz de feiticeiro ante os espíritos que invocou e que, uma vez soltos, não mais permanecem sobre seu controle. Elas fitam com assombro as

¹⁵⁹ ELIAS, Norbert. A Sociedade dos Indivíduos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994, p. 58.

*reviravoltas e formações do fluxo histórico que elas
mesmas constituem, mas não controlam.*¹⁶⁰

Como *aprendiz de feiticeira*, neste caso, política, Antonieta não soube dominar os espíritos que evocou e estes a sufocaram...

*Não me julgueis presunçoso se digo:
Ninguém realmente vive sua vida.
As pessoas são acidentes, vozes, fragmentos,
Medos, banalidades, muita alegria miúda,
Já crianças, envoltas em dissimulação,
Quando adultas, máscaras; como rostos · mudas.*

*Penso muita vez: deve haver tesouros
Onde se armazenam todas essas muitas vidas,
Como armaduras ou liteiras, berços
Que nunca portaram alguém francamente real,
Vidas qual roupas vazias que não se sustentam
De pé e, despencando, agarram-se
Ïs sólidas paredes de pedra abobadada.*

*E quando à noite vagueio
Fora de meu jardim, imerso em tédio,
Sei que os caminhos todos que se estendem
Levam ao arsenal de coisas não vividas.*

*Não há árvore ali, como se a terra se guardasse
E como ao redor da prisão ergue-se o muro,
Sem janela alguma, em seu sétuplo anel.
E seus portões de trancas de ferro,
Que repelem os que querem passar
têm suas grades todas feitas
por mãos humana¹⁶¹*

¹⁶⁰ Idem

¹⁶¹ Rilke, R.M. De Sämtliche Werke, vol.I, Frankfurt, 1962, p. 316/317. Citado por: ELIAS, op. Cit., p. 59.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antonieta de Barros viveu uma circunstância que foi excepcional na história de Santa Catarina e, por isso, talvez, não repetida. Mesmo que para chegar à política tenha sido conduzida pelas mãos de Nereu Ramos, depois de seu feito, nenhuma outra mulher negra chegou ou foi conduzida à Assembléia Legislativa. Como professora é ainda lembrada e não à toa, relemos suas crônicas na intenção de vislumbrar o panorama por ela vivido, ainda que parcial.

No entanto, sinto que ao chegar ao fim desta escrita, algo ainda encontra-se incompleto. Havia tanto a dizer e as palavras me escaparam e o tempo para a escrita desta extinguiu-se. Talvez estas sejam as desculpas mais atraentes para forçar aos pesquisadores de um modo geral, encerrarem, em dado momento, suas pesquisas. Se ficasse a vida inteira escrevendo, anos após anos, conseguiria apanhar todas as palavras fugidias? Possivelmente ao encerrar o último capítulo, ainda sentiria que algo faltou dizer...

Então, porque nem todas as palavras posso e tenho conhecimento para usá-las, limito-me a encerrar esta etapa, para quem sabe, retomá-la mais à frente. Tantas crônicas lidas, tantas cópias de notícias, anotações as mais diversas, ficaram nos cadernos de pesquisa e sequer foram usadas. Talvez disso esse sentimento de incompletude.

Como quando lemos uma história e entregamos a ela nossos sentidos, rimos, choramos, acreditamos, duvidamos. Na história de Antonieta, li uma vida para então, reescrevê-la. Procurei um sentido para sua existência. Mas nem sempre a vida tem *um* sentido específico. Foi difícil organizar a escrita desta história de vida, principalmente

porque nas crônicas e nos documentos que ficaram, entrevemos a face pública de sua existência, porém a esfera privada não foi possível visualizar, apenas supor. A experiência afetiva de Antonieta, por exemplo, não ficou elucidada. Como Ana Chrystina Mignot¹⁶², ao escrever sobre a vida de Armanda Álvaro Alberto, questionou sobre sua personagem, também o faço. Onde estariam as cartas de amor, os bilhetes íntimos? *“Em que gavetas, sótãos, porões, armários, baús de memórias, outras dimensões de sua trajetória estão resguardadas? Quem sabe se nos diários das velhas amigas sua vida não pode ser mais bem compreendida? O que significa este silêncio?”*

No volume de informações que foram publicadas, encontrei dados que me permitiram recolher nesta Dissertação as impressões sobre as condições sociais, culturais e políticas em Florianópolis e até mesmo no Brasil no tempo em que viveu a personagem. Também o papel das mulheres naquela sociedade, o significado do magistério, as circunstâncias que tornaram possível o voto feminino e a presença da mulher na política. Assim, se é possível recuperar a História, encerrarei, acreditando ter contribuído em parte para tal.

¹⁶² MIGNOT, Ana Chrystina. Editando O Legado Pioneiro: O Arquivo de Uma Educadora. In: Refúgios do Eu. Florianópolis: Mulheres, 2.000, p. 138-139.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Jane Soares de. *Mulher e Educação: A Paixão Pelo Possível*. São Paulo: Ed. UNESP, 1998.

ALVES, Branca Moreira. *Ideologia e Feminismo*. Petrópolis: Vozes, 1980.

ARAÚJO, Hermetes Reis de. *A Invenção do Litoral: Reformas Urbanas e Reajustamento Social em Florianópolis na Primeira República*. São Paulo: 1989. Dissertação de Mestrado em História, PUC SP.

AVELAR, Lúcia. *O Segundo Eleitorado: Tendências do Voto Feminino no Brasil*. Campinas: Ed. Unicamp, 1989.

BARBOSA, Renato. *O Garoto e a Cidade, Florianópolis dos Anos 20*. Florianópolis: Imprensa Oficial do estado de Santa Catarina, 1979.

BESTER, Gisela Maria. *Revista de Ciências Humanas, Florianópolis: V. 15, n. 21, 1997.*

_____. *Direitos Políticos das Mulheres Brasileiras – Aspectos Históricos da Luta Sufrágica e Algumas Conquistas Políticas Posteriores*. Florianópolis: UFSC, Dissertação de Mestrado em Ciências Humanas, Especialização em Direito. 1996.

BOFF, Leonardo. *A Águia e a Galinha: Uma Metáfora da Condição Humana*. Petrópolis: Vozes, 1997.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembrança de Velhos*. São Paulo: T. A. Queiroz/Edusp, 1987.

BOURDIEU, Pierre. *A Ilusão Biográfica*. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (org). *Usos & Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

- BUITONI, Dulcília Helena Schroeder. *Mulher de Papel: A Representação da Mulher Na Imprensa Feminina Brasileira*. São Paulo: Ed. Loyola, 1981.
- BURKE, Peter. *A Escrita Da História*. São Paulo: UNESP, 1998.
- CABRAL, Oswaldo Rodrigues. *Breve Notícia Sobre o Poder Legislativo de Santa Catarina*. Florianópolis: Lunardelli, 1974.
- _____. *História de Santa Catarina*. Florianópolis: Lunardelli, 1970.
- CAMPOS, Cynthia Machado. *Controle e Normatização de Condutas em Santa Catarina (1930-1945)*. São Paulo: PUC, Dissertação de Mestrado em História, 1992.
- CANDIDO, Antonio. *A Educação Pela Noite & Outros Ensaios*. São Paulo: Editora Ática, 1989.
- CAPELATO, Maria Helena. *Os Arautos Do Liberalismo: Imprensa Paulista 1920 – 1945*.
- CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- _____. *A Invenção do Cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHARTIER, Roger. *A História Hoje: Dúvidas, desafios, propostas*. *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: vol. 7 nº 13, 1994.
- CHEREM, Miranda Rosângela. *Os Faróis do Novo Tempo – Política e Cultura no Amanhecer Republicano da Capital catarinense*. São Paulo: USP, 1998. Tese de Doutorado.
- CONCEIÇÃO, Maria Regina da. *Antonieta de Barros: O Perfil de Uma Educadora*. Florianópolis: UFSC, Trabalho de Conclusão de Curso do Departamento de História, julho de 1999.
- CORRÊA, Carlos Humberto P. *História da Cultura Catarinense: O Estado e as Idéias*. Volume I. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 1997.

_____. Um Estado Entre Duas Repúblicas: A Revolução de 30 e a Política de Santa Catarina até 35. Florianópolis: Ed. UFSC/ Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, 1984.

_____. Lições de Política e Cultura: A Academia Catarinense de Letras, Sua Criação e Relações com o Poder. Florianópolis: Ed. Pallotti, 1996.

CORRÊA, Nereu. Perfis e Retratos em Vários Tons. Florianópolis: Ed. UFSC, 1986.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Armadilhas Da Sedução. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

_____. Práticas de Leitura Entre Professores Primários: Florianópolis/SC (1950/60). In: História das Mulheres de Santa Catarina. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2001.

DA MATTA, Roberto. Relativizando: Uma Introdução à Antropologia Social. Petrópolis: Vozes, 1981.

DAHL, Tove Stang. O Direito Das Mulheres: Uma Introdução à Teoria do Direito Feminista. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Quotidiano e Poder na Cidade de São Paulo. São Paulo: Brasiliense, 1985.

ELIAS, Norbert. A Sociedade dos Indivíduos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

_____. Mozart, Sociologia de Um Gênio. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

FAUSTO, Boris. A Revolução de 1930: História e Historiografia. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1995.

FERNANDES, Florestan. O Negro No Mundo Dos Brancos. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972.

_____. A Integração do negro Na Sociedade de Classes. São Paulo: USP, Vol. II, 1965.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: ed. Nova Fronteira, 1988.

GOMES, Ângela Maria de Castro. Confronto e Compromisso No Processo de Constitucionalização (1930-1935) in: FAUSTO, Boris. O Brasil Republicano. Tomo III: Sociedade e Política (1930-1964). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

HOBBSAWM, Eric. Sobre História. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HUNT, Lynn. (org.) A Nova História Cultural. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ILHA, Maria da. Farrapos de Idéias. Florianópolis: editora do Autor, 2ª edição, 1971.

JAMUNDÁ, Theobaldo Costa. Nereu Ramos – O Da Hora da Reconstrução Nacional. Florianópolis: Ed. UFSC, 1968.

KUPKA, Roselana Neckel. Tensões e Imagens do Viver Urbano em Florianópolis – 1910/1930. São Paulo: PUC, Dissertação de Mestrado em História, 1993.

LEITE, Ilka Boaventura. Descendentes de Africanos Em Santa Catarina: Invisibilidade Histórica e Segregação. Cadernos Textos e Debates, Núcleo de Estudos Sobre Identidade e Relações Interétnicas. Ano I, nº 1, 1991, UFSC.

LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. Outra Face do Feminismo: Maria Lacerda de Moura. São Paulo: Ática, 1984.

LOBO, Beth. A Vida Como Obra. In: Cadernos Pagu: Campinas: Unicap, 1999(12)

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres Na Sala De Aula. IN: História das Mulheres No Brasil.Org por Mary Del Priore. São Paulo: Contexto, 2.000.

MALUF, Marina. Ruídos da Memória. São Paulo: Ed. Siciliano, 1995.

- MARIA, Maria das Graças. *Imagens Invisíveis de Áfricas Presentes – Experiências das Populações Negras no Cotidiano da Cidade de Florianópolis (1930-1940)*. Florianópolis: UFSC, Dissertação de Mestrado em História, 1997.
- MATOS, Maria Izilda. *Por Uma História da Mulher*. Bauru: EDUSC, 2.000.
- MICELI, Paulo. *O Mito do Herói Nacional*. São Paulo: Contexto, 1998.
- MIGNOT, Ana Chrystina Venancio et alii (org). *Refúgios do Eu: Educação, História, Escrita Autobiográfica*. Florianópolis: Mulheres, 2.000.
- _____. *Baú de Memórias, Bastidores de Histórias – O Legado Pioneiro de Armanda Álvaro Alberto*. Tese de Doutorado. Rio De Janeiro: puc, Departamento de Educação, maio de 1997.
- ORTIZ, Renato. *A Moderna Tradição Brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- PAIM, Antonio. *História do Liberalismo Brasileiro*. São Paulo: Mandarim, 1998.
- PEDRO, Joana Maria. *Mulheres Honestas e Mulheres Faladas: Uma Questão de Classe*. Florianópolis: Ed. UFSC, 1994
- _____. *Nas Tramas Entre o Público e O Privado: a Imprensa de Desterro (1831-1889)*. Florianópolis, 1993.
- PEREIRA, Ivonete. *As Decaídas: Mulheres no Quotidiano de Florianópolis (1900-1940)*. Florianópolis: UFSC, Dissertação de Mestrado em História, 1996.
- PEREIRA, Moacir. *Imprensa e Poder: A Comunicação em Santa Catarina*. Florianópolis: Lunardelli, 1992.
- PERFIS PARLAMENTARES, Nereu Ramos – 42 - Brasília: Câmara dos Deputados.
- PERROT, Michelle. *Os Excluídos da História: Operários, Mulheres, Prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.
- _____. *Mulheres Públicas*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

_____. Práticas da Memória Feminina. Revista Brasileira de História. São Paulo: v. 09, nº 18, 1989.

PIAZZA, Walter F. O Poder Legislativo Catarinense: Das suas Raízes aos Nossos Dias (1834 – 1994). Florianópolis: Assembléia Legislativa, 1994.

_____. Dicionário Político Catarinense. Florianópolis: ALESC, 1985.

_____. História da Gente. Florianópolis: Lunardelli, 1987.

PIZA, Edith. O Caminho Das Águas. São Paulo: Ed. USP, 1998.

Revista Brasileira de História. São Paulo: ANPUH, ed. UNIJUI, vol. 17, nº 33, 1997.

REIS, João José. O Cotidiano da Morte no Brasil Oitocentista. In: História da Vida Privada no Brasil, vol 2. São Paulo: Companhia Das Letras, 1997.

ROMERO, Silvio. História da Literatura Brasileira. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.

SAFFIOTI, H. A Mulher Na Sociedade de Classes: Mito e Realidade. In: LOURO, Guacira Lopes. Revista Educação e Realidade. Porto Alegre: jul/dez de 1989.

SCHMIDT, Benito Bisso. (org.) O Biográfico: Perspectivas Interdisciplinares. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.

SCHPUN, Mônica Raisal. Entre Feminino e Masculino: A Identidade de Carlota Pereira de Queiroz. In: Cadernos Pagu: Unicamp, 1999 (12)

_____. Carlota Pereira de Queiroz: Uma Mulher na Política. In: Revista Brasileira de História: São Paulo, v. 17, nº 33, 1997.

SCHROEDER, Rosa Maria Steiner. Uma Mulher Além do Seu Tempo: Maura De Senna Pereira. Florianópolis: UFSC, Dissertação de Mestrado em História, 1997.

SEVCENKO, Nicolau. A Capital Irradiante: Técnica, Ritmos e Ritos do Rio. In: História da Vida Privada No Brasil, volume três. Organizador do volume: Nicolau Sevcenko. São Paulo: Companhia Das Letras, 1998.

SILVA, Josefina da. Antonieta de Barros – Maria da Ilha: Discurso e Catequese. Dissertação de Mestrado em Teoria Literária: UFSC, defendida em novembro de 1991.

SILVA, Marcos. O Trabalho da Linguagem. Revista Brasileira de História. São Paulo: ANPUH/ Marco Zero, volume 6, nº 11, 1985/1986.

SOUZA, Sara Regina Silveira de. Páginas De Um Livro de Memórias. Florianópolis: Ed. da UFSC/UDESC, 1993.

TELLES, Norma. Escritoras, Escritas, Escrituras. In: História das Mulheres No Brasil. São Paulo: Contexto, 2.000.

TELLES, Lygia Fagundes. Mulher, Mulheres. In: História das Mulheres No Brasil. São Paulo: Contexto, 2.000.

THOMPSON, E. P. Miseria de La Teoria. Barcelona: Grijalbo, 1981.

WOLF, Cristina Scheibe. Historiografia Catarinense: Uma Introdução ao Debate. Revista Catarinense de História. Florianópolis, 2:5 – 15, 1994.

**JORNAIS PESQUISADOS JUNTO AO SETOR DE OBRAS RARAS
DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO ESTADO DE SANTA CATARINA:**

Jornal **A Semana** • 1929 a 1930.

Jornal **República** – 1929 a 1937.

Jornal **Dia e Noite** – 1937 a 1938.

Jornal **A Pátria** – 1934 a 1935.

Jornal **A Gazeta** – 1934 a 1936.

Jornal **O Estado** – 1934 a 1952.

Jornal **Correio do Estado** – 1934.

Jornal **Diário Catarinense** – Suplemento Especial, 25/11/1993.

Diário Oficial do Estado de Santa Catarina – 1934.

DOCUMENTOS:

Livro de batizados: 1889-1902 – folhas 136, nº 280 – Arquivo Histórico Eclesiástico de Florianópolis.

ENTREVISTAS:

Sra. Olga Brasil Da Luz

Sr. Mauro Amorim

ENTREVISTAS CONCEDIDAS À MARIA REGINA CONCEIÇÃO O:

Alaíde Sarda Amorim

Armando Calil Bulos

Carlos Bagé

Etelvina Maria de Mello Santos

ANEXOS

Figura 1



Figura 2



Figura 3



Figura 4



Figura 5



Figura 6



Nereu Ramos com bancada de Deputados Estaduais que o elegeu Governador do Estado em 19 de maio de 1955

Figura 7



Figura 8



Figura 9



Figura 10



Figura 11



ÍNDICE DAS FIGURAS

Figura 1 • Foto concedida à Deputada Ideli Salvatti por D. Alaíde Sardá Amorim (hoje com 92 anos). Turma de 1931 do Curso Antonieta de Barros. À direita Antonieta de Barros e à esquerda, sua irmã, Leonor de Barros.

Figura 2 – Do acervo de Ideli Salvatti, também concedida por D. Alaíde Sardá, Antonieta de Barros com seus amigos em piquenique no Balneário de São Miguel. Em pé, da esquerda para a direita está Leonor de Barros, ainda criança. Na seqüência, Antonieta, Maria Sardá, uma amiga não identificada, Nila Sardá e outra amiga não identificada.

Figura 3 - Antonieta de Barros, ao iniciar carreira política.

Figura 4 - Rubrica de Antonieta

Figura 5 - Foto (gravura) de Antonieta de Barros, “jovem intelectual” retirada do livro de Carlos Humberto Corrêa, História da Cultura Catarinense, op. Cit., p. 165.

Figura 6 – Antonieta de Barros com a bancada de Deputados Estaduais que elegeram Nereu Ramos (ao centro) como Governador do Estado em 1935. Retirada do livro: Perfis Parlamentares: Nereu Ramos, op. Cit.

Figura 7 – Colégio Estadual Antonieta de Barros, na atualidade, antigo Colégio Estadual Dias Velho.

Figura 8 – Do acervo de Ideli Salvatti, casas de porta e janela de Florianópolis do início do século XX. Moradias características de famílias pobres como fora à de Antonieta.

Figura 9 – Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina à época de Antonieta e a qual incendiou-se em 1956.

Figura 10 – Foto do acervo de Ideli onde se apreendeu uma imagem rara de Antonieta sorrindo e no verso da qual Antonieta escreveu à sua amiga Nila Sardá: *„São mentirosos os que dizem que sou triste!%o*

Figura 11 – Também do acervo da Deputada, Antonieta e sua amiga Nila Sardá.

NOTA: As fotos do acervo da Deputada Ideli Salvatti encontram-se na Home Page: [www. Ideli.com.br/antonieta](http://www.Ideli.com.br/antonieta)